



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MATHEUS MANGANARO DE SOUZA

**APONTAMENTOS PARA UMA METAFILOSOFIA EM
B. F. SKINNER**

Londrina
2024

MATHEUS MANGANARO DE SOUZA

**APONTAMENTOS PARA UMA METAFILOSOFIA EM
B. F. SKINNER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análises Teórico-Conceituais em Análise do Comportamento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Laurenti

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S729a Souza, Matheus Manganaro de.
Apontamentos para uma metafilosofia em B. F. Skinner / Matheus Manganaro de Souza. - Londrina, 2024.
159 f. : il.

Orientador: Carolina Laurenti.
Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Filosofia - Tese. 2. Metafilosofia - Tese. 3. Comportamentalismo Radical - Tese. 4. B. F. Skinner - Tese. I. Laurenti, Carolina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

MATHEUS MANGANARO DE SOUZA

APONTAMENTOS PARA UMA METAFILOSOFIA EM B. F. SKINNER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análises Teórico-Conceituais em Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Carolina Laurenti
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Dr. Alexandre Dittrich
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Londrina, 30 de setembro de 2024

Dedico este trabalho às minhas avós, Rosa Rissi Manganaro (*in memoriam*) e Maria Rosa de Souza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, aos meus pais, Sandra Regina Manganaro e Paulo Donizeti de Souza, sem os quais nada do que fiz teria sido possível. Sou eternamente grato pelo apoio incondicional oferecido, que me garantiram as condições necessárias para a realização desta pesquisa e para alcançar qualquer outra conquista. Apoio que foi muito além de material, mas emocional e de confiança plena, sempre presentes ao longo de todo meu percurso.

Agradeço também a outros membros de minha família, que me apoiaram, cada um ao seu modo, ao longo da minha vida. Em especial, agradeço à minha irmã, Gabriela, e às minhas avós, Rosa e Rosa. Sem vocês e o amor e cuidado de vocês, eu seria uma pessoa completamente diferente. O amor e apoio de vocês foi essencial para que eu pudesse alcançar o que alcancei. Agradeço ainda à Carmem que tanto cuidou de mim ao longo de minha vida, um cuidado baseado em um carinho e amor genuíno.

Agradeço ainda aos meus amigos que me acompanharam até aqui. A presença de vocês fez com que a vida se tornasse mais leve e bela e, por isso, sou absolutamente grato. Apesar de serem tantos nomes que partilharam dessa jornada comigo, agradeço com especial carinho aos meus amigos Lucas, Débora, Danilo e Evelyn. Nunca serei capaz de colocar em palavras a importância de vocês para a minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Carolina Laurenti, pela constante orientação, apoio e imensa compreensão desde a graduação. Por cultivar o meu amor pela Análise do Comportamento e pelo Comportamentalismo Radical e, ainda mais importante, pelo amor ao trabalho e vida acadêmica. Sem você, esta pesquisa jamais teria sido possível: sem a orientação cuidadosa, o rigor filosófico e científico, o entusiasmo e o cuidado, o resultado desta pesquisa jamais teria sido tão satisfatório. Agradeço ainda pela confiança e pelas inúmeras oportunidades de aprendizado e desenvolvimento que sem sua orientação jamais teriam sido possíveis.

Gostaria de agradecer também aos diversos professores que foram tão importantes na minha caminhada acadêmica. É impossível de reconhecer a sutileza da contribuição de cada um para a minha formação como acadêmico e como pessoa. Em especial, agradeço aos professores Carlos Eduardo Lopes, Diego Zilio e Alexandre Dittrich pelas contribuições inestimáveis a esta pesquisa como membros das bancas de qualificação e defesa.

Agradeço também à Universidade Estadual de Londrina (UEL) e ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento (PPGAC) pelas oportunidades ímpares de aprendizado e desenvolvimento oferecidas ao longo do mestrado.

Agradeço, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento de parte da pesquisa.

*“De todo amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh’alma da vida
Sorrindo e fazendo meu eu”*

Maria Gadú
Dona Cila

SOUZA, M. M. **Apontamentos para uma metafilosofia em B. F. Skinner**. 2024. 159f. Dissertação (Pós-Graduação em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

Comportamentalismo Radical é a filosofia da ciência do comportamento humano proposta por B. F. Skinner, indicando uma relação próxima entre filosofia e ciência na Análise do Comportamento. Apesar disso, o conceito de filosofia não é tão claro nem na obra skinneriana e nem na própria literatura filosófica. Na literatura filosófica, as reflexões sobre a natureza da filosofia são agrupadas em uma disciplina denominada de metafilosofia. Três questões podem ser destacadas como centrais para esse campo: *o que* é filosofia, *como* se faz filosofia e *para que* fazer filosofia. Considerando essas questões e as discussões que Skinner realiza sobre a filosofia ao longo de sua obra, esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma posição metafilosófica compatível com as afirmações de Skinner sobre a filosofia. Para tanto, foi proposta uma pesquisa de natureza teórico-conceitual que toma por fonte os livros originais publicados por Skinner em língua original (inglês). A pesquisa foi dividida em três etapas: (i) rastreamento e compilação das menções à filosofia nos livros de Skinner; (ii) categorização das menções à filosofia nos livros de Skinner em termos das questões metafilosóficas fundamentais; e (iii) articulação das afirmações de Skinner sobre a filosofia em um texto-síntese. Foram encontradas 504 ocorrências do radical “philosoph” nas obras selecionadas, com 158 exclusões, totalizando 346 trechos analisados e categorizados. A concentração das menções encontradas se deu entre as décadas de 1950 e 1980, acompanhando o aumento das publicações teóricas de Skinner como um todo. Dos 346 trechos categorizados, 136 foram categorizados como declarações que respondem à questão “O que é filosofia?”, 89 respondem a “Como fazer filosofia?” e 121 correspondem a respostas à pergunta “Para que filosofia?”. Além disso, as declarações de Skinner podem ser divididas em uma metafilosofia descritiva e uma metafilosofia prescritiva. Como metafilosofia descritiva, Skinner discutiu a filosofia tradicional como uma área do conhecimento interessada no comportamento humano que adota uma concepção tradicional de comportamento e usa da introspecção como método. Skinner defende que essa filosofia busca produzir um conhecimento sobre o ser humano e promover melhores práticas culturais, mas acaba por ter efeitos danosos para a compreensão do comportamento humano e para a cultura. Em sua dimensão prescritiva, Skinner propõe o Comportamentalismo Radical como uma filosofia alternativa. O Comportamentalismo Radical pode ser compreendido como uma filosofia do comportamento em sentido amplo que propõe uma concepção original de comportamento que torna uma ciência autônoma do comportamento possível. Essa filosofia ainda é instruída pelo conhecimento produzido pela ciência do comportamento, oferecendo soluções originais aos problemas filosóficos tradicionais. Por fim, essa filosofia tem por objetivo promover o desenvolvimento de uma ciência autônoma do comportamento humano que, por sua vez, está comprometida com a sobrevivência das culturas. Avaliar uma filosofia envolve, nesse contexto, avaliar as consequências de sua adoção. Promovendo a ciência do comportamento humano, o Comportamentalismo Radical é uma filosofia que visa promover a própria sobrevivência das culturas. Apesar de não ter escrito uma obra dedicada à discussão da filosofia, foi possível organizar as declarações de Skinner espalhadas ao longo de sua obra na forma de um discurso metafilosófico sistemático. O autor articulou ciência e filosofia ao discutir a filosofia: uma ciência filosoficamente informada que pode investigar a filosofia como fenômeno comportamental e uma filosofia instruída pelo conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano que busca oferecer soluções aos problemas filosóficos tradicionais.

Palavras-chave: Filosofia. Metafilosofia. Comportamentalismo Radical. B. F. Skinner.

SOUZA, M. M. **Notes towards a metaphilosophy in B. F. Skinner**. 2024. 159f. Dissertação (Pós-Graduação em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

Radical Behaviorism is the philosophy of the science of human behavior proposed by B. F. Skinner, indicating a close relationship between philosophy and science in Behavior Analysis. Despite this, the concept of philosophy is not so clear neither in Skinnerian work nor in the philosophical literature. In philosophical literature, the reflections on the philosophy's nature are subsumed in a discipline named metaphilosophy. Three questions can be highlighted as central to this field: *what* is philosophy, *how* philosophy is done and *why* philosophy is done. Considering this questions and Skinner's discussions about philosophy in his work, this research aims to present an metaphilosophical stance compatible with Skinner's statements about philosophy. For this purpose, a theoretical-conceptual research was proposed with the Skinner's original published books in their original language (English) as its source. The research was divided in three stages: (i) tracking and compilation of philosophy mentions in Skinner's books; (ii) categorization of the mentions according to the central metaphilosophical questions; and (iii) articulation of Skinner's statements about philosophy in a synthetic-text. 504 occurrences of the radical "philosoph" were found in the selected works. 158 occurrences were excluded, totaling 346 mentions to analysis and categorization. A concentration of mentions was found between the decades of 1970 and 1980, following the rise in Skinner's theoretical publications as a whole. Of 346 categorized mentions, 136 were categorized as statements that answer the question "What is philosophy?", 89 answer "How philosophy is done?" and 121 were answers to the question "Why is philosophy done?". Furthermore, Skinner's statements can be subsumed in a descriptive metaphilosophy and a prescriptive metaphilosophy. As a descriptive metaphilosophy, Skinner discussed the traditional philosophy as a knowledge field interested in human behavior that adopts a traditional understanding of behavior and has introspection as its method. Skinner defends that this philosophy aims to produce knowledge about human beings and to promote better cultural practices, but ends up having negative effects for the understanding of human behavior and for the culture. In its prescriptive dimension, Skinner proposes Radical Behaviorism as an alternative philosophy. Radical Behaviorism can be understood as a general philosophy of behavior that proposes an original conception of behavior that makes an autonomous science of behavior possible. This philosophy is, in return, instructed by the knowledge produced by the science of behavior, proposing original answers to the traditional philosophical problems. At last, this philosophy aims to promote the advancement of an autonomous science of human behavior that, in turn, is compromised with the survival of the cultures. To evaluate a philosophy involves, in this context, to evaluate the consequences of its adoption. Promoting the science of human behavior, Radical Behaviorism is a philosophy that aims to promote the very survival of the cultures. Although he did not write a work dedicated to the discussion of philosophy, it was possible to organize Skinner's scattered statements throughout his work into a systematic metaphilosophical discourse. The author articulated science and philosophy when discussing philosophy: a philosophically informed science that can investigate philosophy as a behavioral phenomenon, and a philosophy instructed by the knowledge produced by the science of human behavior that seeks to offer solutions to traditional philosophical problems.

Keywords: Philosophy. Metaphilosophy. Radical Behaviorism. B. F. Skinner.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Número de ocorrências por livro.....	34
Figura 2 – Fluxograma das ocorrências analisadas e categorizadas	35
Figura 3 – Número de ocorrências por livro, sem elementos extratextuais	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de obras selecionadas para análise.....	27
Tabela 2 – Tabela modelo para sistematização das menções à filosofia.....	30
Tabela 3 – Lista de capítulos selecionados para leitura na íntegra	30
Tabela 4 – Número de ocorrências por capítulo de livro.....	147
Tabela 5 – Número de ocorrências selecionadas para análise por capítulo de livro.....	154

LISTA DE ABREVIATURAS

BO	<i>The behavior of organisms: an experimental analysis</i>
SHB	<i>Science and human behavior</i>
VB	<i>Verbal behavior</i>
TT	<i>The technology of teaching</i>
CR	<i>Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis</i>
BFD	<i>Beyond freedom and dignity</i>
AB	<i>About behaviorism</i>
PL	<i>Particular of my life</i>
RBS	<i>Reflections on behaviorism and society</i>
SB	<i>The shaping of a behaviorist</i>
NOTE	<i>Notebooks</i>
SC	<i>Skinner for the classroom: selected papers</i>
MC	<i>A matter of consequences</i>
EOA	<i>Enjoy old age: a program of self-management</i>
CP	<i>Canonical papers of B. F. Skinner</i>
UFR	<i>Upon further reflection</i>
RIAB	<i>Recent issues in the Analysis of Behavior</i>
CRec	<i>Cumulative record: definitive edition</i>

SUMÁRIO

Introdução	14
<i>Metafilosofia: filosofia como questão filosófica</i>	16
<i>Apontamentos iniciais de Skinner sobre a filosofia</i>	21
Objetivo	26
<i>Geral</i>	26
<i>Específicos</i>	26
Método	27
<i>Fontes</i>	27
<i>Etapas e procedimentos</i>	29
Resultados	33
<i>Categorização das menções</i>	37
Metafilosofia descritiva skinneriana	40
<i>Filosofia tradicional: o que é?</i>	40
<i>Filosofia tradicional: como se faz?</i>	49
<i>Filosofia tradicional: para que se faz?</i>	60
Metafilosofia prescritiva skinneriana	81
<i>Comportamentalismo Radical: o que deve ser a filosofia?</i>	81
<i>Comportamentalismo Radical: como se deve fazer filosofia?</i>	88
<i>Comportamentalismo Radical: para que fazer filosofia?</i>	105
Discussão	111
Considerações finais	131
Referências	135
Apêndices	146
<i>Apêndice A – Número de ocorrências por capítulo de livro</i>	147
<i>Apêndice B – Número de ocorrências selecionadas para análise por capítulo de livro</i>	154

Introdução

B. F. Skinner (1953, 1971, 1974) propôs uma psicologia científica que tivesse por objeto de estudo o comportamento, em especial o comportamento humano, denominando-a Análise do Comportamento. Tal psicologia seria construída aos moldes de uma ciência natural, tendo por objetivo a descrição de relações ordenadas entre estímulos ambientais (antecedentes e/ou consequentes) e respostas do organismo. Na medida em que busca regularidades no comportamento por meio da manipulação de variáveis sob condições controladas, ou seja, pelo uso do método experimental, uma ciência do comportamento humano permitiria a previsão e controle do comportamento humano. A ciência comportamental advogada por Skinner (1953, 1971, 1974) daria origem, então, a uma tecnologia comportamental, entendida como a aplicação dos princípios comportamentais, formulados principalmente a partir da aplicação do método experimental, na solução de problemas humanos.

A proposta skinneriana envolve ainda uma filosofia da ciência do comportamento humano, o Comportamentalismo Radical. Skinner (1974) é enfático em destacar que o “Comportamentalismo não é a ciência do comportamento humano; ele é a filosofia dessa ciência” (p. 3). Ao afirmar isso, Skinner (1974) tinha, de acordo com Laurenti et al. (2020), uma consciência filosófica, não realizando um rompimento total entre a ciência psicológica e a filosofia. A Análise do Comportamento como pensada por Skinner (1953, 1971, 1974) seria, na análise dos autores, uma ciência filosoficamente informada.

Na medida em que Skinner (1974) propõe uma distinção, mas não um rompimento, entre psicologia e filosofia, o autor distancia-se da historiografia positivista da ciência e diferencia-se do modo como tradicionalmente se deu a história da institucionalização da psicologia. Contra a historiografia positivista, o projeto skinneriano não pressupõe o rompimento com a filosofia como requisito para a cientificidade da psicologia. Contra a

história da institucionalização tradicional da psicologia, a Análise do Comportamento não prioriza a psicologia como profissão e nem a pesquisa tecnológica em detrimento da crítica filosófica¹ (Abib, 1998; Laurenti et al., 2020).

Em decorrência dessas diferentes dimensões da proposta skinneriana, a Análise do Comportamento é costumeiramente dividida em três áreas de produção de conhecimento: a Análise Experimental do Comportamento, envolvendo pesquisas empíricas que buscam descrever processos e princípios comportamentais básicos; a Análise Aplicada do Comportamento, envolvendo os trabalhos de intervenção e de uma profissão de ajuda que usam dos princípios comportamentais já conhecidos; e o Comportamentalismo Radical, envolvendo trabalhos teórico-conceituais, filosóficos e históricos. Apesar de distintas, as três áreas, em tese, se inter-relacionam e são interdependentes, cultivando relações e estando em constante diálogo com os demais ramos (Carvalho Neto, 2002; Dittrich, 2011; Tourinho, 1999, 2003).

Zilio (2019), divergindo da tradição de dividir a disciplina nas três áreas supracitadas, propõe que as análises teórico-conceituais sejam agrupadas em uma área denominada por Análise Teórica do Comportamento. O autor defende que, ao diferenciar Análise Teórica do Comportamento e Comportamentalismo Radical, estaria se diferenciando pesquisa teórica (como comportamento de teorizar) e teoria (como produto verbal do comportamento de teorizar). Essa distinção impediria que o Comportamentalismo Radical seja tomado como “algo engessado, o conjunto de valores ou princípios imutáveis da área” (Zilio, 2019, p. 241).

Ademais, na diferenciação proposta por Zilio (2019), o Comportamentalismo Radical não é apenas uma das dimensões da Análise do Comportamento, equivalente às demais, mas é o elemento integrador da área. O Comportamentalismo Radical constitui, assim, os

¹ Apesar de, em princípio, a Análise do Comportamento não privilegiar a psicologia como profissão e nem a pesquisa tecnológica, Tourinho (2003) sugere um desenvolvimento desigual da área, que privilegiaria a pesquisa empírica em detrimento da pesquisa filosófica e conceitual. Contra esse apontamento, a investigação de Strapasson et al. (2013) revela uma predominância de pesquisas teóricas em relação às pesquisas básicas e aplicadas nas publicações em revistas brasileiras especializadas em Análise do Comportamento.

pressupostos teóricos comuns à Análise Experimental, Aplicada e Teórica do Comportamento, permitindo que essas dimensões da Análise do Comportamento sejam compreendidas como parte de uma disciplina comum.

Em ambas representações da disciplina, o Comportamentalismo Radical – isto é, a filosofia – tem um papel importante na Análise do Comportamento. Na descrição tradicional, o Comportamentalismo Radical ocupa um lugar de igualdade em relação às demais dimensões da Análise do Comportamento (Carvalho Neto, 2002; Dittrich, 2011; Tourinho, 1999, 2003). Na proposta de Zilio (2019), o Comportamentalismo Radical ocupa um papel de ainda mais destaque na Análise do Comportamento: a filosofia é central para a identidade dessa ciência. Dada a relevância da filosofia à Análise do Comportamento, uma compreensão do que é filosofia torna-se importante. O campo da filosofia especializado na investigação da filosofia é denominado metafilosofia (Overgaard et al., 2013).

Metafilosofia: filosofia como questão filosófica

A natureza da filosofia é um dos temas clássicos de investigação filosófica. Assim como outras questões filosóficas tradicionais – sobre o conhecimento, verdade, razão, moralidade (Marcondes & Franco, 2011) –, a reflexão filosófica voltou-se repetidamente à compreensão do que é a filosofia, com diferentes respostas sendo formuladas por diferentes filósofos ao longo da história. Marcondes e Franco (2011) destacam essa diversidade de respostas ao afirmar que “No decorrer da história, muitas foram as definições de filosofia formuladas por filósofos. Não raro, na obra de um mesmo pensador encontramos concepções variadas, que podem ou não divergir entre si” (p. 9). Em direção semelhante, Plant (2017) afirma que “a história da filosofia é uma história de discordâncias sobre questões filosóficas específicas e sobre a natureza da própria filosofia” (p. 6).

A reflexão sobre a filosofia acompanhou a própria filosofia em seu desenvolvimento histórico (Rescher, 2014). Apesar de ser, de acordo com Plant (2017), “relativamente infrequente” na história da filosofia a emergência do questionamento explícito sobre a natureza da filosofia, o modo diverso como diferentes filósofos praticaram a filosofia sugere diferentes concepções de sua disciplina. De acordo com Rescher (2014), é na forma de uma discussão de suas próprias práticas que filósofos historicamente desenvolveram reflexões metafilosóficas. Uma investigação sistemática da filosofia, independente das práticas individuais de filósofos, surgiu apenas no século XX (Rescher, 2014).

As investigações filosóficas sobre a filosofia são costumeiramente agrupadas em uma disciplina denominada metafilosofia (Lazerowitz, 1970; Overgaard et al., 2013). Apesar de concentrar-se em uma das questões fundamentais e históricas da filosofia, a metafilosofia como uma disciplina especializada surgiu apenas no século XX. A própria palavra *metafilosofia*, que nomeia a disciplina, foi cunhada por Morris Lazerowitz na década de 1940 (Lazerowitz, 1970). No contexto da metafilosofia, o prefixo *meta-* denota que é um discurso *sobre algo*. No caso em questão, trata-se de um discurso sobre a filosofia. Compreendida como uma disciplina filosófica, é possível afirmar que a metafilosofia é uma filosofia sobre a filosofia. Desse modo, pode ser denominada também de filosofia da filosofia (Overgaard et al., 2013; Rescher, 2014).

A metafilosofia é, portanto, o ramo da filosofia que tem a filosofia e o fazer filosófico como objeto de investigação: “a investigação sobre a natureza das questões filosóficas e os métodos (a serem) adotados nas respostas delas” (Overgaard et al., 2013, p. 4). De acordo com Rescher (2014), a metafilosofia é um projeto de examinar a filosofia de um ponto de vista filosófico, compreendendo um exercício reflexivo da filosofia sobre si mesma, visando compreender o seu funcionamento. Uma compreensão que, segundo Lazerowitz (1970), é essencial para a própria filosofia: “a necessidade de melhorar nossa compreensão da filosofia,

o que ela é e como trabalha, não pode mais ser questionada por filósofos sérios sobre seu objeto” (p. 91).

Uma especificidade da metafilosofia é, segundo Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014), a de adotar um ponto de vista filosófico no exame da própria filosofia. Como descreve Plant (2017), a questão “O que é filosofia?” pertence à filosofia na medida em que “ser reflexivo sobre o que é filosofia constitui uma responsabilidade filosófica básica” (p. 7). Não é uma questão que pertence à filosofia apenas por fatores históricos, apesar de ser uma questão que a acompanhou ao longo de seu desenvolvimento. De acordo com Plant (2017), “apenas na filosofia tais questões ‘meta’ são parte integrante da disciplina” (p.7). A questão “O que é filosofia?” é uma questão filosófica na medida em que a filosofia faz questões análogas como, por exemplo, “O que é ciência?” e “O que é história?” (Overgaard et al., 2013).

Para além das semelhanças entre a questão “O que é filosofia?” e outras questões que historicamente interessaram a filosofia, há outros motivos que justificam o interesse da filosofia nessa questão. Plant (2017) e Overgaard et al. (2013) reconhecem que, na medida em que a filosofia se propõe a realizar um “exame crítico das formas e métodos do conhecimento e compreensão humanos” (Overgaard et al., 2013, p. 8), ela não pode se eximir de sua própria análise. Se, como defendem Laurenti et al. (2020), a filosofia é um discurso de segunda ordem que questiona, critica e reflete sobre outros discursos, é esperado que ela inclua seu próprio discurso como objeto de análise. A filosofia deve, por conseguinte, questionar, criticar e refletir sobre seus próprios compromissos: “o projeto filosófico permanece radicalmente incompleto a menos que a luz crítica seja direcionada à própria filosofia” (Overgaard et al., 2013, p. 8). A posição assumida por filósofos impõe, de acordo com Plant (2017), a reflexão metafilosófica:

Como filósofos, nós frequentemente nos orgulhamos de nossa habilidade de interrogar criticamente as coisas rotineiramente tomadas por garantidas tanto na vida cotidiana quanto em outros domínios acadêmicos. O que *filósofos* tomam por garantido é, portanto, uma questão inevitável para os próprios filósofos (embora talvez não apenas para filósofos). (p. 7)

A investigação metafilosófica ocupa, assim, um lugar importante na consecução do próprio projeto filosófico, como defendem Overgaard et al. (2013). A coerência do papel da filosofia como um exame crítico das diferentes formas de conhecimento depende do exame crítico da própria filosofia. Ademais, uma análise da filosofia, seu método e seus objetivos não é irrelevante para a filosofia. Pelo contrário, tal análise apresenta consequências amplas para toda a prática filosófica, em suas diferentes especialidades. Uma crítica aos modos tradicionais de se fazer filosofia, exemplificam Overgaard et al. (2013), implicaria na crítica de todos os campos da filosofia que fazem uso de tais métodos: epistemologia, metafísica, filosofia da ciência, filosofia moral e política, etc.

As consequências de compromissos metafilosóficos não são, dessa forma, desprezíveis para a prática filosófica. Mesmo a decisão sobre quais questões são apropriadas para uma investigação filosófica é, de acordo com Plant (2017), “inextricavelmente ligada a nossos compromissos metafilosóficos mais-ou-menos tácitos” (p. 7). Como defendem Overgaard et al. (2013), “qualquer parte do filosofar tem implicações metafilosóficas. . . . A metafilosofia está implícita em toda filosofia” (p. 11). A análise desses compromissos metafilosóficos, portanto, além de importante para a consecução do projeto filosófico como um exame crítico do conhecimento, contribui para a própria elucidação dos impactos desses compromissos na prática filosófica como um todo. Desse modo, não é possível, defendem Overgaard et al. (2013), fazer filosofia sem adotar, implícita ou explicitamente, uma concepção da natureza da

filosofia, uma concepção metafilosófica. Analisar essas concepções se torna um dos objetivos da metafilosofia, explicitando e avaliando criticamente compromissos metafilosóficos.

Buscando organizar as investigações metafilosóficas, Overgaard et al. (2013) propõem que é possível dividi-las de acordo com três questões metafilosóficas centrais: “*O que é filosofia?*”; “*Como se faz filosofia?*”; e “*Para que fazer filosofia?*”. Apesar de reconhecerem a relação intrincada entre essas três questões, defendem que a divisão nessas três questões permite organizar a investigação metafilosófica de acordo com seus tópicos centrais. Dessa forma, a investigação metafilosófica pode buscar compreender a natureza da filosofia (o seu *o que*), os métodos da filosofia (o seu *como*) e o valor de se fazer filosofia (o seu *para que*). Tais questões se articulam de modo que, como descrevem Overgaard et al. (2013), um filósofo que adota uma determinada concepção do que é filosofia provavelmente adotará também certos métodos compatíveis com essa concepção e verá o valor de sua atividade de acordo com essa concepção e esses princípios metodológicos.

Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014) dividem ainda a investigação filosófica em duas vertentes: uma vertente *descritiva* ou *histórica* e uma vertente *prescritiva* ou *normativa*. Uma investigação metafilosófica descritiva é, de acordo com Rescher (2014), de orientação histórica, visando descrever as diferentes formas com que a prática filosófica foi pensada ao longo da história. Uma investigação prescritiva, por outro lado, visa defender o que a filosofia deve ser, quais métodos deve usar e se há valor na prática filosófica (Overgaard et al., 2013). Como Rescher (2014) distingue, uma metafilosofia descritiva enfatiza “o que as pessoas disseram” e uma metafilosofia prescritiva busca definir “o que, nas circunstâncias prevalentes parece ser, a coisa razoável a se dizer” (p. xi).

A metafilosofia pode contribuir, como um campo da filosofia, com a compreensão da própria filosofia. A divisão proposta por Overgaard et al. (2013) em três questões centrais permite organizar essa investigação, estabelecendo as dimensões de uma concepção de

filosofia: a natureza da filosofia, seu método e seu valor. É possível realizar um exame metafilosófico de diferentes autores, visando elucidar sua concepção de filosofia. Skinner, como um propositor de uma filosofia original, o Comportamentalismo Radical, torna-se um possível alvo de investigação metafilosófica.

Apontamentos iniciais de Skinner sobre a filosofia

Como afirmado anteriormente, para além de uma ciência do comportamento humano, Skinner (1963/1982b, 1974) propôs também uma filosofia original: o Comportamentalismo Radical. Ademais, sua proposta não pressupõe o rompimento entre ciência e filosofia. A filosofia é parte fundamental de sua proposta para uma abordagem científica do comportamento. De acordo com Skinner (1974), uma ciência do comportamento “não terá um julgamento justo até que sua filosofia tenha sido claramente compreendida” (p. 251). A compreensão da filosofia da ciência do comportamento é necessária, na perspectiva de Skinner (1974), para a compreensão e avaliação da própria ciência do comportamento.

Mas o Comportamentalismo Radical não parece se restringir necessariamente a uma filosofia da ciência do comportamento. Autores como Abib (2001) defendem que o escopo do Comportamentalismo Radical é maior que o da filosofia da ciência, podendo ser considerado uma filosofia em sentido amplo. Como defende Abib (2001), as discussões comportamentalistas radicais englobam temas filosóficos diversos como: ciência, linguagem, subjetividade, educação, ética, política e cultura. Nesse sentido, o Comportamentalismo Radical é filosofia do comportamento humano e não apenas filosofia da ciência do comportamento humano.

Se o Comportamentalismo Radical não se restringe a uma filosofia da ciência, abrangendo diferentes temas filosóficos tradicionais, é possível se questionar: pode o Comportamentalismo Radical ser uma filosofia da filosofia? Ou seja, há um discurso

comportamentalista radical sobre a filosofia, que investiga sua natureza, seus métodos e o seu valor? A reflexão filosófica sobre a filosofia acompanhou o desenvolvimento da filosofia e se impõe como uma responsabilidade por parte do filósofo (Overgaard et al., 2013; Plant, 2017; Rescher, 2014). Skinner e outros analistas do comportamento, como proponentes de uma filosofia original, assumem essa responsabilidade histórica e desenvolvem um discurso metafilosófico comportamentalista radical?

A resposta parece ser positiva. As discussões de Tourinho (1999, 2003), Carvalho Neto (2002) e Dittrich (2011) podem ser incluídas nesse tipo de investigação metafilosófica, na medida em que discutem uma filosofia, o Comportamentalismo Radical, como um dos campos que compõe a Análise do Comportamento. Discutem ainda a contribuição da filosofia para a ciência do comportamento, bem como as relações intrincadas entre as três dimensões da Análise do Comportamento. Apesar de não se dedicarem exclusivamente à discussão da filosofia, seus textos incluem discussões sobre o Comportamentalismo Radical como a filosofia da Análise do Comportamento e a sua relação com as demais dimensões da disciplina (Carvalho Neto, 2002; Dittrich, 2011; Tourinho, 1999, 2003).

De modo semelhante, é possível incluir as reflexões de Zilio (2019) no campo das investigações metafilosóficas comportamentalistas radicais. Além de avaliar criticamente a representação tradicional da relação entre filosofia e ciência na Análise do Comportamento (e.g., Carvalho Neto, 2002; Dittrich, 2011; Tourinho, 1999, 2003), Zilio (2019) busca conceituar a filosofia como produto verbal do comportamento de filosofar. Filosofar, por sua vez, seria uma das dimensões possíveis do comportamento de teorizar que faz parte da Análise do Comportamento. Filosofar no contexto da Análise do Comportamento seria, de acordo com Zilio (2019), um comportamento de teorizar voltado para as “preconcepções sobre o mundo, considerações metacientíficas ou, especificamente, os pressupostos metodológicos, conceituais, epistemológicos, ontológicos, éticos e políticos da filosofia

comportamentalista radical responsáveis por configurar o ethos da ciência comportamental” (p. 238).

Outro exemplo desse tipo de discussão pode ser verificado em uma edição especial da revista *Behavior and Philosophy* publicada em 2020, em que diferentes comportamentalistas foram convidados a discutir o papel da filosofia para a Análise do Comportamento (Zilio, 2020). É possível verificar distintas e conflitantes posições entre os autores convidados, variando da defesa de relações próximas e necessárias entre filosofia e ciência (Laurenti et al., 2020), passando pela defesa da possibilidade de colaborações pontuais entre cientistas e filósofos, embora constituindo campos inteiramente independentes (Burgos, 2020) e, até mesmo, posições que defendem que há muito pouco que a filosofia pode contribuir para o desenvolvimento da ciência e a possibilidade de prejuízos dessa relação à ciência (Guerin, 2020; Marr, 2020). A discussão metafilosófica, em especial da relação entre ciência e filosofia, parece compor o rol de temas filosóficos de interesse de analistas do comportamento interessados na investigação teórica em Análise do Comportamento.

Skinner desenvolveu discussões metafilosóficas semelhantes ao longo de sua obra, abordando a filosofia e sua relação com a ciência do comportamento. Apesar de não ter escrito uma obra dedicada à investigação da filosofia – textos como o artigo *Behaviorism at fifty* (Skinner, 1963/1982b) e o livro *About behaviorism* (Skinner, 1974) são dedicados à filosofia da ciência do comportamento e não à discussão da filosofia como um todo –, Skinner estabelece diálogos com a filosofia em sua obra. De acordo com Skinner (1974), uma das questões colocadas pelo Comportamentalismo como filosofia da ciência do comportamento é: “quanto do que foi dito [sobre o comportamento humano] vale a pena ser salvo?” (p. 3). A filosofia, como uma das áreas interessadas no comportamento humano, é um dos possíveis alvos dessa discussão. É possível, ainda, observar essa avaliação sendo feita por Skinner em diferentes momentos de sua obra (e.g., Skinner, 1953, 1955/1982c, 1971, 1990/1999d).

A proposição de uma investigação na obra skinneriana sobre o discurso metafilosófico comportamentalista radical não é fortuita. Buscando destacar a importância da produção teórica skinneriana aos demais analistas do comportamento, Day (1983) define Comportamentalismo Radical como “o efeito que o pensamento de Skinner exerce no comportamento das pessoas” (p. 101), com destaque à sua produção escrita. Essa definição vai na mesma direção que a de Zilio (2019) ao tentar evidenciar a dimensão comportamental do filosofar e o papel dos produtos do comportamento de filosofar no comportar-se de analistas do comportamento. Se, como adverte Zilio (2019), tal definição pode ser restritiva ao desconsiderar as contribuições de outros analistas do comportamento, ela dá destaque à magnitude da influência do pensamento skinneriano na produção teórica comportamentalista radical.

Ademais, o recurso à obra skinneriana para instruir a discussão metafilosófica comportamentalista radical não implica em uma reafirmação acrítica das teses skinnerianas. Pelo contrário, uma incursão nas discussões de Skinner sobre a filosofia permite uma apreciação crítica de suas contribuições. Como defende Zilio (2019), a Análise Teórica do Comportamento não implica na mera reprodução de ideias, teses ou valores que, em um determinado momento, caracterizam a comunidade analítico-comportamental. A investigação das teorias, defende Zilio (2019), requer um posicionamento crítico em relação às teorias que constituem a filosofia comportamentalista radical. Zuriff (2002) defende que, para além de um valor histórico, a obra skinneriana é a mais importante contribuição para o Comportamentalismo como filosofia, podendo servir como “linha de base com a qual desenvolvimentos posteriores podem ser comparados” (p. 369). Para que seja possível uma avaliação crítica adequada, parece adequado defender que uma “mensuração” precisa dessa linha de base deva ser realizada. A obra skinneriana e as discussões que apresenta sobre a

filosofia surgem, assim, como alvos privilegiados para uma investigação metafilosófica no Comportamentalismo Radical.

Considerando a importância da investigação metafilosófica para a filosofia, do Comportamentalismo Radical para a Análise do Comportamento e da produção teórica skinneriana para o Comportamentalismo Radical, este trabalho é orientado pela questão: *como Skinner caracteriza a filosofia?* Contextualizada na literatura metafilosófica, a questão incentiva a articulação de uma posição metafilosófica compatível com os pressupostos comportamentalistas radicais. Orientada pelas questões propostas por Overgaard et al. (2013) para organizar a investigação metafilosófica, essa questão geral pode ser dividida de acordo com as dimensões abordadas pelas declarações de Skinner sobre a filosofia: *o que é filosofia de acordo com Skinner? Como se faz filosofia de acordo com Skinner? Para que fazer filosofia de acordo com Skinner?* Além disso, essas mesmas questões podem ser interpretadas como exigindo respostas descritivas ou respostas prescritivas, como defenderam Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014). Permitem, dessa forma, tanto a formulação de uma metafilosofia descritiva quanto de uma metafilosofia prescritiva.

Objetivos

Geral

Apresentar uma posição metafilosófica compatível com as afirmações de Skinner sobre a filosofia.

Específicos

- Rastrear e compilar as menções de Skinner à filosofia.
- Categorizar as posições de Skinner em relação à filosofia em termos das questões metafilosóficas (*o que é, como e para que filosofia?*).
- Classificar as declarações de Skinner em termos de declarações metafilosóficas descritivas e declarações metafilosóficas prescritivas.
- Articular as declarações de Skinner sobre a filosofia de acordo com as questões metafilosóficas fundamentais.

Método

Considerando a natureza do objetivo, foi realizada uma pesquisa de natureza teórico-conceitual. A pesquisa teve por objeto a teoria ou texto filosófico-científico skinneriano, buscando elucidar os conceitos que compõem esse texto, oferecendo uma interpretação dele. De acordo com Laurenti e Lopes (2016), interpretar não é buscar o sentido verdadeiro do texto, mas é “*construir* um significado na inter-relação entre autor, leitor e texto” (p. 50). Apesar disso, não se defende que qualquer interpretação é válida, pois há critérios que permitem aferir a qualidade da interpretação. Laurenti e Lopes (2016) explicitam os critérios de consistência lógico-filosófica, natureza das fontes, apoio textual e apreciação crítica da comunidade acadêmica. Esses critérios foram utilizados para formulação do método proposto.

Fontes

Seguindo as indicações de Laurenti e Lopes (2016), a seleção dos textos para análise seguiu dois critérios,: o uso do texto em sua língua original e o uso de fontes primárias. Assim, a pesquisa tomou por fonte os livros de Skinner em língua vernácula (inglês). Ademais, pela necessidade de estabelecer inclusões e exclusões de textos de acordo com o escopo da pesquisa e amplitude da obra skinneriana, a lista de publicações de Skinner organizada por Andery et al. (2004) foi consultada, seguindo recomendação de Laurenti e Lopes (2016). A lista de livros analisados está descrita na Tabela 1:

Tabela 1

Lista de obras selecionadas para análise

Título da obra	Abreviatura	Ano de publicação original
1. <i>The behavior of organisms</i>	BO	1938
2. <i>Science and human behavior</i>	SHB	1953
3. <i>Verbal behavior</i>	VB	1957

4. <i>The technology of teaching</i>	TT	1968
5. <i>Contingencies of reinforcement</i>	CR	1969
6. <i>Beyond freedom and dignity</i>	BFD	1971
7. <i>About behaviorism</i>	AB	1974
8. <i>Particular of my life</i>	PL	1976
9. <i>Reflections on behaviorism and society</i>	RBS	1978
10. <i>The shaping of a behaviorist</i>	SB	1979
11. <i>Notebooks</i>	NOTE	1980
12. <i>Skinner for the classroom</i>	SC	1982
13. <i>A matter of consequences</i>	MC	1983
14. <i>Enjoy old age</i>	EOA	1983
15. <i>Canonical papers of B. F. Skinner</i>	CP	1984
16. <i>Upon further reflection</i>	UFR	1987
17. <i>Recent issues in the analysis of behavior</i>	RIAB	1989
18. <i>Cumulative record: definitive edition</i>	CRec	1999

Os livros *Schedules of reinforcement* (Fester & Skinner, 1957) e *The analysis of behavior: A program for self-instruction* (Holland & Skinner, 1961) foram excluídos da análise. O primeiro livro foi excluído pela ausência de menções à filosofia detectáveis pela ferramenta de buscas *CTRL + F*. Já o segundo livro tem natureza educativa, oferecendo um programa de autoinstrução. Excluiu-se também o livro *Walden two* (Skinner, 1948) por sua natureza ficcional.

Os capítulos que são republicações de artigos foram considerados em sua data de publicação original. Esse cuidado deve-se ao fato de algumas das obras selecionadas serem coletâneas de artigos ou contarem com republicações. Nos casos em que foi encontrada

divergência entre as versões (como número diferente de ocorrências encontradas no mesmo texto publicado em diferentes coletâneas), foi considerada a versão do texto com o maior número de ocorrências. De forma semelhante, as anotações publicadas em *Notebooks* (Skinner, 1980) foram analisadas considerando a data em que foram redigidas, de acordo com as datas indicadas no índice remissivo do referido livro.

Etapas e Procedimentos

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa foi dividida em três etapas:

Etapa 1: Rastreamento e compilação das menções à filosofia nos livros de Skinner

Todos os livros selecionados para análise foram digitalizados exclusivamente para a realização da pesquisa. Para o rastreamento dos trechos em que a filosofia é mencionada foi utilizado a ferramenta de busca *CTRL + F* nos textos digitalizados. A expressão buscada foi o radical “philosoph”, permitindo que os resultados incluam tanto o termo *philosophy* quanto *philosopher*, *philosophers*, *philosophical*, etc. De modo complementar a essa ferramenta de busca foi utilizado o índice remissivo (*index*) das obras em que ele está disponível ou que estão disponíveis em outras publicações.

Os dados obtidos pela busca foram organizados em uma tabela (Tabela 2) em que consta referência, quantidade total de menções, o capítulo e página em que há a menção, citação direta do trecho em que há a menção e comentários. Os comentários foram orientados pelas questões metafilosóficas fundamentais supracitadas: *o que é filosofia*, *como se deve fazer filosofia* e *para que serve a filosofia*. Além disso, os comentários buscaram destacar os temas em que a filosofia é mencionada e, quando possível, as relações entre filosofia e ciência.

Tabela 2

Tabela modelo para sistematização das menções à filosofia por obra de Skinner selecionada

REFERÊNCIA		QUANTIDADE:
CAPÍTULO/PÁGINA	CITAÇÃO DIRETA	COMENTÁRIOS

De modo complementar ao rastreamento e sistematização das menções em tabelas, capítulos em que foram encontradas 5 menções ou mais à filosofia foram lidos na íntegra². Os 12 textos que se adequaram a esse critério estão descritos, em ordem cronológica de publicação original, na Tabela 2:

Tabela 3

Lista de capítulos selecionados para leitura na íntegra

Capítulo	Ano de publicação original	Livro	Número de menções
<i>The operational analysis of psychological terms</i>	1945	<i>Canonical papers</i>	5
<i>The problem of control</i>	1953	<i>Science and human behavior</i>	10
<i>Freedom and the control of man</i>	1955	<i>Skinner for the classroom</i>	10
<i>The flight from laboratory</i>	1959	<i>Cumulative record</i>	6
<i>Behaviorism at fifty</i>	1963	<i>Skinner for the classroom</i>	9
<i>B. F. Skinner... An autobiography</i>	1967	<i>Skinner for the classroom</i>	5
<i>Utopia as an experimental culture</i>	1969	<i>Contingencies of reinforcement</i>	6
<i>Freedom</i>	1971	<i>Beyond freedom and dignity</i>	5

² Foi considerada a possibilidade de se incluir para a leitura integral textos que, apesar de não se adequarem ao critério de 5 ou mais menções, apresentarem discussões de Skinner sobre a filosofia distintas daquelas apresentadas nos demais textos selecionados. Apesar dessa possibilidade, não foi considerada necessária a inclusão de nenhum texto adicional para a leitura na íntegra.

<i>The causes of behavior</i>	1974	<i>About behaviorism</i>	5
<i>Summing up</i>	1974	<i>About behaviorism</i>	12
<i>Coming to terms with private events</i>	1984	<i>Canonical papers</i>	14
<i>Representations and misrepresentations</i>	1984	<i>Canonical papers</i>	6
<i>The origins of cognitive thought</i>	1989	<i>Recent issues in the analysis of behavior</i>	5

Etapa 2: Categorização das menções à filosofia nos livros de Skinner

A partir da sistematização dos dados obtidos na etapa anterior, foi realizada uma categorização das menções à filosofia nos livros de Skinner. A categorização orientou-se pelas questões metafisológicas fundamentais tal como delineadas por Overgaard et al. (2013): (i) “*O que?*”, declarações sobre a natureza da filosofia e seu objeto; (ii) “*Como?*”, declarações sobre os métodos usados na filosofia; e (iii) “*Para que?*”, declarações sobre o valor da filosofia, seus objetivos e consequências.

Etapa 3: Articulação das declarações de Skinner sobre a filosofia em texto-síntese

A partir do rastreamento, compilação, análise e categorização das menções à filosofia encontradas na obra de Skinner, buscou-se articular as declarações de Skinner sobre a filosofia. De acordo com Laurenti e Lopes (2016), uma pesquisa teórico-conceitual deve produzir, ao final, uma síntese interpretativa na forma de um texto que articula todo o material produzido ao longo da pesquisa. Visando elucidar a posição metafisológica de Skinner com base em suas declarações sobre a filosofia, esse texto apresenta uma vertente metafisológica descritiva de acordo com a classificação de Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014).

As declarações de Skinner sobre a filosofia, no entanto, podem ser consideradas tanto em sua dimensão descritiva quanto em sua dimensão prescritiva. Ou seja, as afirmações de

Skinner sobre a filosofia podem ser divididas em uma descrição e avaliação das práticas filosóficas tradicionais e a proposição de uma filosofia original. O texto-síntese busca considerar essas diferentes posturas adotadas por Skinner ao discutir a filosofia, estando dividido de acordo com uma dimensão descritiva e uma dimensão prescritiva do pensamento metafilosófico skinneriano.

Ademais, instruído pela divisão proposta por Overgaard et al. (2013) da investigação metafilosófica em três dimensões, o texto busca responder às três questões metafilosóficas destacadas pelos autores de acordo com as declarações de Skinner sobre a filosofia. Dessa forma, o texto encontra-se dividido ao redor destas três questões: *O que é filosofia para Skinner? Como se faz filosofia para Skinner? Para que se faz filosofia de acordo com Skinner?* Como descrito anteriormente, essas questões foram consideradas tanto em sua dimensão descritiva quanto em sua dimensão prescritiva.

Resultados

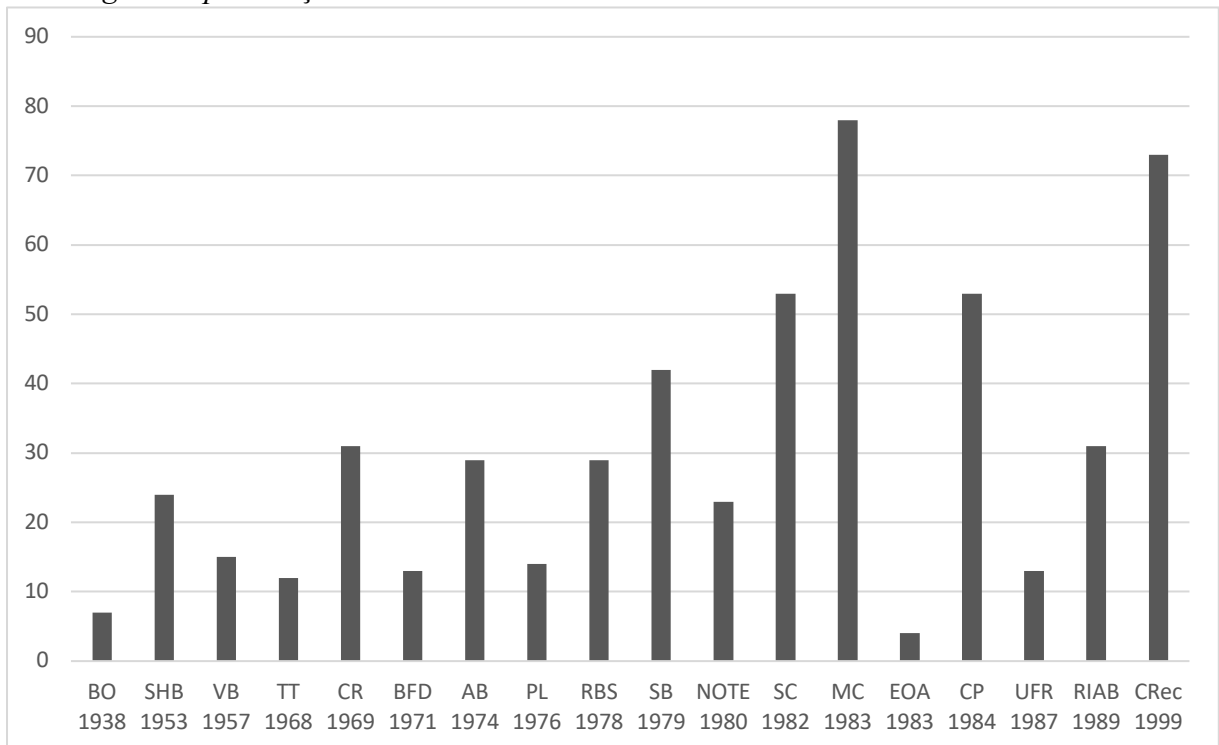
Por meio da ferramenta de busca *Ctrl + F* usando o radical “philosoph”, foram buscados os trechos em que Skinner faz menções à filosofia nos 18 livros selecionados. Foram contabilizadas um total de 544 ocorrências. Os trechos em que foram encontradas menções à filosofia foram reproduzidos sem alterações, na língua original, em quadros como exemplificadas na Figura 1. Foram produzidas 18 figuras, uma para cada livro analisado. Os trechos foram copiados buscando manter o contexto da discussão em que as menções apareciam, não se restringindo às frases em que o radical aparecia.

Além da reprodução das menções na forma de citações diretas, todos os trechos foram lidos e analisados. Comentários interpretativos dos trechos foram redigidos nas figuras, com comentários para cada uma das menções encontradas. Os comentários buscaram sintetizar as teses encontradas nos trechos sobre a filosofia ou sobre a relação entre filosofia e ciência, além de descrever o contexto da discussão do trecho. Cada uma das menções foi categorizada de acordo com as três questões metafilosóficas fundamentais, tal como propostas por Overgaard et al. (2013): *o que é filosofia, como se faz filosofia e para que fazer filosofia*. A primeira questão agrupou declarações sobre a natureza e objeto da filosofia. A segunda questão agrupou declarações sobre os métodos da filosofia. A terceira questão agrupou declarações sobre o valor, objetivos e consequências da filosofia.

A distribuição de todas as 544 menções encontradas (incluindo menções repetidas em diferentes republicações de textos) na busca está descrita na Figura 2. A apresentação da distribuição das menções encontradas está organizada de acordo com o livro em que foram identificadas e em ordem cronológica da publicação original dos livros.

Figura 1

Número de ocorrências do radical “philosoph” nos livros publicados por Skinner em ordem cronológica de publicação



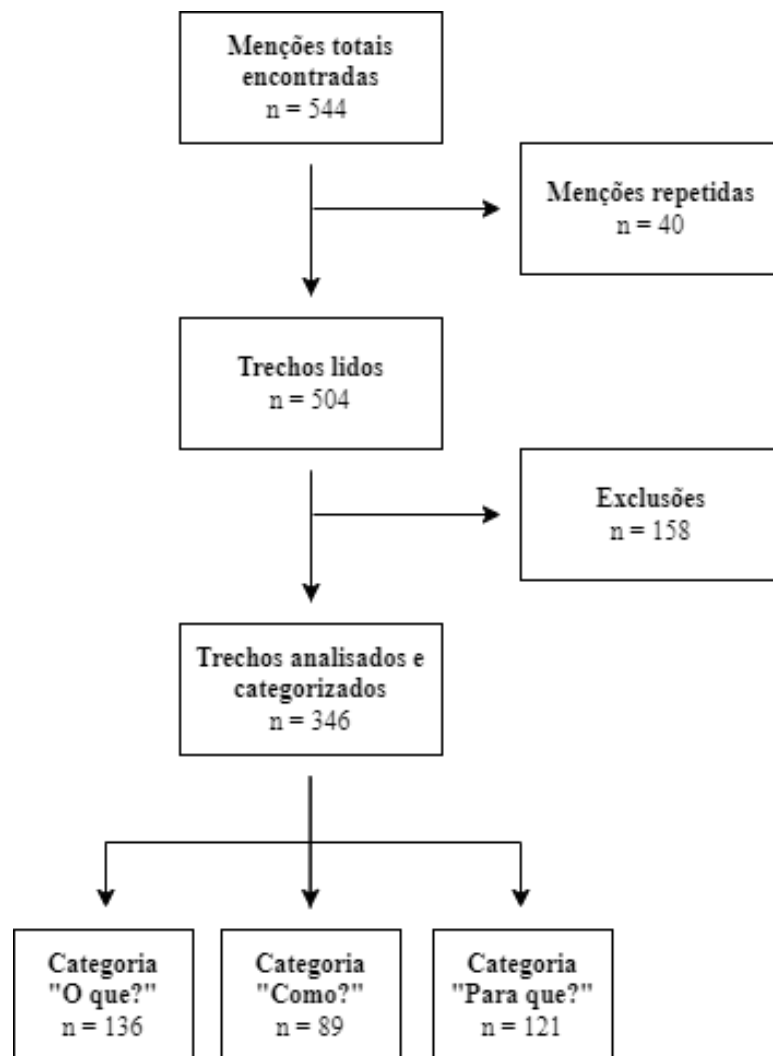
Como é possível observar na Figura 2, foram encontradas ocorrências do radical em todas as obras analisadas, com um aumento na quantidade de ocorrências na década de 1970 e 1980. As obras com maior número de ocorrências foram *A matter of consequences* (78 menções), *Cumulative record* (73 menções), *Canonical papers of B. F. Skinner* (53 menções), *Skinner for the classroom* (53 menções) e *The shaping of a behaviorist* (42 menções). Já as obras com menor número de ocorrências foram *Enjoy old age* (4 menções) e *The behavior of organisms* (7 menções). Verifica-se, a partir da Figura 2, que a filosofia surge como tema recorrente na obra skinneriana na medida em que há menções em todas as obras analisadas. Diálogos com a filosofia são travados ao longo de toda a produção de Skinner, sendo possível identificar livros em que essas discussões são mais constantes.

Tendo em vista que algumas das obras analisadas são coletâneas de artigos, com republicações de artigos, foi realizada uma análise das ocorrências considerando a data de publicação original dos textos. Uma apresentação detalhada dos resultados está no Apêndice

A, com um total de 504 menções encontradas. A diferença entre esse resultado e o descrito na Figura 2 é decorrente da retirada de sobreposições de textos que foram republicados em mais de uma coletânea. Além da exclusão por sobreposição, 158 ocorrências foram excluídas por não se incluírem nos objetivos propostos, como ocorrências do radical em nome de instituições citadas por Skinner, em referências dos livros, encontros pessoais de Skinner com filósofos, etc. A quantidade de menções analisada está sistematizada na Figura 3:

Figura 2

Fluxograma das ocorrências do radical “philosoph” nas obras de Skinner analisadas e categorizadas

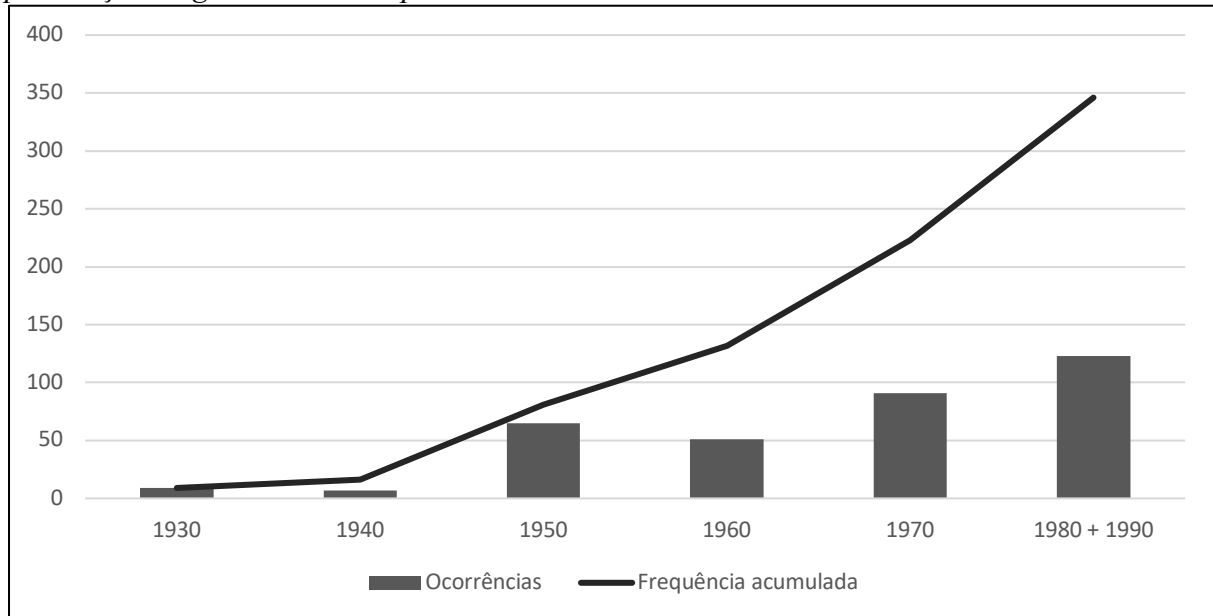


Foram selecionados 346 trechos para análise e categorização. A distribuição detalhada dos trechos selecionados de acordo com o texto em que foram encontradas está descrita no

Apêndice B. A distribuição das ocorrências selecionadas para análise por década³ de acordo com a publicação original dos textos está descrita na Figura 4:

Figura 3

Número de ocorrências do radical “philosoph” por década de acordo com data de publicação original dos textos publicados nos livros de Skinner



São um total de 346 ocorrências selecionadas, distribuídas ao longo de sete décadas. Como é possível observar no Gráfico 2, as ocorrências concentraram-se nos textos publicados entre as décadas de 1970 e 1980. É possível verificar um aumento gradual a partir da década de 1950, embora já houvesse menções nas décadas de 1930 (9 menções) e 1940 (7 menções). No período em que é observada uma concentração, há um pico de menções na década de 1980 (119 menções). Esse aumento na quantidade de ocorrências acompanha o aumento no número de publicações de Skinner, em especial de artigos teóricos, a partir da década de 1950, um aumento indicado por Andery et al. (2004). Além disso, as 4 ocorrências encontradas na década de 1990 estão no único texto incluído nos livros analisados publicado na referida década (*Can psychology be a science of mind?*).

³ A década de 1990 foi aglutinada com a década de 1980 para evitar uma representação gráfica enganosa de que haveria um declínio do interesse de Skinner no final de sua carreira, dada a quantidade reduzida de menções à filosofia na década de 1990. A baixa quantidade de menções à filosofia na década de 1990 (4 menções) é resultado de apenas um texto desse intervalo ter sido incluído na pesquisa.

Categorização das menções

Como descrito anteriormente, das 504 menções de Skinner à filosofia encontradas, 346 foram incluídas no escopo da pesquisa e analisadas. Essas 346 menções foram, por sua vez, classificadas tematicamente de acordo com as questões metafилосóficas propostas por Overgaard et al. (2013). Das 346 menções, 136 foram consideradas como pertinentes à questão “O que é filosofia?”, debatendo a natureza da filosofia e seu objeto de estudo; 89 menções, por sua vez, foram consideradas como declarações concernentes à questão “Como se faz filosofia?”, discutindo o método da filosofia; e 121 menções foram consideradas como pertinentes à pergunta “Para que fazer filosofia?”, sendo declarações sobre o valor, objetivos e consequências da filosofia. O texto-síntese, buscando articular a posição skinneriana sobre a filosofia em uma perspectiva metafилосófica, foi redigido considerando essas questões, organizando as declarações de Skinner de acordo com sua relação temática com essas questões metafилосóficas. O texto busca, portanto, oferecer respostas às questões metafилосóficas a partir das declarações de Skinner sobre a filosofia.

Apesar da classificação temática das menções de acordo com as questões metafилосóficas propostas por Overgaard et al. (2013), reconhece-se que um mesmo trecho pode ser relevante para discussões relacionadas a diferentes questões metafилосóficas. Esse reconhecimento acompanha a afirmação de Overgaard et al. (2013) de que as três questões metafилосóficas estão profundamente interligadas. Contudo, e de acordo com a argumentação dos autores, a divisão temática da metafилософия de acordo com essas questões mantém-se relevante. A organização do texto segue, portanto, a divisão temática proposta pelos autores, articulando as declarações de Skinner de acordo com a classificação das menções. Apesar disso, quando relevante para diferentes discussões sobre a filosofia realizadas por Skinner, a mesma menção pode ser empregada na formulação das respostas às diferentes questões metafилосóficas.

Considerando a possibilidade da discussão metafilosófica se dar tanto ao nível descritivo quanto ao nível prescritivo, como proposto por Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014), o texto-síntese busca acompanhar essas diferenças a partir do texto skinneriano. Dessa forma, reconhecendo que Skinner não apenas propôs uma filosofia original, mas também se engajou criticamente com a filosofia como um campo de conhecimento, o texto busca dar relevo a essas duas dimensões da discussão metafilosófica em Skinner. De um lado, há uma dimensão descritiva da discussão metafilosófica de Skinner, marcada pelo engajamento do autor com as práticas filosóficas passadas e correntes em sua época. Do outro lado, há uma dimensão prescritiva da discussão metafilosófica skinneriana, marcada pela proposição do Comportamentalismo Radical como uma filosofia original.

Antes de uma exposição pormenorizada dos resultados encontrados, é possível apresentar algumas respostas sintéticas às questões metafilosóficas a partir das declarações de Skinner sobre a filosofia. São, portanto, respostas preliminares que serão desenvolvidas de modo mais detalhado ao longo do texto. Em linhas gerais, em sua dimensão descritiva, Skinner define a filosofia como uma área do conhecimento interessada nas questões humanas (*o que*) que se utiliza da introspecção e da experiência imediata (*como*) para produzir autoconhecimento e melhorar as práticas culturais, especialmente orientada pelo engrandecimento do ser humano, pela liberdade e pelos valores democráticos (*para que*). Apesar de reconhecer as contribuições históricas da filosofia para a cultura, Skinner destaca suas limitações decorrentes de sua concepção de ser humano autônomo, das limitações inerentes à introspecção no estudo do comportamento humano e de sua oposição à ciência do comportamento no planejamento cultural.

Apesar dessa avaliação majoritariamente negativa de Skinner sobre a filosofia, o autor não rejeitou a filosofia como um todo. Como descrito anteriormente, além desse engajamento crítico com a filosofia, Skinner propôs uma filosofia original, o Comportamentalismo Radical.

Dessa forma, para além de uma dimensão descritiva de suas discussões sobre a filosofia, é possível reconhecer uma vertente prescritiva na metafilosofia skinneriana. A vertente prescritiva da metafilosofia skinneriana é a discussão do que o Comportamentalismo Radical é (ou deve ser), como deve ser praticado e com quais objetivos, quais os valores que devem orientá-lo.

Nessa perspectiva, o Comportamentalismo Radical é a filosofia da ciência do comportamento que, como filosofia dessa ciência, articula uma concepção de comportamento que torna tal ciência possível. É, assim, além de uma filosofia da ciência do comportamento, uma filosofia do próprio comportamento (*o que*). Como filosofia do comportamento, busca soluções originais para problemas filosóficos tradicionais, como questões envolvendo a privacidade, o conhecimento e a própria filosofia. Suas soluções a esses problemas partem do comportamento – e não da experiência imediata, como nas perspectivas filosóficas tradicionais –, sendo instruídas pelo conhecimento produzido pela investigação científica do comportamento (*como*). O objetivo do Comportamentalismo Radical é o de promover o desenvolvimento de uma ciência autônoma do comportamento e, por meio dela, contribuir com a sobrevivência das culturas (*para que*). Comportamentalismo Radical é, assim, filosofia da ciência do comportamento e filosofia do comportamento, estando em relação intrincada com o conhecimento produzido pela ciência do comportamento para oferecer soluções originais aos problemas filosóficos tradicionais e visando a promoção da ciência do comportamento e, por meio dela, contribuir com a sobrevivência das culturas.

Essas respostas, estabelecidas por meio do rastreo e análise das declarações de Skinner sobre a filosofia, serão apresentadas de modo mais detalhado a seguir⁴.

⁴ Para facilitar o cotejamento das traduções das declarações de Skinner sobre a filosofia, a versão original (em inglês) do trecho será reproduzido como nota de rodapé.

Metafilosofia descritiva skinneriana

Como defendido por Overgaard et al. (2013), a investigação metafilosófica pode assumir duas orientações distintas: uma orientação descritiva e uma orientação prescritiva. Em sua vertente descritiva, a busca pelas respostas às questões metafilosóficas se dá por uma investigação da compreensão de filósofos do passado e contemporâneos sobre a filosofia ou uma investigação de suas práticas. A investigação metafilosófica adquire, como descreve Rescher (2014), um caráter histórico, em que o pensamento de outros filósofos sobre a filosofia se torna o centro da investigação metafilosófica.

Apesar de não ter escrito nenhuma obra dedicada a análise da filosofia propriamente, Skinner estabeleceu interlocuções com a filosofia ao longo de sua obra. Há menções à filosofia em diferentes décadas de sua produção intelectual (ver Figuras 2 e 4), com discussão de diferentes teses filosóficas (e.g., teoria da cópia, filosofia da “verdade por concordância”, intencionalismo, etc.). No entanto, as declarações de Skinner, por vezes, não se restringem a discussões de teses particulares, mas são dirigidas à própria filosofia e à prática de filósofos. Podem ser compreendidas, assim, como discussões metafilosóficas. Na medida em que buscam avaliar como filósofos praticaram a filosofia ao longo da história e na época de Skinner, essas discussões adquirem contornos de uma metafilosofia descritiva.

Filosofia tradicional: O que é?

A primeira questão metafilosófica estabelecida por Overgaard et al. (2013) é “O que é filosofia?”. Tal questão orienta a reflexão metafilosófica sobre a natureza da filosofia. De acordo com os autores, uma resposta de viés descritivo adequada a tal questão considera tanto uma dimensão temática quanto uma dimensão metodológica. Dado que a dimensão metodológica será abordada futuramente, como uma resposta formulada à questão “Como se faz filosofia?”, a discussão aqui apresentada concentrar-se-á na dimensão temática na

delimitação da natureza da filosofia. Como advertem Overgaard et al. (2013), uma resposta a essa questão não deve tomar uma forma essencialista, devendo reconhecer, assim, que os limites que demarcam a definição de filosofia não são imutáveis.

Ao discutir o estudo do comportamento humano, Skinner estabeleceu diálogos com a filosofia em diversos momentos de sua obra (e.g., Skinner, 1945/1984j, 1953, 1957, 1963/1982b, 1971, 1974, 1990/1999d). Apesar de muitas dessas interlocuções de Skinner com a filosofia consistirem em avaliações negativas da contribuição da filosofia para a compreensão do comportamento humano, são diálogos que vão na direção estabelecida por Skinner (1974) de avaliar “quanto do que foi dito [sobre o comportamento humano] vale a pena ser salvo?” (p. 3)⁵. Sendo, de acordo com Skinner (1974), “a feição mais familiar do mundo em que as pessoas vivem” (p. 3)⁶, o comportamento foi objeto de investigação por diversas áreas do conhecimento. Uma dessas áreas do conhecimento interessadas no comportamento humano é a própria filosofia e, na medida que estabelece um discurso sobre o comportamento humano, foi um dos alvos das discussões de Skinner.

De acordo com Skinner (1947/1999e, 1963/1982b, 1969a, 1971, 1984d), a filosofia é uma área de conhecimento interessada no comportamento humano ou, em termos mais gerais, no ser humano. Apesar de fazer referências específicas a “filosofias do comportamento humano” (Skinner, 1953, p. 17)⁷ ou “filosofias predominantes da natureza humana” (Skinner, 1953, p. 7)⁸ ou mesmo à “filosofia tradicional da natureza humana” (Skinner, 1953, p. 9)⁹, Skinner (1947/1999e, 1936/1982, 1969a, 1971, 1984d) parece defender que a filosofia em geral e os filósofos estariam interessados no comportamento humano. Na análise de Skinner, filosofia é, assim, um dos campos de conhecimento que tem por objeto o comportamento humano.

⁵ Tradução do original: “how much of what has been said is worth saving?” (Skinner, 1974, p. 3).

⁶ Tradução do original: “the most familiar feature of the world in which people live” (Skinner, 1974, p. 3).

⁷ Tradução do original: “philosophies of human behavior” (Skinner, 1953, p. 17).

⁸ Tradução do original: “Prevailing philosophies of human nature” (Skinner, 1953, p. 7).

⁹ Tradução do original: “traditional philosophy of human nature” (Skinner, 1953, p. 9).

Dessa forma, Skinner (1963/1982b) reportou-se à filosofia como um dos “tratamentos acadêmicos do comportamento humano” (p. 133)¹⁰. Além disso, caracterizou filósofos como um dos tipos de especialistas “preocupados com os assuntos humanos” (Skinner, 1971, p. 15)¹¹ e que possuem suas teorias sobre o ser humano. Filósofos ainda foram considerados como exemplos de sujeitos interessados no comportamento humano que se engajaram em um esforço antigo de “explicar seu comportamento buscando por suas causas” (Skinner, 1964/1999f, p. 64)¹². Skinner (1947/1999e) ainda afirmou que o discurso filosófico, junto ao discurso casual, compunha grande parte do que foi dito “sobre o comportamento humano na educação, relações públicas, indústria, letras e outras áreas mais” (p. 317)¹³.

Em decorrência dessa delimitação do comportamento como objeto de estudo da filosofia, o filósofo compartilha seu interesse com diversos outros estudiosos do comportamento humano. Assim, o filósofo está acompanhado por diversos especialistas no estudo do comportamento humano. Em sua obra, Skinner (1947/1999e, 1963/1982b, 1969a, 1971, 1984d) elenca alguns desses especialistas: cientistas políticos, economistas, psicólogos, linguistas, sociólogos, teólogos, antropólogos, pedagogos, psicoterapeutas, escritores, historiadores, biógrafos, ensaístas.

Além desses especialistas, o interesse pelo comportamento é compartilhado também por analistas do comportamento. Como efeito desse interesse compartilhado pelo comportamento humano, há uma sobreposição de alguns temas entre a filosofia e a Análise do Comportamento: liberdade (Skinner, 1953, 1967/1982a, 1972/1978d, 1983), linguagem, comportamento verbal e regras (Skinner, 1957, 1984b), a questão da privacidade e da consciência (Skinner, 1953, 1957, 1963/1982b, 1984g). A própria tentativa de explicar o comportamento humano buscando por suas causas parece conectar a filosofia com a Análise

¹⁰ Tradução do original: “scholarly treatments of human behavior” (Skinner, 1963/1982b, p. 133).

¹¹ Tradução do original: “concerned with human affairs” (Skinner, 1971, p. 15).

¹² Tradução do original: “explain his behavior by searching for its causes” (Skinner, 1964/1999f, p. 64).

¹³ Tradução do original: “of what was said about human behavior in education, public affairs, industry, letters, and so on” (Skinner, 1947/1999e, p. 317).

do Comportamento, como destaca Skinner (1964/1999f): “Historiadores e biógrafos traçaram as conquistas humanas a condições de nascimento, clima, cultura e contatos pessoais, e alguns deles uniram-se a filósofos e ensaístas em grandes generalizações. A ciência naturalmente trabalhou na mesma direção” (p. 64)¹⁴.

Ademais, para além desses esforços gerais de filósofos em compreender o comportamento humano, Skinner (1947/1999e) destaca a presença de discursos filosóficos em algumas áreas relacionadas ao comportamento humano. Ao examinar essas áreas, Skinner discute também as filosofias dessas áreas. Dessa forma, discute a filosofia da educação (Skinner, 1954/1968a, 1965/1968b, 1973/1978g, 1974/1978c), filosofias do governo (Skinner, 1953, 1977/1978e), filosofia da ciência (Skinner, 1956/1999a, 1966/1969e, 1974), filosofias da composição (Skinner, 1941/1999b, 1973/1978f). São diversas áreas particulares da filosofia que Skinner discute, argumentando que são áreas que promovem discussões sobre o comportamento humano: o comportamento do professor e do aluno, dos líderes, dos cientistas e dos escritores. Em todas essas áreas da filosofia, Skinner argumenta que é o comportamento humano o alvo da discussão: a filosofia toma o comportamento como seu objeto.

Nas discussões de Skinner (1947/1999e, 1963/1982b, 1969a, 1971, 1984d), contudo, a filosofia se encontra, de modo geral, alinhada a essas outras áreas de estudo, subscrevendo concepções de comportamento humano antitéticas à da Análise do Comportamento¹⁵. A filosofia pode ser entendida, dessa forma, como uma das perspectivas tradicionais sobre o comportamento humano reconhecidas por Skinner.

Apesar de aproximar esses campos, Skinner não está sugerindo a existência uma concepção de comportamento humano comum a todas essas disciplinas. Na verdade, uma das

¹⁴ Tradução do original: “Historians and biographers have traced human achievements to conditions of birth, climate, culture, and personal contacts, and some of them have joined philosophers and essayists in more sweeping generalizations. Science has naturally worked in the same direction” (Skinner, 1964/1999f, p. 64).

¹⁵ Há uma tendência geral de Skinner em agrupar essas disciplinas e contrapô-las à Análise do Comportamento em decorrência de semelhanças em suas concepções de ser humano, como será desenvolvido a seguir. Apesar disso, Skinner (1984) reconhece que há filosofias do comportamento humano afins à sua concepção de comportamento, exemplificadas pelas filosofias de Ludwig Wittgenstein, Gilbert Ryle e John L. Austin.

críticas de Skinner (1953, 1963/1982b, 1969a) é direcionada ao fato de que não há um modelo compartilhado entre as diferentes disciplinas interessadas no comportamento humano, gerando teorias fragmentárias sobre esse objeto. A falta de uma concepção geral do comportamento humano que possa ser aplicada satisfatoriamente a diferentes áreas do conhecimento que lidam com o comportamento humano – uma falta que Skinner (1969a) atribui a uma falha da psicologia como uma ciência básica em fornecer essa concepção comum – gera uma baixa generalidade nos conhecimentos produzidos em cada área:

Sociologia, antropologia, direito e jurisprudência, economia, educação, ciência política, religião, linguística, crítica literária, filosofia, história – cada uma tem sua própria teoria, modelo ou concepção de homem [sic], retirada em parte do senso comum e em parte de sistemas filosóficos obsoletos, com improvisações locais de acordo com a necessidade. Uma fórmula desenvolvida em um campo se prova estranha em outro. (Skinner, 1969a, pp. 96-97)¹⁶

Segundo Skinner (1969a), a filosofia, tanto se apropria de concepções do comportamento humano anteriores, quanto, com seus “sistemas filosóficos obsoletos”, serve de base para os modelos de comportamento adotados por outras disciplinas. Originados em sistemas filosóficos, conceitos mentalistas tradicionalmente usados para compreensão do comportamento humano estão presentes na linguagem cotidiana e são adotados mesmo entre aqueles que estudam o comportamento nas diferentes áreas de conhecimento. Esse uso dos conceitos mentalistas, por sua vez, fortalece ainda mais esses modelos de comportamento humano baseados em sistemas filosóficos tradicionais (Skinner, 1984c).

Essas concepções sobre o comportamento humano, apesar de distintas entre si, possuem semelhanças a serem consideradas. Uma dessas semelhanças está na defesa de uma

¹⁶ Tradução do original: “Sociology, anthropology, law and jurisprudence, economics, education, political science, religion, linguistics, literary criticism, philosophy, history—each has its own theory, model, or conception of man, drawn in part from common sense and in part from outmoded philosophical systems, with local improvisations as needed. A formula evolved in one field proves awkward in another” (Skinner, 1969a, pp. 96-97).

concepção autônoma de ser humano (Skinner, 1953, 1971). Skinner (1963/1982b) destaca como a filosofia, bem como quase todas as discussões acadêmicas sobre o comportamento humano, “usa termos que sugerem que uma pessoa é um agente criativo, iniciador” (p. 133). Em outro momento, afirma que quase todos que estão preocupados com os assuntos humanos, incluindo filósofos, “continuam a falar sobre o comportamento humano de maneira pré-científica” (Skinner, 1971, p. 15)¹⁷. Skinner (1984d) argumenta ainda que filósofos e diversos outros estudiosos atribuem estatuto causal aos sentimentos, dando prioridade aos sentimentos na compreensão do comportamento humano.

Para Skinner (1953), a concepção de um ser humano autônomo e livre, presente nessas “filosofias prevalentes da natureza humana” (p. 7)¹⁸, é antitética aos desideratos científicos. Ao defenderem a existência de uma vontade interna capaz de interferir nas relações de controle existentes entre comportamento e ambiente, essas filosofias tomam como impossível a previsão e controle do comportamento humano. De acordo com Skinner (1971):

[O homem autônomo] ainda é uma figura importante na ciência política, direito, religião, economia, antropologia, sociologia, psicoterapia, filosofia, ética, história, educação, cuidado infantil, linguística, arquitetura, planejamento urbano e vida familiar. Esses campos têm seus especialistas, e cada especialista tem uma teoria, e em quase toda teoria a autonomia do indivíduo não é questionada. (p. 24)¹⁹

Outro exemplo de característica compartilhada entre diferentes campos de conhecimento interessados no comportamento humano, entre eles a filosofia, é o uso de substitutos atuais na explicação do comportamento e a desconsideração da história seletiva do comportamento em sua explicação (Skinner, 1981/1984h, 1984i). Sobre o uso do conceito de

¹⁷ Tradução do original: “continues to talk about human behaviour in this pre-scientific way” (Skinner, 1971, p. 15).

¹⁸ Tradução do original: “Prevailing philosophies of human nature” (Skinner, 1953, p. 7).

¹⁹ Tradução do original: “He is still an important figure in political science, law, religion, economics, anthropology, sociology, psychotherapy, philosophy, ethics, history, education, child care, linguistics, architecture, city planning, and family life. These fields have their specialists, and every specialist has a theory, and in almost every theory the autonomy of the individual is unquestioned” (Skinner, 1971, p. 24).

intenção como um substituto atual para a ação seletiva histórica do ambiente no campo do comportamento verbal, Skinner (1984a) afirma:

Típico de filósofos modernos, Bennett substitui uma história de consequências reforçadoras por uma “intenção” sentida ou ao menos ativa no presente. Sua expressão “pretendendo fazer alguém pensar que Fx, ou pretendendo fixar em sua própria memória sua crença que Fx, ou semelhante” é uma tentativa de encontrar uma entidade atual para substituir a relação do falante com o ouvinte e os tipos de efeito que ele teve em ouvintes, especialmente os efeitos descritos em detalhes em *Comportamento Verbal*. (p. 573)²⁰

A busca por substitutos atuais para os efeitos das consequências seletivas passadas é um ponto em comum, de acordo com Skinner (1984i, p. 502), entre a filosofia moderna e a psicologia cognitiva. O conceito de propósito usado por filósofos, de comportamento dirigido ao alvo usado por psicólogos cognitivos e o “intencionalismo” da filosofia moderna originam-se nessa mesma busca por uma propriedade atual do comportamento que serviria como substituto para a história de seleção do comportamento. Essa busca por explicações do comportamento em eventos atuais e a desconsideração da ação seletiva do ambiente pelas áreas de conhecimento interessadas no comportamento humano explicam a insatisfação de Skinner (1981/1984h) com a situação dos estudos sobre o comportamento humano de sua época. De modo semelhante, explicam a afirmação de que “A filosofia e as letras não oferecem perspectivas promissoras” (p. 481)²¹.

Na análise de Skinner (1984d), os sentimentos também são costumeiramente usados por filósofos como substitutos atuais na explicação do comportamento humano. De acordo

²⁰ Tradução do original: “Typical of modern philosophers, Bennett replaces a history of reinforcing consequences with a currently felt or at least active “intention.” His expression “intending to get someone else to think that Fx, or intending to fix in his own memory his belief that Fx, or the like” is an effort to find a current entity to replace the speaker’s relation to the listener and the kinds of effects he has had on listeners, especially the effects described in detail in *Verbal Behavior*” (Skinner, 1984a, p. 573).

²¹ Tradução do original: “Philosophy and letters offer no promising leads” (Skinner, 1981/1984h, p. 481).

com o autor, filósofos e outros sujeitos interessados no comportamento humano tendem a atribuir aos sentimentos um estatuto causal sobre o comportamento. Sobre a diferença na compreensão do papel dos sentimentos nas concepções tradicionais de comportamento humano em relação a sua proposta de estudo científico do comportamento, Skinner (1984d) afirma:

Eu não afirmo que sentimentos são irrelevantes para a ação. Grosso modo, eles são subprodutos das causas da ação. Como eu afirmei em meu debate com Blanshard (1967), o tratamento de Hitler para com os judeus pode ser reconstituído a muitos eventos bem documentados de sua vida. Esses eventos e sua ação em relação aos judeus também foram responsáveis pelas condições corporais que ele pôde sentir como ódio aos judeus. Dizer que ele primeiro experienciou esses eventos e por isso sentiu ódio e que seu ódio, então, levou-o a agir, dá aos sentimentos um aparente estatuto causal que “romancistas, dramaturgos, historiadores, filósofos e pessoas comuns ao redor do mundo” também atribuíram a eles. Há uma prioridade aparente nos sentimentos; quando nós agimos, nós temos melhores indícios de como nos sentimos do que da longa história de eventos que levaram ao que é sentido e à ação relacionada. (p. 703)²²

No trecho anterior, Skinner (1984d) rejeita a noção de que o comportamento deve ser compreendido como efeito dos sentimentos, atribuindo aos eventos atuais (sentimentos) um estatuto causal sobre o comportamento. É esse o papel que, de acordo com o autor, filósofos costumeiramente atribuem aos sentimentos. Skinner (1984i) compara a situação das ciências

²² Tradução do original: “I do not say that feelings are irrelevant to action. To put it roughly, they are byproducts of the causes of action. As I said in my debate with Blanshard (1967), Hitler’s treatment of the Jews can be traced to many well documented events in his life. Those events and his action with respect to Jews were also responsible for conditions of his body which he could feel as hatred of the Jews. To say that he first experienced these events and hence felt hatred and that his hatred then led him to act gives the feelings an apparent causal status which “novelists, dramatists, historians, philosophers, and ordinary people the world over” have also assigned to them. There is an apparent priority in feelings; when we act we have better evidence of how we feel than of the long history of events which have led to what is felt and the related action” (Skinner, 1984d, p. 703).

comportamentais com a da biologia evolutiva, em que o papel seletivo das consequências é reconhecido e o uso de substitutos atuais é menos comum:

Teóricos evolucionistas podem não apelar a conceitos como vida, mente e *Zeitgeist*, mas cientistas comportamentais, no sentido que inclui economistas, cientistas políticos e antropólogos, fazem-no, e também o fazem filósofos, teólogos e muitos outros que têm um efeito no que está acontecendo no mundo de hoje. (p. 508)²³

Essa crítica de Skinner à filosofia é direcionada a sua concepção de comportamento, que toma o ser humano como um agente livre e que desconsidera o papel das consequências na sua explicação. A crítica, no entanto, não é restrita à filosofia. A filosofia se torna um dos alvos da crítica skinneriana na medida em que adota uma concepção de comportamento humano compartilhada com outros campos de conhecimento que “continuam a falar sobre o comportamento humano nessa forma pré-científica” (Skinner, 1971, p. 15)²⁴. A especificidade dessa crítica de Skinner à filosofia estaria no seu papel na construção dessa concepção adotada por diferentes áreas do conhecimento. Ou seja, sistemas filosóficos não apenas adotam concepções tradicionais do comportamento humano, mas também foram responsáveis pela formulação dessas concepções adotadas por outros campos: é na filosofia que costumeiramente se originam essas concepções tradicionais de comportamento (Skinner, 1969a, 1984c).

A resposta à questão “O que é filosofia?” que pode ser formulada a partir das declarações de Skinner sobre a filosofia é: filosofia é uma área de conhecimento que estuda o comportamento humano. Interessada no comportamento humano, a filosofia apresenta costumeiramente uma concepção tradicional de comportamento e de ser humano: defende

²³ Tradução do original: “Evolutionary theorists may not appeal to concepts like life, mind, and *Zeitgeist*, but behavioral scientists, in the sense that includes economists, political scientists, and anthropologists, do so, and so do philosophers, theologians, and many others who have an effect on what is happening in the world today” (Skinner, 1984i, p. 508).

²⁴ Tradução do original: “continues to talk about human behaviour in this pre-scientific way” (Skinner, 1971, p. 15).

uma concepção autônoma de ser humano e o uso de substitutos atuais para explicar o comportamento humano, desconsiderando a história seletiva do comportamento; É essa concepção que é criticada por Skinner e que marca a incompatibilidade do Comportamentalismo Radical com filosofias tradicionais.

Filosofia tradicional: Como se faz?

A segunda questão proposta por Overgaard et al. (2013) para delimitar as áreas de concentração da investigação metafilosófica é “Como se faz filosofia?”. Essa questão tem o método da filosofia como objeto de reflexão metafilosófica. De acordo com os autores, uma das formas de proceder na resposta a essa questão é a investigação da fonte dos dados da reflexão filosófica. Considerando as discussões de Skinner já apresentadas, em que o comportamento humano é delimitado como objeto de estudo da filosofia, a questão pode ser formulada de modo mais específico como: qual o método usado pela filosofia na produção de conhecimento sobre o comportamento humano?

Ao analisar a filosofia como um campo de conhecimento interessado no comportamento humano, além de abordar o seu objeto de estudo e a sua compreensão desse objeto, Skinner discutiu o modo como se faz filosofia, isto é, os métodos usados na investigação filosófica. A questão do uso da introspecção por filósofos foi um dos temas de destaque nas considerações de Skinner sobre o método adotado na filosofia. Ao discutir os fundamentos do uso da introspecção no estudo do comportamento humano, tanto na filosofia quanto na psicologia, Skinner (1963/1982b, 1985/1987b) defende que a sua origem está nos filósofos gregos.

De acordo com Skinner (1969c), “Para o filósofo mentalista, a vida mental é a ‘única coisa que ele conhece com certeza – nele mesmo, se não nos outros’” (p. 242)²⁵. Mesmo o

²⁵ Tradução do original: “To the mentalistic philosopher mental life is ‘the only thing he knows for certain—in himself, if not in others’” (Skinner, 1969c, p. 242).

conhecimento do mundo exterior ao organismo passa pelo contato com as cópias internas desse mundo. Articulado com a noção de causas internas do comportamento, justifica-se a introspecção como método privilegiado de investigação do comportamento humano. Como afirma Skinner (1987/1989g): “Por pelo menos 3000 anos, filósofos e psicólogos procederam na suposição de que porque eles mesmos são organismos que se comportam, eles tinham acesso privilegiado às causas de seu comportamento” (p. 70)²⁶.

A eleição da introspecção entre filósofos como o método mais adequado à filosofia tradicional é, na análise de Skinner (1969c, 1985/1987b, 1987/1989g), resultado da prioridade atribuída por filósofos à mente em detrimento do ambiente. Essa prioridade pode ser encontrada mesmo na forma que a filosofia descreve a obtenção de conhecimento sobre o mundo, expressa na concepção de percepção e de representação adotada por essa disciplina. Para a filosofia, assim como para a ciência cognitiva, a percepção ocorre do organismo em direção ao ambiente:

O percebedor age sobre o mundo, percebe-o no sentido de absorvê-lo. (*Perceber* vem da palavra em latim que significa “capturar”.) Isso era um ponto importante para filósofos gregos porque conhecer era estar em contato. O mundo tinha que ser absorvido e possuído para ser conhecido. Há alguma ambiguidade em chamar percepção o processamento de informação. Dados sensoriais são a informação a ser processada ou a informação é extraída deles? Em ambos casos, o processamento deve ter um produto, e para a ciência cognitiva o produto é, como era para os filósofos gregos, uma *representação*. Nós não vemos o mundo, nós vemos cópias dele. (Skinner, 1985/1987b, p. 95)²⁷

²⁶ Tradução do original: “For at least 3,000 years philosophers and psychologists have proceeded on the assumption that because they were themselves behaving organisms, they had privileged access to the causes of their behavior” (Skinner, 1987/1989g, p. 70).

²⁷ Tradução do original: “The perceiver acts upon the world, perceives it in the sense of taking it in. (*Perceive* comes from a Latin word meaning ‘capture.’) This was an important point for Greek philosophers because to know was to be in contact with. The world had to be taken in and possessed in order to be known. There is some

A percepção criaria cópias internas do mundo externo ou representações dele. Essas representações seriam, por sua vez, observadas. O mundo externo seria acessado apenas indiretamente, mediado pelas cópias internas desse mundo. Essa metáfora foi usada por filósofos para lidar com a questão do conhecimento e consciência (Skinner, 1963/1982b), da percepção e processos sensoriais (Skinner, 1985/1987b, 1987/1989f) e da fala e comunicação (Skinner, 1989c). Essas soluções são insatisfatórias para tais problemas na avaliação de Skinner e acabam por gerar mais problemas do que são capazes de solucionar (Skinner, 1963/1982b, 1987/1989f). A principal dificuldade com a qual essa metáfora buscou lidar entre os gregos é a de

como um homem [sic] poderia ter conhecimento de algo com que ele não estava em contato imediato. Como ele poderia conhecer um objeto do outro lado da sala, por exemplo? Ele chegou até ele e o tocou com um sensor invisível? Ou ele nunca esteve realmente em contato com o objeto de forma alguma, mas apenas com uma cópia dentro de seu corpo? Platão apoiava a teoria da cópia com sua metáfora da caverna. Talvez um homem [sic] nunca veja o mundo real de forma alguma, mas apenas sombras dele na parede da caverna em que está aprisionado. Cópias do mundo real projetado no seu corpo poderiam compor a experiência que o homem [sic] conhece diretamente. Uma teoria similar também poderia explicar como alguém pode ver objetos que “não estão realmente lá”, como em alucinações, imagens residuais e memórias. (Skinner, 1963/1982b, p. 122)²⁸

ambiguity in calling perception the processing of information. Are sensory data the information to be processed, or is information extracted from them? In either case, processing must have a product, and for cognitive science that product is, as it was for the Greek philosopher, a *representation*. We do not see the world, we see copies of it” (Skinner, 1985/1987b, p. 95).

²⁸ Tradução do original: “how a man could have knowledge of something with which he was not in immediate contact. How could he know an object on the other side of the room, for example? Did he reach out and touch it with some sort of invisible probe? Or did he never actually come in contact with the object at all but only with a copy of it inside his body? Plato supported the copy theory with his metaphor of the cave. Perhaps a man never sees the real world at all but only shadows of it on the wall of the cave in which he is imprisoned. Copies of the real world projected into the body could compose the experience which a man directly knows. A similar theory

As dificuldades não são realmente solucionadas por essa metáfora. São, na verdade, multiplicadas, pois, por um lado, torna-se necessário explicar como uma cópia pode ser criada a distância, um problema, segundo Skinner (1963/1982b), tão intrigante quanto o de se conhecer objetos a distância. A mesma dificuldade se dá na explicação de como uma cópia pode surgir na ausência da coisa a ser copiada. Outra questão que surge é a de como é possível ao sujeito observar essa cópia: “criar uma cópia não pode ser ver, porque a cópia deve, por sua vez, ser vista”²⁹ (Skinner, 1987/1989f, p. 18)³⁰.

A insatisfação com o uso da introspecção, argumenta Skinner (1990/1999d), já se fazia presente entre filósofos: “A introspecção nunca foi muita satisfatória, todavia. Filósofos reconheceram suas inadequações, embora insistindo que ela é, contudo, o único meio do autoconhecimento” (p. 577)³¹. Essas inadequações levaram psicólogos a abandonarem o uso da introspecção, mesmo nas suas versões refinadas, como o uso de observadores treinados que caracterizaram, por exemplo, a tradição psicológica originada nas investigações de Wilhelm Wundt (Skinner, 1988/1989d). No lugar, psicólogos passaram a usar de inferências e tomar processos mentais como hipóteses a serem testadas (Skinner, 1974, 1988/1989d, 1989e, 1990/1999d). Mas a introspecção parece ser o único método disponível aos filósofos que buscam compreender o comportamento, pois, como afirma Skinner (1975/1978h):

O filósofo em sua mesa questionando-se o que realmente sabe, sobre si mesmo ou o mundo, irá muito naturalmente iniciar com suas experiências, seus atos de vontade e sua memória, mas o esforço para compreender a mente desse ponto de vista,

could also explain how one can see objects which are “not really there,” as in hallucinations, after-images, and memories” (Skinner, 1963/1982b, p. 122).

²⁹ Skinner (1987/1989f) não defendeu que essas cópias seriam introspectadas, mas destacou que seria necessário explicar como essas cópias seriam, por sua vez, acessadas. Ademais, a crítica de Skinner (1963/1982, 1985/1987, 1987/1989) à teoria da cópia apresenta semelhanças em relação a sua crítica ao uso da introspecção: há uma crítica a prioridade atribuída ao interno/mental em detrimento da relação entre ambiente e organismo.

³⁰ Tradução do original: “making a copy cannot be seeing, because the copy must in turn be seen” (Skinner, 1987/1989f, p. 18).

³¹ Tradução do original: “Introspection has never been very satisfactory, however. Philosophers have acknowledged its inadequacies while insisting that it is nevertheless the only means of self-knowledge” (Skinner, 1990/1999d, p. 577).

começando com a suposta descoberta de Platão, tem sido um dos grandes desvios que atrasaram a análise do papel do ambiente. (p. 73)³²

Se o autor afirma que o início da investigação pela introspecção é uma escolha quase natural ao filósofo (1975/1978h) e que “Não se pode discutir . . . com filósofos que desejam examinar suas mentes por meio da introspecção” (Skinner, 1988/1989d, p. 80)³³, não significa que Skinner poupe críticas ao seu uso. Uma primeira clarificação possível da crítica skinneriana ao uso da introspecção é a sua diferenciação da crítica realizada pelos comportamentalistas metodológicos e positivistas lógicos – uma distinção da crítica que o próprio autor teceu (Skinner, 1974). De acordo com Skinner (1974), autores dessas tradições negaram à introspecção o reconhecimento como uma prática científica legítima pela impossibilidade de concordância pública sobre a validade dos eventos privados.

O Comportamentalismo Radical, por não estar comprometido com a filosofia da “verdade por concordância” – uma posição que Skinner (1945/1984j) classifica como uma “solução majoritariamente insatisfatória do problema da verdade” (p. 552)³⁴ –, não nega a possibilidade da auto-observação e autoconhecimento (Skinner, 1974). A crítica de Skinner (1945/1984j, 1974) à introspecção não está na impossibilidade de gerar concordância entre dois ou mais observadores. Nem está no caráter não-físico que filósofos atribuem aos fenômenos mentais, pois a posição oposta, ou seja, a de que fenômenos mentais são fenômenos físicos, não é incomum entre filósofos: “Partilho da visão, claramente ganhando simpatia entre psicólogos e fisiólogos e de modo algum estranha à filosofia, que aquilo que

³² Tradução do original: “The philosopher at his desk asking himself what he really knows, about himself or the world, will quite naturally begin with his experiences, his acts of will, and his memory, but the effort to understand the mind from that vantage point, beginning with Plato’s supposed discovery, has been one of the great diversions which have delayed an analysis of the role of the environment” (Skinner, 1975/1978h, p. 73).

³³ Tradução do original: “One cannot quarrel with the choice of medical science as a professional field, or even with philosophers who wish to examine their minds through introspection” (Skinner, 1988/1989d, p. 80).

³⁴ Tradução do original: “most unsatisfying solution of the problem of truth” (Skinner, 1945/1984j, p. 552).

observamos introspectivamente, bem como sentimentos, são estados de nossos corpos” (Skinner, 1975/1978h, p. 72)³⁵.

Skinner (1968/1969f, 1988/1989d, 1989e, 1990/1999d) indica algumas dificuldades adicionais causadas pela adoção de concepções não-físicas dos fenômenos mentais. Nessa direção, Skinner (1968/1969f) afirma que as técnicas dos fisiologistas parecem mais promissoras do que a dos filósofos e psicólogos introspeccionistas e, na análise do autor (Skinner, 1988/1989d, 1989e, 1990/1999d), esse foi o caminho trilhado pela psicologia cognitiva ao usar do estudo do cérebro para avaliar a adequação de suas teorias. No entanto, uma concepção fisicalista dos fenômenos mentais não resolve o problema central:

O que está errado com tudo isso não é o que filósofos, psicólogos, cientistas do cérebro e cientistas da computação encontraram ou irão encontrar; o erro está na direção em que estão olhando. Nenhuma consideração do que está acontecendo dentro do corpo humano, não importa o quão completa, irá explicar as origens do comportamento humano. O que acontece dentro do corpo não é o início. (Skinner, 1989e, p. 30)³⁶

Seja pelo uso da introspecção, método adotado majoritariamente por filósofos e psicólogos introspeccionistas, seja pelo uso dos métodos típicos da fisiologia para o estudo do cérebro, adotados por psicólogos cognitivistas, há uma desconsideração do papel do ambiente na explicação do comportamento. Ao voltar o foco da investigação para o interior do organismo, buscando por correlatos fisiológicos, perde-se de vista o próprio comportamento como foco de estudo. Como escreve Skinner (1988/1989d): “para cada terapeuta comportamental que, ao descobrir algum fato sobre o comportamento, passa a buscar por uma

³⁵ Tradução do original: “I welcome the view, clearly gaining in favor among psychologists and physiologists and by no means a stranger to philosophy, that what we introspectively observe, as well as feel, are states of our bodies” (Skinner, 1975/1978h, p. 72).

³⁶ Tradução do original: “What is wrong with all this is not what philosophers, psychologists, brain scientists, and computer scientists have found or will find; the error is the direction in which they are looking. No account of what is happening inside the human body, no matter how complete, will explain the origins of human behavior. What happens inside the body is not a beginning” (Skinner, 1989e, p. 30).

explicação fisiológica, há um terapeuta a menos para realizar estudos adicionais do comportamento em si” (p. 80)³⁷.

De modo complementar à distração causada pela busca de causas internas do comportamento, de que a predileção pelo uso da introspecção é expressão, Skinner critica a imprecisão inerente a uma linguagem originada na introspecção, qual seja, a linguagem dos sentimentos. Skinner (1984g, 1985/1987b, 1990/1999d) reconhece o valor dessa linguagem nas práticas cotidianas – o vernáculo, cuja existência precede tanto a ciência quanto a filosofia –, mesmo com suas referências a sentimentos e estados mentais. Apesar desse valor, essa linguagem, pela imprecisão, não é adequada para a ciência e para a filosofia, apesar de ser a linguagem em que a maior parte da filosofia é feita:

Para propósitos casuais (entre os quais eu não incluo propósitos filosóficos), seria grosseiro opor-se a tais práticas. Todos nós achamos útil perguntar às pessoas o que elas pretendiam fazer, como elas se sentem sobre as coisas, e assim por diante. Terapeutas investigam essas questões longamente. Como um cientista, contudo (e eu espero como um filósofo), eu devo reconhecer certas limitações. Relatos sobre sentimentos e estados da mente são notoriamente inexatos, por motivos que eu examinei em outra ocasião (ver “Termos”). (Skinner, 1984g, p. 659)³⁸

Apesar da privacidade não ser um impeditivo para a produção de conhecimento sobre os eventos privados, ela impõe certas limitações que tornam a introspecção e a linguagem dos sentimentos dela derivada inadequadas para a ciência e filosofia. A primeira limitação diz respeito à sua imprecisão inerente:

³⁷ Tradução do original: “for every behavior therapist who, upon discovering some fact about behavior, then looks for a physiological explanation, there is one fewer therapist to make further studies of behavior itself” (Skinner, 1988/1989d, p. 80).

³⁸ Tradução do original: “For casual purposes (among which I do not include philosophical purposes), it would be churlish to object to such practices. We all find it useful to ask people what they intend to do, how they feel about things, and so on. Therapists inquire into such matters at length. As a scientist, however (and I hope as a philosopher), I must recognize certain limitations. Reports of feelings and states of mind are notoriously inexact, for reasons I have examined elsewhere (see ‘Terms’)” (Skinner, 1984g, p. 659).

[Contingências especiais de reforçamento] são organizadas por ouvintes, e elas são especialmente difíceis de organizar quando sobre o que está sendo falado está fora do alcance do ouvinte, e é geralmente quando está sob a pele do falante. A própria privacidade que sugere que nós deveríamos conhecer nossos próprios corpos especialmente bem é um obstáculo severo para aqueles que devem nos ensinar a conhecê-lo. . . . Como eventos públicos e privados raramente coincidem exatamente, palavras para sentimentos nunca foram ensinadas com tanto sucesso quanto palavras para objetos. Talvez é por isso que filósofos e psicólogos tão raramente concordam quando falando sobre sentimentos e estados da mente e porque não há uma ciência dos sentimentos aceitável. (Skinner, 1987/1989f, p. 12)³⁹

A própria privacidade, o fato de que apenas o sujeito tem acesso aos eventos de que fala pois se passam sob sua pele, impede que a comunidade verbal organize contingências precisas de reforçamento. A comunidade verbal depende de eventos públicos que tendem a acompanhar os eventos privados. Mas como não há necessariamente uma correspondência total entre eventos públicos e privados, além de existir uma limitação na precisão com que a comunidade verbal pode organizar essas contingências (Skinner, 1945/1984j, 1987/1989f). Contrariamente às supostas vantagens que a perspectiva tradicional atribuiu ao conhecimento introspectivo, a privacidade, na análise de Skinner, traz dificuldades adicionais na construção desse conhecimento, gerando uma linguagem imprecisa (Skinner, 1945/1984j, 1971, 1987/1989f).

Uma das consequências dessa inexatidão da linguagem introspectiva é, segundo Skinner (1971, 1974, 1975/1978h, 1987/1989f), uma proliferação de diferentes filosofias e

³⁹ Tradução do original: “They are arranged by listeners, and they are especially hard to arrange when what is being talked about is out of the listener’s reach, as it usually is when it is within the speaker’s skin. The very privacy which suggests that we ought to know our own bodies especially well is a severe handicap for those who must teach us to know them. . . . Since public and private events seldom coincide exactly, words for feelings have never been taught as successfully as words for objects. Perhaps that is why philosophers and psychologists so seldom agree when talking about feelings and states of mind, and why there is no acceptable science of feeling.” (Skinner, 1987/1989f, p. 12).

psicologias e seus vocabulários próprios de sentimentos e estados mentais. Como argumenta Skinner (1975/1978h), há motivos pelos quais “nós não discriminamos precisamente entre nossos sentimentos e estados mentais e, portanto, porque há muitas filosofias e psicologias diferentes” (p. 72)⁴⁰. Mesmo o extenso uso da introspecção na história da filosofia não foi capaz de gerar consenso sobre os eventos privados, pelos limites impostos pela privacidade:

Processos mentais podem ser sentidos ou “introspectados”. Filósofos têm praticado a introspecção por muito tempo, mas nunca chegaram a algum consenso geral sobre o que viram. Nenhum sentimento ou estado da mente já foi identificado ou definido inequivocamente sem referência a seus antecedentes ou conseqüências, e eles não são o que é visto pela introspecção. (Skinner, 1989a, p. 109)⁴¹

A privacidade que parece conferir intimidade ao autoconhecimento torna impossível para a comunidade verbal manter contingências precisas. Vocabulários introspectivos são, por natureza, imprecisos, e essa é uma das razões pelas quais eles variaram tão amplamente entre escolas de filosofia e psicologia. Mesmo observadores cuidadosamente treinados enfrentam dificuldades quando novos estímulos privados são estudados. (Skinner, 1971, p. 188)⁴²

O consenso sobre eventos privados, mesmo quando possível, não resolveria os problemas da introspecção. Como apresentado anteriormente, Skinner (1945/1984j) não se compromete com a filosofia da “verdade por concordância” e, portanto, o consenso não é uma preocupação central do autor. Um dos motivos para tal é que o consenso sobre os termos psicológicos pode ser apenas temporário, gerando satisfação, mas não progresso:

⁴⁰ Tradução do original: “we do not discriminate precisely among our feelings and states of mind and hence why there are many different philosophies and psychologies” (Skinner, 1975/1978h, p. 72).

⁴¹ Tradução do original: “Mental processes can be felt or ‘introspected.’ Philosophers have practiced introspection for a very long time, but they have never reached any general agreement on what they have seen. No feeling or state of mind has ever been unambiguously identified or defined without referring to its antecedents or consequences, and they are not what is seen through introspection” (Skinner, 1989a, p. 109).

⁴² Tradução do original: “The privacy which seems to confer intimacy upon self-knowledge makes it impossible for the verbal community to maintain precise contingencies. Introspective vocabularies are by nature inaccurate, and that is one reason why they have varied so widely among schools of philosophy and psychology. Even a carefully trained observer runs into trouble when new private stimuli are studied” (Skinner, 1971, p. 188).

Mas apenas a concordância significa muito pouco. Várias épocas na história da filosofia e psicologia encontraram completa concordância na definição de termos psicológicos. Isso gera satisfação, mas não progresso. É provável que a concordância seja quebrada quando alguém descobre que um conjunto de termos não irá realmente funcionar, talvez em um algum campo negligenciado até agora, mas isso não faz da concordância a chave para a viabilidade. Pelo contrário, é o oposto. (Skinner, 1945/1984j, p. 552)⁴³

Mesmo o consenso sobre os eventos privados é limitado ao âmbito de uma comunidade verbal específica, pois diferentes comunidades verbais produzem repertórios distintos de auto-observação:

Diferentes comunidades verbais geram diferentes tipos e quantidades de consciência ou autoconsciência [*awareness*]. As filosofias orientais, psicanálise, psicologia experimental, fenomenologia e o mundo das questões práticas levam à observação de sentimentos e estados mentais muito diferentes. Uma ciência independente do subjetivo seria uma ciência independente de comunidades verbais. (Skinner, 1974, p. 221)⁴⁴

Outro problema do uso dessa linguagem introspectiva na filosofia e ciência são suas referências a sentimentos e estados mentais como causas internas do comportamento (Skinner, 1971, 1974, 1988/1989d, 1989e, 1990/1999d). Skinner (1984g, 1985/1987b, 1990/1999d) reconhece o valor do uso dessa linguagem no cotidiano e na medida em que oferece pistas sobre as contingências passadas ou em vigor. O problema do seu uso está no

⁴³ Tradução do original: “But agreement alone means very little. Various epochs in the history of philosophy and psychology have seen wholehearted agreement on the definition of psychological terms. This makes for contentment but not for progress. The agreement is likely to be shattered when someone discovers that a set of terms will not really work, perhaps in some hitherto neglected field, but this does not make agreement the key to workability. On the contrary, it is the other way round” (Skinner, 1945/1984j, p. 552).

⁴⁴ Tradução do original: “Different verbal communities generate different kinds and amounts of consciousness or awareness. Eastern philosophies, psychoanalysis, experimental psychology, phenomenology, and the world of practical affairs lead to the observation of very different feelings and states of mind. An independent science of the subjective would be an independent science of verbal communities” (Skinner, 1974, p. 221).

fato que “filósofos logo passaram a argumentar que percepções, sentimentos, intenções e semelhantes possuíam uma existência independente” (Skinner, 1989e, p. 30)⁴⁵. Termos que na análise de Skinner (1989e, 1990/1999d) descrevem condições corporais observadas introspectivamente ou probabilidades de ação passam a ser tomados por filósofos como fazendo referência a processos cognitivos (intenções, por exemplo) que causam o comportamento. Essa tendência é intensificada na medida em que filósofos tratam do comportamento de pessoas com que não tiveram contato:

Por milhares de anos, filósofos têm falado sobre o comportamento de pessoas com quem não tiveram contato e sobre sentimentos e estados mentais que não puderam perguntar. Em vez disso, eles desencarnaram os eventos mentais e os discutiram à parte de em quem eles ocorrem. Eles dizem que a frustração gera agressão, que a ambição sobrepõe a precaução, que o ciúme destrói o afeto. (Skinner, 1988/1989d, p. 81)⁴⁶

Em diferentes momentos de sua obra, Skinner aborda as formas que filósofos produziram conhecimento sobre o ser humano. Especialmente, Skinner analisa criticamente o uso da introspecção por filósofos (e posterior adoção por psicólogos) e a noção de representação e causas internas que subsidia o seu uso. Apesar de considerar a introspecção uma escolha quase natural para filósofos que estudam o comportamento de suas mesas, o autor destaca as limitações da introspecção no estudo do comportamento humano. Uma crítica recorrente de Skinner é que, como efeito da própria privacidade que torna a introspecção o método de escolha dos filósofos, a comunidade verbal tem dificuldades em organizar contingências precisas que permitam uma discriminação adequada dos eventos privados. A

⁴⁵ Tradução do original: “philosophers were soon contending that perceptions, feelings, intentions, and the like had an independent existence” (Skinner, 1989e, p. 30).

⁴⁶ Tradução do original: “For thousands of years philosophers have talked about the behavior of people with whom they have had no contact and about whose feelings or states of mind they could not ask. Instead they have disembodied mental events and discussed them quite apart from anyone in whom they occur. They have said that frustration breeds aggression, that greed overrides caution, that jealousy destroys affection” (Skinner, 1988/1989d, p. 81).

linguagem introspectiva, uma linguagem das emoções e dos estados mentais, é, portanto, necessariamente inexata e um conhecimento assentado na introspecção é igualmente impreciso. E é essa linguagem que Skinner afirma ser usada majoritariamente por filósofos.

Filosofia tradicional: Para que se faz?

A última questão formulada por Overgaard et al. (2013), correspondente a um dos focos da reflexão metafilosófica, é a questão “Para que fazer filosofia?”. Tomada em seu sentido descritivo, é uma pergunta sobre as motivações da prática filosófica, podendo ser compreendida como um tema de pesquisa psicológica ou sociológica. Pode ser tomada também como uma reflexão do valor da prática filosófica, uma investigação sobre as justificativas usadas por filósofos para a prática da filosofia – uma investigação que adota a orientação histórica de uma metafilosofia descritiva (Rescher, 2014). Considerando a aproximação que Skinner (1971) realiza entre valores e consequências do comportamento, essa pergunta pode incluir ainda uma reflexão sobre as consequências da prática filosófica tradicional. São declarações de Skinner sobre essas questões que serão apresentadas a seguir.

Como um dos campos interessados no comportamento humano, Skinner reconheceu eventuais contribuições das filosofias tradicionais para a compreensão do comportamento humano. Em especial, evidenciou instâncias em que a filosofia foi capaz de reconhecer aspectos importantes do comportamento em sua relação com o ambiente, antecipando o reconhecimento de princípios científicos do comportamento humano (Skinner, 1956/1982d, 1969g, 1973/1978a, 1974). No contexto das discussões sobre o conhecimento, Skinner (1956/1982d) destaca que filósofos reconheceram aspectos do comportamento humano que podem ser entendidos, em uma concepção analítico-comportamental, como condições para a discriminação operante:

Filósofos frequentemente insistiram que nós não estamos cientes de uma diferença até que ela faça diferença, e evidência experimental está começando a acumular em apoio à visão de que nós provavelmente não saberíamos nada se não fossemos forçados a isso. O comportamento discriminativo chamado de conhecimento aparece apenas na presença de certas contingências reforçadoras entre as coisas conhecidas. (p. 237)⁴⁷

Nesse contexto, Skinner (1956/1982d) sugere a existência de uma concordância entre os filósofos e as evidências experimentais sobre processos comportamentais envolvidos no conhecer. De modo semelhante, em diferentes momentos de sua obra, Skinner (1969g, 1973/1978a, 1974) destacou a filosofia do hedonismo como uma precursora no reconhecimento do papel das consequências na compreensão do comportamento, como pode ser verificado nesta sequência de trechos:

Toda formulação do comportamento em termos de estímulo-resposta ou *input-output* sofre de uma séria omissão. Nenhuma descrição do intercâmbio entre organismo e ambiente está completa até que inclua a ação do ambiente sobre o organismo *após* a resposta ter sido emitida. O fato que o comportamento pode ter consequências importantes, é claro, não passou despercebido. A filosofia do hedonismo insistiu que homens trabalham para conseguir prazer e evitar dor, e o utilitarismo tentou justificar o comportamento em termos de seus efeitos úteis. (Skinner, 1969g, p. 5)⁴⁸

O organismo individual também é afetado pelas consequências. O processo evoluiu por meio da seleção natural, mas opera em uma escala muito diferente. Ele foi previsto

⁴⁷ Tradução do original: “Philosophers have often insisted that we are not aware of a difference until it makes a difference, and experimental evidence is beginning to accumulate in support of the view that we should probably not know anything at all if we were not forced to do so. The discriminative behavior called knowledge arises only in the presence of certain reinforcing contingencies among the things known” (Skinner, 1956/1982d, p. 237).

⁴⁸ Tradução do original: “Every stimulus-response or input-output formulation of behavior suffers from a serious omission. No account of the interchange between organism and environment is complete until it includes the action of the environment upon the organism *after* a response has been made. The fact that behavior might have important consequences had not, of course, gone unnoticed. The philosophy of hedonism insisted that men worked to achieve pleasure and avoid pain, and utilitarianism tried to justify behavior in terms of its useful effects” (Skinner, 1969g, p. 5).

por filosofias do hedonismo e relatado de forma bastante explícita na Lei do Efeito de Thorndike. Ele foi mais claramente demonstrado na análise experimental do condicionamento operante. (Skinner, 1973/1978a, p. 19)⁴⁹

No que diz respeito à familiaridade, é verdade que uma análise científica foi em alguma medida antecipada na filosofia, teologia, linguística, ciência política e muitos outros campos. A importância do reforçamento operante, por exemplo, foi reconhecida há muito nas discussões sobre recompensas, autointeresse, hedonismo e utilitarismo. . . . Os grandes ensaístas extraíram algumas regras gerais e *insights* muito próximos das implicações de uma descrição científica. (Skinner, 1974, pp. 231-232)⁵⁰

Nos trechos anteriores selecionados, é possível observar um reconhecimento de Skinner (1956/1982d, 1969g, 1973/1978a, 1974) das contribuições da filosofia para a compreensão do comportamento humano. A filosofia foi, de acordo com o autor, capaz de reconhecer características do comportamento humano antes do desenvolvimento de uma investigação científica sobre o comportamento humano.

Apesar de reconhecer essas eventuais contribuições da filosofia, Skinner (1974) pondera sobre os limites da descrição proposta pela filosofia ao destacar a importância das consequências na explicação do comportamento:

As sensações dominaram a discussão sobre recompensas e punições por séculos. Uma das razões é o fato de que as condições que relatamos quando dizemos que um sabor, cheiro, som, quadro ou música é delicioso, agradável ou belo fazem parte da situação imediata, enquanto o efeito que eles podem ter na mudança de nosso comportamento é

⁴⁹ Tradução do original: “The individual organism is also affected by consequences. The process evolved through natural selection, but it operates on a very different scale. It was foreshadowed by philosophies of hedonism and fairly explicitly stated in Thorndike’s Law of Effect. It has been most clearly demonstrated in the experimental analysis of operant conditioning” (Skinner, 1973/1978a, p. 19).

⁵⁰ Tradução do original: “As to familiarity, it is true that a scientific analysis has to some extent been anticipated in philosophy, theology, linguistics, political science, and many other fields. The importance of operant reinforcement, for example, has long been recognized in discussions of rewards, self-interest, hedonism, and Utilitarianism. . . . The great essayists have extracted rules of thumb and insights very close to some implications of a scientific account” (Skinner, 1974, pp. 231-232).

muito menos saliente – e muito menos provável de ser “visto”, porque o ambiente verbal não pode estabelecer boas contingências. De acordo com a filosofia do hedonismo, as pessoas agem para alcançar prazer ou fugir ou evitar dor, e os efeitos referidos pela famosa Lei do Efeito de Edward L. Thorndike são sentimentos: “satisfatório” ou “desagradável”. (pp. 47-48)⁵¹

Mesmo nos casos em que a filosofia foi capaz de descrever corretamente algumas características do comportamento humano – na discussão em questão, uma descrição sobre a importância das consequências na explicação do comportamento –, Skinner (1974) descreve limitações nessa descrição. Pela prioridade atribuída pela filosofia aos sentimentos na explicação do comportamento humano, esses sentimentos e sensações passam a ser usados como causas que explicariam o comportamento. Skinner (1974) destaca que, apesar de alguns desses termos fazerem referências a efeitos dos reforçadores, a maioria se refere a estados corporais gerados pelos reforçadores como efeitos colaterais do reforçamento. Como já descrito, a filosofia e outros campos interessados no comportamento, no entanto, atribuem a esses estados corporais um estatuto causal efetivo sobre o comportamento humano (Skinner, 1974, 1984d).

Outro aspecto discutido por Skinner diz respeito aos efeitos do uso da introspecção como método privilegiado da investigação do comportamento humano. Como defendido, Skinner (1945/1984j, 1963/1982b, 1971, 1974, 1987/1989f, 1990/1999d) foi um crítico severo do uso da introspecção no estudo do comportamento humano. Apesar de não rejeitar sua inclusão no escopo de uma ciência do comportamento (Skinner, 1945/1984j, 1974), destacou seus limites em termos da reduzida precisão decorrente da privacidade (Skinner,

⁵¹ Tradução do original: “Feelings have dominated the discussion of rewards and punishments for centuries. One reason is that the conditions we report when we say that a taste, odor, sound, picture, or piece of music is delicious, pleasant, or beautiful are part of the immediate situation, whereas the effect they may have in changing our behavior is much less salient—and much less likely to be ‘seen,’ because the verbal environment cannot establish good contingencies. According to the philosophy of hedonism, people act to achieve pleasure and escape from or avoid pain, and the effects referred to in Edward L. Thorndike’s famous Law of Effect were feelings: ‘satisfying’ or ‘annoying’” (Skinner, 1974, pp. 47-48).

1945/1984j, 1971, 1974, 1975/1978h). Em razão dessas limitações, Skinner (1990/1999d) demonstrou-se cético sobre as contribuições da filosofia para a compreensão do comportamento humano:

Mas o que dizer de filósofos ilustres que, ao longo dos séculos, tentaram seguir as injunções do Oráculo de Delfos e conhecer a si mesmos por meio da introspecção? Há uma justificação semelhante ou eles teriam inutilmente perseguido uma esperança ilusória? Dizer isso poderia parecer um pouco arrogante se não houvesse um paralelo esclarecedor. Homens e mulheres igualmente ilustres procuraram por muito tempo e com grande dedicação por outro Criador, escrito dessa vez com um “C” maiúsculo, cujas realizações relatadas estão sendo também questionadas pela ciência. (p. 583)⁵²

Destacando os paralelos entre as explicações teológicas para a evolução das espécies e as explicações mentalistas para o comportamento, Skinner (1990/1999d) parece defender que a busca pela compreensão do comportamento por meio da introspecção veio a ser um empreendimento infrutífero guiado por uma “esperança ilusória”. O conhecimento produzido pela filosofia por meio da introspecção parece ser, na avaliação de Skinner (1990/1999d), de pouco interesse para a compreensão do comportamento humano. Visando aumentar a compreensão sobre o ser humano, Skinner (1990/1999d) parece duvidar da capacidade da filosofia guiada pela introspecção em cumprir esse objetivo.

A análise de Skinner sobre a filosofia, como já indicado, não parece apenas evidenciar dúvidas sobre a capacidade da introspecção na filosofia em produzir conhecimento adequado sobre o comportamento humano. A crítica de Skinner (1988/1989d, 1989e) destaca prejuízos para a compreensão do comportamento humano causados pela busca por causas internas por

⁵² Tradução do original: “But what about the illustrious philosophers who throughout the centuries have tried to follow the injunction of the Delphic Oracle and to know themselves through introspection? Is there a similar justification or have they been uselessly pursuing a will-o’-the-wisp? To say so would seem little short of arrogance if there were not an illuminating parallel. Equally illustrious men and women have searched much longer and with greater dedication for another Creator, spelled this time with a capital ‘C,’ whose reported achievements are also being questioned by science” (Skinner, 1990/1999d, p. 583).

meio da introspecção. A busca por causas internas pela introspecção, argumenta Skinner (1988/1989d, 1989e), desvia a atenção da relação entre ambiente e comportamento para a compreensão do último, levando os filósofos e outros estudiosos interessados no comportamento humano a buscarem dentro do sujeito as causas de seu comportamento.

Skinner (1988/1989d) critica esse desvio da atenção de alguns estudiosos interessados no comportamento que não se concentram no estudo do próprio comportamento humano em sua relação com o ambiente. Seguindo filósofos ou fisiólogos, esses estudiosos buscam uma explicação do comportamento por meio da introspecção ou do estudo do cérebro, respectivamente. De modo semelhante, Skinner (1959/1999h) defendeu que o estudo do comportamento humano teve seu desenvolvimento atrasado pela predominância de uma filosofia da explicação que atribui prioridade aos eventos internos em detrimento das relações do indivíduo com o ambiente. Skinner (1959/1999h) afirma:

Ambos conjuntos de fatos [comportamentais e fisiológicos], e seus conceitos adequados, são importantes – mas eles são *igualmente* importantes, não dependentes um do outro. Sob a influência de uma filosofia da explicação contrária⁵³, que insiste na prioridade redutiva do evento interno, muitos homens brilhantes que começaram com um interesse no comportamento, e poderiam ter avançado nosso conhecimento daquele campo de muitas formas, voltaram-se em vez disso para o estudo da fisiologia. Nós não podemos contestar a importância de suas contribuições, nós podemos apenas imaginar com pesar o que eles poderiam ter feito em vez disso. (p. 338)⁵⁴

⁵³ A expressão “uma filosofia da explicação contrária” sugere um reconhecimento de que há um conflito entre filosofias da explicação e, portanto, um reconhecimento de que há a adoção de uma filosofia particular por Skinner (1959/1999). Há, dessa forma, interessados no comportamento humano que não subscrevem essa filosofia da explicação, mas adotam uma filosofia em que não há prioridade dos fatos fisiológicos em relação aos fatos comportamentais. Essa filosofia, como será defendido posteriormente, é o Comportamentalismo Radical.

⁵⁴ Tradução do original: “Both sets of facts, and their appropriate concepts, are important— but they are *equally* important, not dependent one upon the other. Under the influence of a contrary philosophy of explanation, which insists upon the reductive priority of the inner event, many brilliant men who began with an interest in behavior, and might have advanced our knowledge of that field in many ways, have turned instead to the study of

Skinner desenvolve ainda outros impactos negativos da filosofia, como o desinteresse que ela fomentou no estudo do comportamento em favor da vida mental. Por exemplo, Skinner (1938) argumentou que a concentração científica no estudo dos “elementos mentais” remonta ao empirismo britânico:

O estudo científico da discriminação foi encorajado pelo movimento filosófico conhecido como empirismo britânico, que enfatizou a importância do ‘*sense data*’ no entendimento da mente humana. Ele foi continuado principalmente como parte de uma ciência da mente baseada na doutrina dos ‘elementos mentais’. Ela esteve amplamente preocupada em sua integralidade com os mecanismos empregados na recepção dos estímulos e especialmente em determinar as capacidades liminares. (p. 263)⁵⁵

Skinner (1938) argumentou que a influência do empirismo britânico favoreceu o estudo da discriminação como parte de uma ciência da mente, preocupando-se com mecanismos fisiológicos envolvidos. A própria psicologia introspectiva, afirmou Skinner (1969a), originou-se na preocupação filosófica com o conhecimento: “A psicologia introspectiva . . . emergiu das investigações filosóficas na natureza do conhecimento do homem sobre o mundo ao seu redor” (p. 95)⁵⁶. De modo semelhante, Skinner (1959/1999h, 1984c) descreveu a tentativa de desenvolver uma ciência da mente por seus pioneiros como sendo “filosoficamente motivada”.

Não obstante ter favorecido uma ciência preocupada com a vida mental, Skinner (1974) também reconheceu contribuições dessa influência na compreensão de alguns

physiology. We cannot dispute the importance of their contributions, we can only imagine with regret what they might have done instead” (Skinner, 1959/1999h, p. 338),

⁵⁵ Tradução do original: “The scientific study of sensory discrimination was encouraged by the philosophical movement known as British empiricism, which emphasized the importance of ‘sense data’ in an understanding of the human mind. It has been carried on principally as part of a science of mind based on the doctrine of ‘mental elements.’ Throughout, it has been concerned very largely with the mechanisms employed in the reception of stimuli and especially with determining their liminal capacities” (Skinner, 1938, p. 263).

⁵⁶ Tradução do original: “Introspective psychology. . . emerged from philosophical inquiries into the nature of man’s knowledge of the world around him” (Skinner, 1969a, p. 95).

fenômenos tradicionalmente tidos como mentais, como sensações e percepção – apesar de reconhecer novamente as limitações dessa influência:

Devemos concluir que todos aqueles que especularam sobre a consciência como uma forma de autoconhecimento – dos gregos aos empiristas ingleses até os fenomenólogos – perderam seu tempo? Talvez devamos. Eles merecem crédito por terem dirigido a atenção para relação entre uma pessoa e seu ambiente (o estudo científico do controle de estímulos sob o nome de sensação e percepção emergiu de interesses filosóficos desse tipo), mas conduziram a investigação para longe dos eventos antecedentes da história ambiental da pessoa. (p. 221)⁵⁷

Na avaliação de Skinner, a prioridade atribuída aos eventos internos pela filosofia impactou negativamente na compreensão do comportamento humano e no desenvolvimento de uma ciência do comportamento humano. Esses impactos negativos são resultantes de uma desconsideração do papel do ambiente na explicação do comportamento humano. Em uma comparação da investigação do comportamento humano pela filosofia e pela psicologia com a investigação dos processos fisiológicos pela medicina, Skinner (1975/1978h) destacou os efeitos danosos que a preocupação com a mente teve na compreensão do comportamento humano na filosofia e na psicologia:

Até o século atual [século XX], sabia-se muito pouco sobre os processos corporais na saúde e doença dos quais se poderia derivar práticas terapêuticas úteis. Apesar disso, ainda devia valer a pena chamar um médico. Médicos viam muitas pessoas doentes e provavelmente teriam adquirido um tipo de sabedoria, talvez não analisada de forma metódica, mas ainda de valor na prescrição de tratamentos simples. A história da

⁵⁷ Tradução do original: “Must we conclude that all those who have speculated about consciousness as a form of self-knowledge—from the Greeks to the British empiricists to the phenomenologists—have wasted their time? Perhaps we must. They deserve credit for directing attention to the relation between a person and his environment (the scientific study of stimulus control in the name of sensation and perception emerged from philosophical interests of that sort), but they have directed inquiry away from antecedent events in his environmental history” (Skinner, 1974, p. 221).

medicina, contudo, é amplamente a história de práticas bárbaras – sangrias, ventosas, emplastos, purgantes, eméticos violentos – que foram danosas na maior parte do tempo. Meu ponto é que essas medidas não foram sugeridas pela sabedoria intuitiva adquirida da familiaridade com a doença; elas foram sugeridas por *teorias*, teorias sobre o que estava acontecendo dentro de uma pessoa doente. Teorias da mente tiveram um efeito semelhante, talvez menos dramáticos, mas bem possivelmente muito mais danosos. Os homens que eu mencionei fizeram importantes contribuições no governo, religião, ética, economia e muitos outros campos. Eles puderam fazer tais contribuições com uma sabedoria intuitiva adquirida da experiência. Mas a filosofia e a psicologia tiveram suas sangrias, ventosas e purgantes também, e eles obscureceram essa sabedoria simples. Eles distraíram pessoas sábias de um caminho que teria levado mais diretamente a uma conseqüente ciência do comportamento. (p. 77)⁵⁸

No trecho acima, Skinner (1975/1978h) buscou localizar possíveis fontes do atraso na compreensão do comportamento humano e no desenvolvimento de uma ciência do comportamento humano. Skinner (1975/1978h) destacou o uso de teorias como uma das principais fontes desse atraso, responsabilizando-as por ofuscarem a sabedoria adquirida da experiência. Em especial, a crítica do autor dirige-se ao uso de “teorias sobre o que estava acontecendo dentro de uma pessoa” (p. 77) na filosofia e psicologia, campos interessados na compreensão do comportamento humano. Essas teorias seriam responsáveis, de acordo com

⁵⁸ Tradução do original: “Until the present century very little was known about bodily processes in health and disease from which useful therapeutic practices could be derived. Yet it should have been worthwhile to call in a physician. Physicians saw many ill people and should have acquired a kind of wisdom, unanalyzed perhaps but still of value in prescribing simple treatments: The history of medicine, however, is largely the history of barbaric practices— bloodlettings, cuppings, poultices, purgations, violent emetics— which much of the time must have been harmful. My point is that these measures were not suggested by the intuitive wisdom acquired from familiarity with illness; they were suggested by *theories*, theories about what was going on inside an ill person. Theories of the mind have had a similar effect, less dramatic, perhaps, but quite possibly far more damaging. The men I have mentioned made important contributions in government, religion, ethics, economics, and many other fields. They could do so with an intuitive wisdom acquired from experience. But philosophy and psychology have had their bleedings, cuppings, and purgations too, and they have obscured simple wisdom. They have diverted wise people from a path that would have led more directly to an eventual science of behavior” (Skinner, 1975/1978h, p. 77).

Skinner (1975/1978h), pelas práticas bárbaras e danosas no trato com o comportamento humano. Os avanços nos diferentes campos ligados ao comportamento humano – “governo, religião, ética, economia” (p. 77) – seriam resultado da sabedoria prática adquirida pelo contato com o comportamento humano. São avanços que ocorreram nessas áreas, segundo Skinner (1975/1978h), apesar das teorias sobre o que acontece no interior das pessoas.

Não se deve tomar essa crítica de Skinner (1975/1978h) ao uso de teorias na compreensão do comportamento humano como um endosso de uma posição ateorica ou antiteorica pelo autor⁵⁹. A crítica de Skinner (1975/1978h) é direcionada a um tipo particular de teoria: teorias que buscam compreender o comportamento a partir de eventos que estariam acontecendo dentro da pessoa. É esse tipo de teoria que, de acordo com o autor, é responsável pelo atraso na compreensão do comportamento humano, do desenvolvimento de uma ciência autônoma do comportamento e é também responsável pelas práticas bárbaras no trato com o comportamento. Esse tipo de teoria, na avaliação de Skinner (1975/1978h), estaria presente na filosofia e na psicologia, atrasando o avanço dessas disciplinas interessadas no comportamento humano e sugerindo práticas inadequadas em áreas como governo, religião, ética e economia.

Argumentação semelhante sobre a responsabilidade da filosofia no atraso da compreensão do comportamento humano foi feita em Skinner (1963/1982b). De acordo com o autor, “A filosofia ocidental e a ciência foram incapacitadas de responder essas questões [sobre a consciência] por uma metáfora infeliz” (p. 122)⁶⁰. A metáfora da representação e a teoria da cópia platônica impediram, na análise de Skinner (1963/1982b), uma solução adequada ao problema da consciência, gerando problemas adicionais na compreensão dos

⁵⁹ A caracterização da posição de Skinner como ateorica ou antiteorica é, de acordo com Carrara (1994) e Kitchener (1996), um erro comum que ignora nuances da discussão skinneriana sobre teorias no estudo do comportamento humano. A rejeição de Skinner é restrita, de acordo com os autores, a um tipo particular de teoria: teorias que usam de “qualquer explicação de um fato observado que apele a eventos que ocorrem em algum outro lugar, em algum outro nível de observação, descrito em termos diferentes e medido, se tanto, em dimensões diferentes” (Skinner, 1950/1999c, p. 78).

⁶⁰ Tradução do original: “Western philosophy and science have been handicapped in answering these questions by an unfortunate metaphor” (Skinner, 1963/1982b, p. 122).

eventos privados e do conhecimento sobre o mundo. Segundo Skinner (1963/1982b), a filosofia, influenciada pela teoria platônica, foi responsável pela impossibilidade de solucionar esses problemas relacionados à compreensão do comportamento humano.

De acordo com Skinner (1963/1982b, 1975/1978h), orientadas por essas teorias sobre o que se passa “dentro das pessoas” e pela metáfora da representação, a filosofia e a psicologia se viram incapacitadas de avançar na compreensão do comportamento humano. São tentativas de compreender o comportamento humano a partir de um outro sistema dimensional que não em sua dimensão comportamental (Skinner, 1950/1999c). É esse o problema que Skinner (1938) destaca em “conceitos como ‘intelecto’, ‘vontade’ e ‘cognição’ e assim por diante, que foram usados por séculos em descrições populares ou filosóficas do comportamento” (p. 441)⁶¹: são conceitos que se baseiam em dados em um outro nível de análise e não são, de acordo com Skinner (1938), úteis para uma compreensão científica do comportamento.

Em direção semelhante, Skinner (1945/1984j) afirmou que a principal contribuição do operacionismo de sua época foi a de evitar “referências problemáticas” na definição de conceitos. Uma das fontes de conceitos que fazem essas “referências problemáticas” é a filosofia, destaca o autor. A principal contribuição do operacionismo foi, segundo Skinner (1945/1984j), a de reduzir a influência negativa da filosofia na definição de conceitos científicos⁶²: “Nós aprendemos como evitar referências problemáticas ao demonstrar que são artefatos que podem ser traçados à história, filosofia, linguística, entre outros” (p. 547)⁶³. Do mesmo modo, Skinner (1984d) destacou a filosofia como uma das fontes de termos

⁶¹ Tradução do original: “concepts of ‘intellect,’ ‘will,’ ‘cognition,’ and so on, which have served in popular or philosophical descriptions of behavior for centuries” (Skinner, 1938, p. 441).

⁶² Vale notar que o operacionismo é também uma corrente filosófica. O compromisso de Skinner (1945/1984) com o operacionismo é, dessa forma, um compromisso com uma filosofia que busca reduzir os efeitos danosos de outras filosofias na definição de conceitos científicos. A questão não está, portanto, na rejeição da filosofia, mas na rejeição de filosofias que buscam explicar o comportamento apelando para outro sistema dimensional.

⁶³ Tradução do original: “We have learned how to avoid troublesome references by showing that they are artifacts which may be variously traced to history, philosophy, linguistics, and so on” (Skinner, 1945/1984j, p. 547).

mentalistas que caracterizam o discurso cognitivista: “termos mentalistas alimentados pelos tributários da filosofia, teologia, história, letras, mídia e, o pior de todos, a língua inglês” (p. 703)⁶⁴. A filosofia aparece, assim, como uma das fontes de conceitos problemáticos reconhecidas por Skinner (1945/1984j, 1984d) em sua obra.

De modo geral, parece possível afirmar que a avaliação de Skinner sobre os impactos da filosofia na compreensão do comportamento humano foi majoritariamente negativa. Apesar de reconhecer contribuições pontuais da filosofia no reconhecimento de processos comportamentais, Skinner evidenciou as limitações impostas pela compreensão de comportamento predominante na filosofia. A filosofia aparece de forma recorrente, de acordo com Skinner, como um dos impeditivos do avanço na compreensão do comportamento humano. O problema não está, no entanto, no caráter filosófico do conhecimento produzido, mas na prioridade atribuída aos eventos internos pela filosofia de modo geral.

É possível sintetizar alguns dos impactos da filosofia na compreensão do comportamento humano elencados por Skinner e apresentados até aqui. Em primeiro lugar, Skinner reconheceu contribuições da filosofia no reconhecimento de alguns processos comportamentais básicos (e.g., a importância das consequências do comportamento). Apesar dessas eventuais contribuições, a filosofia foi responsável por gerar dificuldades adicionais na compreensão do comportamento. Em especial, essas dificuldades resultam da prioridade atribuída aos eventos internos ao organismo e resultante desconsideração do papel do ambiente na explicação do comportamento humano. Atrasou, dessa forma, o desenvolvimento de uma ciência do comportamento humano, promovendo uma ciência da vida mental em seu lugar.

A avaliação de Skinner não se restringiu aos impactos da filosofia na compreensão do comportamento humano e do desenvolvimento de uma ciência do comportamento. Como

⁶⁴ Tradução do original: “mentalistic terms fed by the tributaries of philosophy, theology, history, letters, media, and worst of all, the English language” (Skinner, 1984d, p. 703).

descrito, Skinner (1975/1978h) afirmou que teorias da mente na filosofia e na psicologia, teorias sobre o que “estava acontecendo dentro de uma pessoa”, foram responsáveis por práticas bárbaras no trato com o comportamento humano. Além disso, Skinner também discutiu os impactos de teorias filosóficas tradicionais do comportamento na cultura como um todo. Em especial, Skinner discutiu o que denominou por filosofias da liberdade e filosofias democráticas.

Uma primeira tese defendida por Skinner (1978b) relevante para sua discussão sobre os efeitos de filosofias tradicionais na cultura é a de que filosofias influenciam as práticas de uma cultura e, em especial, afetam as chances de sobrevivência das culturas. Ou seja, mesmo que Skinner (1971, 1974, 1980) tenha recusado o uso de filosofias como causas internas do comportamento, ele não rejeitou a possibilidade de filosofias afetarem o comportamento humano e as práticas culturais. Considerando a afirmação contrária – isto é, a de que filosofias não teriam efeitos significativos no comportamento humano e nas práticas culturais –, Skinner (1978b) afirmou que:

Há aqueles que irão dizer que tal causa [manutenção do mentalismo] é incomensurável com tal efeito [possível destruição da civilização por incapacidade de aproveitar o conhecimento sobre o comportamento humano]. Uma filosofia mentalista é um tanto inofensiva, e não incapacitaria seriamente pessoas práticas. Eu não estaria exagerando sua importância? Mas deve haver alguma razão pela qual nós não estamos fazendo avanços tecnológicos na gestão do comportamento humano que são tão óbvios em outros campos, e a razão poderia ser nosso compromisso persistente com o indivíduo como um agente iniciador. (p. 95)⁶⁵

⁶⁵ Tradução do original: “There are those who will say that such a cause is surely incommensurate with such an effect. A mentalistic philosophy is rather inoffensive, and it need not seriously handicap practical people. Am I not exaggerating its importance? But there must be some reason why we are not making the technological advances in the management of human behavior which are so obvious in other fields, and the, reason could be our lingering commitment to the individual as an initiating agent” (Skinner, 1978b, p. 95).

Skinner (1978b) defendeu, portanto, que filosofias podem ter efeitos significativos na cultura. Em especial, Skinner (1978b) afirmou que filosofias mentalistas são fatores significativos que impedem avanços tecnológicos na gestão do comportamento humano. Essa impossibilidade de avançar a compreensão do comportamento humano e o desenvolvimento tecnológico no trato com o comportamento humano teriam como possível consequência a “destruição de nossa civilização ou mesmo da espécie” (Skinner, 1978b, p. 95)⁶⁶. De modo semelhante, Skinner (1984e) afirmou que

Nossa cultura pode ter ganhado muito ao enfatizar a possibilidade de indivíduos serem responsáveis por seu comportamento, podem tomar medidas ativas para mudá-lo e estão, portanto, no controle. É também possível que tal filosofia tenha consequências remotas que se provarão perigosas. (p. 719)⁶⁷

Ao longo de sua obra, Skinner destacou as consequências de filosofias tradicionais para a cultura. Por um lado, Skinner (1953) demonstrou-se cético sobre a possibilidade de uma “filosofia geral do comportamento humano” ser capaz de solucionar os problemas humanos relevantes de sua época. Defendendo a necessidade de uma investigação científica minuciosa do comportamento humano, Skinner (1953) propôs uma comparação com a construção de uma ponte por um engenheiro:

O engenheiro que constrói uma ponte com sucesso tem mais do que uma impressão casual da natureza de seus materiais e chegou o momento em que nós temos que admitir que nós não podemos solucionar os problemas importantes nos assuntos humanos com uma “filosofia geral do comportamento humano”. (p. 42)⁶⁸

⁶⁶ Tradução do original: “destruction of our civilization or even the species” (Skinner, 1978b, p. 95).

⁶⁷ Tradução do original: “Our culture may have gained a great deal by emphasizing the possibility that individuals are responsible for their behavior, can take active steps to change it, and are therefore in control. It is also possible that such a philosophy has remoter consequences which will prove to be dangerous” (Skinner, 1984e, p. 719).

⁶⁸ Tradução do original: “The engineer who builds a bridge successfully has more than a casual impression of the nature of his materials, and the time has come when we must admit that we cannot solve the important problems in human affairs with a general ‘philosophy of human behavior’” (Skinner, 1953, p. 42).

Defendendo a necessidade de uma investigação minuciosa do comportamento humano, Skinner (1953) levantou dúvidas sobre a capacidade de uma impressão casual da natureza humana, na forma de uma “filosofia geral do comportamento humano”, de resolver os problemas sociais relevantes. Uma crítica semelhante foi feita por Skinner (1969h) ao uso do Rei-filósofo platônico como uma estratégia utilizada por Platão para encobrir a incapacidade de oferecer soluções para os problemas sociais e para a organização social:

[Platão] sugeriu características que presumivelmente contribuiriam com o sucesso da sociedade, mas ele depositou sua fé em um governante sábio – um Rei-filósofo que, como filósofo, saberia o que fazer e, como rei, seria capaz de fazê-lo. É uma estratégia velha e não muito honrosa: quando você não sabe o que deve ser feito, assumo que há alguém que sabe. O Rei-filósofo deveria corrigir um planejamento governamental defeituoso conforme a necessidade emergisse, mas não era claro como ele deveria fazê-lo. (p. 31)⁶⁹

Uma “filosofia geral do comportamento humano”, na avaliação de Skinner (1953), não seria capaz de solucionar os problemas sociais relevantes e filósofos usariam de algumas estratégias – como os Reis-filósofos platônicos (Skinner, 1969h) – para encobrir essa incapacidade. Ademais, essa filosofia geral não seria apenas incapaz de enfrentar os problemas relevantes concernentes ao comportamento humano, mas a sua manutenção seria responsável pela continuidade de muitos desses problemas. Em especial, Skinner (1953) considera a posição vacilante entre a concepção filosófica tradicional de comportamento humano e a concepção adequada a uma investigação científica do comportamento como responsável por parte das dificuldades enfrentadas na solução dos problemas humanos:

⁶⁹ Tradução do original: “He suggested features which would presumably contribute to its success, but he put his faith in a wise ruler—a philosopher-king who, as philosopher, would know what to do and, as king, would be able to do it. It is an old and not very honorable strategy: when you do not know what should be done, assume that there is someone who does. The philosopher-king was to patch up a defective governmental design as the need arose, but it was not clear how he was to do so” (Skinner, 1969h, p. 31).

Nós não abandonamos completamente a filosofia tradicional da natureza humana; ao mesmo tempo, nós estamos longe de adotar sem reservas um ponto de vista científico. Nós aceitamos a suposição do determinismo em parte; apesar disso, permitimos que nossas simpatias, nossa primeira lealdade e nossas aspirações pessoais emergirem em defesa da visão tradicional. . . . Se fosse apenas uma questão teórica, não haveria motivo para alarme; mas teorias afetam a prática. Uma concepção científica do comportamento humano dita uma prática, uma filosofia da liberdade pessoal dita outra. Confusão na teoria significa confusão na prática. A atual condição infeliz do mundo pode ser atribuída em grande medida à nossa vacilação. (p. 9)⁷⁰

A manutenção de filosofias tradicionais sobre o ser humano – filosofias da “liberdade pessoal”, como denomina Skinner (1953) – em detrimento da aceitação de uma concepção científica do comportamento, orientada pelo caráter determinado do comportamento humano, seria responsável pela incapacidade da solução de problemas sociais. De acordo com Skinner (1974), essa concepção filosófica tradicional é bem conhecida e se demonstrou inadequada: “As concepções tradicionais têm estado em cena há séculos e eu acredito ser justo dizer que elas se provaram inadequadas. Elas são amplamente responsáveis pela situação em que nos encontramos atualmente” (p. 8)⁷¹. A concepção alternativa, defende Skinner (1953, 1974), oferece possibilidades promissoras ainda não consideradas.

A concepção tradicional, no entanto, é uma relevante fonte de resistência à aceitação ou mesmo consideração da concepção alternativa, avalia Skinner (1953, 1971, 1974). Como já apresentado, para Skinner (1971), a concepção tradicional de ser humano, o “ser humano

⁷⁰ Tradução do original: “We have not wholly abandoned the traditional philosophy of human nature; at the same time we are far from adopting a scientific point of view without reservation. We have accepted the assumption of determinism in part; yet we allow our sympathies, our first allegiances, and our personal aspirations to rise to the defense of the traditional view. . . . If this were a theoretical issue only, we would have no cause for alarm; but theories affect practices. A scientific conception of human behavior dictates one practice, a philosophy of personal freedom another. Confusion in theory means confusion in practice. The present unhappy condition of the world may in large measure be traced to our vacillation” (Skinner, 1953, p. 9).

⁷¹ Tradução do original: “Traditional views have been around for centuries, and I think it is fair to say that they have proved to be inadequate. They are largely responsible for the situation in which we now find ourselves” (Skinner, 1974, p. 8).

autônomo”, predomina em diferentes campos interessados no comportamento humano, incluindo a própria filosofia. Com apoio desses campos, essa concepção tradicional se mantém e é defendida: “[O ser humano autônomo] está conduzindo uma ação de retaguarda em que, infelizmente, ele é capaz de mobilizar formidável apoio” (p. 24)⁷². Como descreve o autor, se há um abandono da concepção tradicional de comportamento humano, ele não se dá de forma graciosa: há muita resistência a esse abandono em diferentes campos, entre eles a filosofia⁷³.

Skinner (1953, 1956/1999g) reconheceu as dificuldades no abandono dessa concepção tradicional de comportamento humano e na adoção dessa concepção alternativa. De acordo com Skinner (1953, 1956/1999g), indivíduos influenciados por essas filosofias tradicionais, pautadas em concepções de ser humano autônomo, são especialmente resistentes à sugestão da concepção alternativa de comportamento humano promovida pelo Comportamentalismo Radical. Nessa direção, afirmou que “Sugerir que abandonemos essa visão é ameaçar crenças muito estimadas – é minar o que parece ser uma concepção de natureza humana estimulante e produtiva” (Skinner, 1953, p. 7)⁷⁴. Além disso, Skinner (1953) reconheceu que “a concepção de indivíduo que emerge de uma análise científica é desagradável para a maioria daqueles que foram fortemente afetados por filosofias democráticas” (p. 449)⁷⁵ e que “Homens e mulheres inteligentes, dominados pela filosofia humanista dos últimos dois séculos, não podem ver tranquilidade no que Andrew Hacker chamou de ‘espectro do homem previsível’” (Skinner,

⁷² Tradução do original: “He is conducting a sort of rearguard action in which, unfortunately, he can marshal formidable support” (Skinner, 1971, p. 24).

⁷³ Skinner (1974) destacou filósofos como perpetuadores de incompreensões em relação ao Comportamentalismo Radical. Skinner (1974) defendeu que, apesar do progresso na investigação científica do comportamento e da resolução de limitações do comportamentalismo watsoniano, as críticas de filósofos e outros estudiosos do comportamento humano pouco mudaram e não acompanharam esses avanços. Apesar disso, em um texto posterior, a avaliação de Skinner (1983/1987) sobre a aceitação do comportamentalismo por filósofos mudou: “Filósofos, cientistas políticos, economistas e outros que antes repudiaram o comportamentalismo como psicologia de ratos estão agora considerando seriamente suas implicações” (p. 172).

⁷⁴ Tradução do original: “To suggest that we abandon this view is to threaten many cherished beliefs—to undermine what appears to be a stimulating and productive conception of human nature” (Skinner, 1953, p. 7).

⁷⁵ Tradução do original: “the conception of the individual which emerges from a scientific analysis is distasteful to most of those who have been strongly affected by democratic philosophies” (Skinner, 1953, p. 449).

1956/1999g, p. 44)⁷⁶. Skinner (1953, 1956/1999g) reconheceu a rejeição da concepção comportamentalista radical de comportamento resultante do predomínio da concepção autônoma adotada por filosofias tradicionais. Sob a influência dessa filosofia, os sujeitos seriam mais propensos a se opor à concepção comportamentalista radical.

Essa oposição não seria apenas teórica, mas teria importantes implicações sociais. Skinner (1955/1982c) argumentou que a principal implicação dessa oposição estaria na incapacidade de solucionar os problemas sociais fazendo uso do conhecimento produzido por uma investigação científica do comportamento humano. Skinner (1953), como já indicado, afirmou que “Uma concepção científica do comportamento humano dita uma prática, uma filosofia da liberdade pessoal dita outra” (p. 9)⁷⁷. Não há apenas uma diferença nas práticas propostas por essas duas concepções de comportamento, mas uma oposição entre tais práticas. Nessa direção, Skinner (1955/1982c) afirmou que

Apesar da democracia ocidental ter criado as condições responsáveis pela ascensão da ciência moderna, é agora evidente que ela pode nunca aproveitar completamente dessa conquista. A assim chamada “filosofia democrática” do comportamento humano que ela também deu origem está cada vez mais em conflito com a aplicação dos métodos da ciência aos assuntos humanos. A menos que esse conflito seja de alguma forma resolvido, os objetivos últimos da democracia podem ser adiados por muito tempo. (p. 136)⁷⁸

Defendendo que a ciência do comportamento humano pode fazer significativas contribuições para a solução dos problemas sociais relevantes, Skinner (1955/1982c)

⁷⁶ Tradução do original: “Intelligent men and women, dominated by the humanistic philosophy of the past two centuries, cannot view with equanimity what Andrew Hacker has called ‘the specter of predictable man’” (Skinner, 1956/1999g, p. 44).

⁷⁷ Tradução do original: “A scientific conception of human behavior dictates one practice, a philosophy of personal freedom another” (Skinner, 1953, p. 9).

⁷⁸ Tradução do original: “Although Western democracy created the conditions responsible for the rise of modern science, it is now evident that it may never fully profit from that achievement. The so-called “democratic philosophy” of human behavior to which it also gave rise is increasingly in conflict with the application of the methods of science to human affairs. Unless this conflict is somehow resolved, the ultimate goals of democracy may be long deferred” (Skinner, 1955/1982c, p. 136).

defendeu que a filosofia democrática, ao rejeitar as contribuições dessa ciência, pode acabar atuando contra a sobrevivência da cultura. Como indicado, Skinner (1984e) afirmou que “É também possível que tal filosofia tenha consequências remotas que se provarão perigosas” (p. 719). Caso deseje evitar essas possíveis consequências remotas perigosas, a democracia ocidental deve colocar a “‘filosofia democrática’ em perspectiva histórica adequada” (Skinner, 1955/1982c, p. 150)⁷⁹ e aceitar as contribuições da ciência do comportamento humano. Nessa direção, Skinner argumentou:

Se a democracia ocidental não perder de vista os objetivos da ação humanitária, irá acolher o apoio quase fabuloso de sua própria ciência do Homem e irá fortalecer-se e desempenhar um importante papel na construção de um mundo melhor para todos. Mas se ela não puder colocar sua ‘filosofia democrática’ em perspectiva histórica adequada – se, sob o controle de atitudes e emoções geradas para outros propósitos, ela agora rejeitar a ajuda da ciência – então ela deve estar preparada para a derrota. Pois se continuarmos insistindo que a ciência não tem nada a oferecer além de uma nova forma de tirania mais horrível, podemos produzir exatamente esse resultado ao permitir que a força da ciência caia nas mãos de déspotas. (Skinner, 1955/1982c, p. 150)⁸⁰

Nesse trecho, Skinner (1955/1982c) estava criticando a rejeição da aplicação da ciência do comportamento humano na solução dos problemas sociais. Em especial, criticou o que descreveu como a “suposição de que o conhecimento está necessariamente do lado do

⁷⁹ Tradução do original: “put its ‘democratic philosophy’ into proper historical perspective” (Skinner, 1955/1982c, p. 150).

⁸⁰ Tradução do original: “If Western democracy does not lose sight of the aims of humanitarian action, it will welcome the almost fabulous support of its own science of Man and will strengthen itself and play an important role in building a better world for everyone. But if it cannot put its ‘democratic philosophy’ into proper historical perspective—if, under the control of attitudes and emotions which it generated for other purposes, it now rejects the help of science—then it must be prepared for defeat. For if we continue to insist that science has nothing to offer but a new and more horrible form of tyranny, we may produce just such a result by allowing the strength of science to fall into the hands of despots” (Skinner, 1955/1982c, p. 150).

mal” (p. 149)⁸¹: a noção de que o conhecimento produzido por uma ciência do comportamento humano não poderia ser usado para a solução dos problemas sociais e para o fortalecimento da cultura e da democracia. Essa suposição seria efeito, assim entende Skinner (1955/1982c, 1956/1999g, 1971), da rejeição do controle promovida por filosofias tradicionais (e.g., filosofias democráticas e filosofias da liberdade). Skinner (1955/1982c) defendeu que, para a resolução desse impasse entre ciência do comportamento e filosofia democrática, seria necessária uma reconsideração da relação da cultura ocidental com a noção de liberdade e controle: “Talvez a parte mais crucial de nossa filosofia democrática a ser reconsiderada é a nossa atitude para com a liberdade – ou seu recíproco, o controle do comportamento humano” (p. 141)⁸².

A avaliação da filosofia democrática realizada por Skinner (1967/1982a) não foi, contudo, completamente negativa. De acordo com o autor,

O fato é, eu aceito os fins de uma filosofia democrática, mas eu discordo dos meios que são atualmente mais comumente usados. Eu não vejo virtude no acidente ou no caos do qual, de alguma forma, nós atingimos nossa posição atual. Eu acredito que devemos planejar nosso próprio futuro e que devemos aproveitar cada vantagem de uma ciência do comportamento na solução dos problemas que necessariamente surgirão. O grande perigo não é que a ciência irá ser mal usada por déspotas para propósitos egoístas, mas que os assim chamados princípios democráticos irão impedir que as pessoas de boa vontade façam uso dela em seu avanço em direção aos objetivos humanos. (p. 34)⁸³

⁸¹ Tradução do original: “assumption that knowledge is necessarily on the side of evil” (Skinner, 1955/1982c, p. 149).

⁸² Tradução do original: “Perhaps the most crucial part of our democratic philosophy to be reconsidered is our attitude toward freedom—or its reciprocal, the control of human behavior” (Skinner, 1955/1982c, p. 141).

⁸³ Tradução do original: “The fact is, I accept the ends of a democratic philosophy, but I disagree with the means which are at the moment most commonly employed. I see no virtue in accident or in the chaos from which somehow we have reached our present position. I believe that we must now plan our own future and that we must take every advantage of a science of behavior in solving the problems which will necessarily arise. The great danger is not that science will be misused by despots for selfish purposes but that so-called democratic

O principal impacto negativo das “filosofias democráticas” evidenciado por Skinner (1955/1982c, 1967/1982a) é a rejeição das possíveis contribuições da ciência do comportamento humano à cultura. A rejeição dessas contribuições, avalia o autor, coloca a cultura democrática ocidental em uma condição de incapacidade de enfrentar os problemas sociais relevantes. Dessa forma, as filosofias da liberdade e filosofias democráticas podem acabar atuando contra a sobrevivência das culturas e o bem estar humano que buscam promover. Atuam contra os próprios objetivos da democracia (Skinner, 1955/1982c).

Ao longo de suas discussões sobre a filosofia, Skinner destacou as consequências da filosofia tradicional tanto para o estudo do comportamento humano quanto para a cultura. A discussão dessas consequências permitiu responder à questão “*para que* fazer filosofia?” no contexto da filosofia tradicional. Skinner destacou o reconhecimento de princípios comportamentais pela filosofia antes de sua descrição pela ciência do comportamento. Apesar desse reconhecimento, Skinner enfatizou as limitações do conhecimento sobre o comportamento produzido pela filosofia em decorrência da prioridade atribuída aos fenômenos mentais. Ademais, essa prioridade foi responsável, de acordo com o autor, por atrasar o desenvolvimento de uma ciência autônoma do conhecimento.

De modo semelhante, Skinner discutiu os impactos da filosofia tradicional na cultura. No contexto da cultura, denominou essa filosofia por diferentes nomes: filosofia democrática, filosofia da liberdade, filosofia humanista. Assim como nas discussões sobre o estudo do comportamento humano, Skinner reconheceu as contribuições dessas filosofias para a cultura. Em especial, destacou como promoveram a melhoria das práticas culturais por meio do combate ao controle despótico. Apesar disso, ao promover a rejeição completa do controle do comportamento humano, impede a aplicação da ciência do comportamento humano na

principles will prevent people of goodwill from using it in their advance toward humane goals” (Skinner, 1967/1982a, p. 34).

solução dos problemas sociais. Dessa forma, a filosofia tradicional estaria, na avaliação de Skinner, atuando contra a sobrevivência das culturas.

Metafilosofia prescritiva skinneriana

As questões metafilosóficas, como propostas por Overgaard et al. (2013), podem ser também respondidas de modo prescritivo. Como uma metafilosofia prescritiva, as respostas às questões metafilosóficas relacionam-se com o que a filosofia *deve ser*. Diferentemente da investigação das práticas reais de filósofos, uma metafilosofia prescritiva argumenta quais métodos devem ser usados na filosofia, ou ainda, quais os métodos adequados para buscar respostas aos problemas que a filosofia deve se preocupar. Além disso, deve buscar estabelecer quais os objetivos que a filosofia deve buscar e qual valor deve orientar a prática filosófica.

Considerando que Skinner propôs o Comportamentalismo Radical como uma filosofia original e definiu algumas características dessa filosofia, a metafilosofia prescritiva skinneriana tem por objeto o Comportamentalismo Radical. Orientado pelas questões metafilosóficas de Overgaard et al. (2013), pode-se dividir a metafilosofia prescritiva skinneriana em três questões: *o que deve ser o Comportamentalismo Radical? Como o Comportamentalismo Radical deve ser feito? Para que serve o Comportamentalismo Radical?*

Comportamentalismo Radical: O que deve ser a filosofia?

Buscar uma resposta prescritiva à questão “*O que é a filosofia?*” a partir da produção intelectual skinneriana envolve compreender a natureza da filosofia promovida por Skinner. Isto é, envolve compreender o que é o Comportamentalismo Radical de acordo com Skinner (1963/1982b, 1967/1982a, 1974, 1984f, 1989b). Um primeiro ponto possível de ser usado nessa definição de Comportamentalismo Radical envolve recorrer à história do seu uso na

obra skinneriana. Nessa direção, é possível indicar que apesar da primeira adoção por Skinner em textos publicados da expressão para nomear a sua proposta ocorrer em *Rejoinders and second thoughts*⁸⁴ – texto de comentários sobre o simpósio sobre operacionismo em que o artigo *The operational analysis of psychological terms* foi apresentado (Skinner, 1945/1984j) –, é apenas em *Behaviorism at fifty* (Skinner, 1963/1982b) que foi encontrada a primeira definição de comportamentalismo como filosofia da ciência: “Comportamentalismo, com destaque a última sílaba, não é o estudo científico do comportamento, mas a filosofia da ciência preocupada com o objeto de estudo e métodos da psicologia” (p. 116)⁸⁵.

Skinner (1963/1982b), a partir disso, distingue entre duas possíveis abordagens a tais questões: a defesa de que a psicologia é ciência da vida mental, tendo por objeto a mente ou a experiência consciente, e que deve desenvolver uma metodologia especial; e a proposição comportamentalista de que a psicologia é uma ciência do comportamento dos organismos e parte da biologia, podendo adotar os métodos já usados nessa ciência. A “questão básica” para o comportamentalismo, defende Skinner (1963/1982b), não é sobre a natureza da substância de que o mundo é feito, mas sobre “as dimensões das coisas estudadas pela psicologia e os métodos relevantes” (p. 116)⁸⁶. Nem o dualismo de substância entre o mental e o físico, com suas dificuldades em conectar as duas dimensões, e nem a busca de resolver essas dificuldades ao defender que tudo pode ser reduzido a uma dessas dimensões – a defesa de que tudo é físico ou a defesa de que tudo é mental – são problemas de interesse do

⁸⁴ É nesse texto de 1945 – republicado nas coletâneas de artigos em conjunto com o texto *The operational analysis of psychological terms*, como na versão consultada para realização desta pesquisa – que foi publicado o primeiro uso de Skinner da expressão “Comportamentalismo Radical” para intitular sua proposta (Carrara & Strapasson, 2014; Schneider & Morris, 1987). A adoção da expressão por Skinner para nomear sua proposta, indicam Schneider e Morris (1987), precede esse uso e aparece em um texto não publicado de Skinner escrito no início da década de 1930 intitulado *A sketch for an epistemology*. A expressão, por sua vez, já havia aparecido na literatura em referência à proposta de John B. Watson, embora nunca tenha sido adotada pelo próprio autor (Carrara & Strapasson, 2014; Schneider & Morris, 1987), o que condiz com a afirmação de Skinner (1989) de que não acredita ter cunhado o termo Comportamentalismo Radical.

⁸⁵ Tradução do original: “Behaviorism, with an accent on the last syllable, is not the scientific study of behavior but a philosophy of science concerned with the subject matter and methods of psychology” (Skinner, 1963/1982b, p. 116).

⁸⁶ Tradução do original: “the dimensions of the things studied by psychology and the methods relevant to them” (Skinner, 1963/1982b, p. 116).

Comportamentalismo Radical (Skinner, 1963/1982b, 1971, 1974). De acordo com Skinner (1971, p. 17), uma boa estratégia para lidar com esses problemas filosóficos embaraçosos é ignorá-los, algo que, segundo Skinner (1974, p. 11), pode ser feito sem prejuízos aparentes.

As questões às quais o Comportamentalismo Radical se interessa são diferentes, pois dizem respeito ao “objeto de estudo e métodos da psicologia” (Skinner, 1963/1982b, p. 116). Ou seja, o Comportamentalismo Radical é uma filosofia da ciência psicológica: seu objeto é a ciência psicológica e questões a ela relacionadas, como seu objeto de estudo e seus métodos. A resposta a essas questões, como delineadas por Skinner (1963/1982b), são: a psicologia é ciência do comportamento e seus métodos são aqueles adotados por outras ciências naturais. Se a psicologia é a ciência do comportamento, dizer que o comportamentalismo é a filosofia da ciência interessada na psicologia é equivalente a afirmar que o comportamentalismo é a filosofia da ciência do comportamento, como faz Skinner (1974, 1984f, 1989b).

Essa definição de comportamentalismo é qualificada quando Skinner (1974) afirma que, apesar de existirem diversas ciências comportamentais, é na Análise Experimental do Comportamento que reside o interesse do comportamentalismo: “O comportamentalismo que apresento neste livro [*About behaviorism*] é a filosofia dessa versão especial da ciência do comportamento” (p. 8)⁸⁷. É em decorrência dessa especificação que Skinner (1984f), ao ser questionado sobre o escopo do Comportamentalismo Radical, destaca questões de interesse da Análise Experimental do Comportamento:

Uma resposta deveria cobrir todos os tipos de fatos que são “normalmente considerados como relacionados à psicologia”, mas tome, por exemplo, diferenças individuais – em inteligência, personalidade, habilidades, e assim por diante. Elas não têm dimensões físicas. Um teste de inteligência é de dificuldade e duração arbitrária. Resultados apenas são “significativos” quando um grande número de resultados de

⁸⁷ Tradução do original: “The behaviorism I present in this book is the philosophy of this special version of a science of behavior” (Skinner, 1974, p. 8).

uma população é coletado e é dado um número a um resultado individual representando o seu lugar na distribuição. Uma análise comportamental não pode fazer muito uso dessas quantidades. Em vez disso, ela teria que olhar a velocidade com que as mudanças no comportamento acontecem, as sutilezas do controle exercido por estímulos complexos, o tamanho do repertório que pode ser adquirido e mantido sem confusão, e assim por diante. Esses são os tipos de fatos que estão no escopo da ciência de que o Comportamentalismo Radical é a filosofia. (p. 722)⁸⁸

Todas essas questões que Skinner (1984f) destaca são questões de interesse da Análise do Comportamento, em especial da Análise Experimental do Comportamento. A resposta de Skinner (1984f) ao questionamento, no entanto, não elucida qual o interesse do Comportamentalismo Radical nessas questões, pois são questões pertencentes à ciência do comportamento e não à filosofia. Skinner (1984f) reconhece isso quando afirma que ele elencou “os tipos de fato que estão no escopo da ciência de que o Comportamentalismo Radical é a filosofia” (p. 722), é uma afirmação sobre o objeto da ciência do comportamento. É uma afirmação filosófica, se é considerada a definição de comportamentalismo apresentada por Skinner (1963/1982b), mas não é uma resposta sobre o escopo da filosofia: é uma resposta sobre o escopo da ciência, ou seja, sobre o objeto da ciência. E se é uma afirmação sobre o objeto da psicologia, é uma afirmação que está no escopo do comportamentalismo tal como definida por Skinner (1963/1982b). É uma resposta comportamentalista radical à questão do objeto da psicologia e suas dimensões relevantes, mas não é uma resposta sobre o Comportamentalismo Radical e o seu escopo como filosofia da ciência do comportamento.

⁸⁸ Tradução do original: “An answer would have to cover all the kinds of facts which are ‘usually regarded as related to psychology,’ but take, for example, individual differences - in intelligence, personality, ability, and so on. These have no physical dimensions. An intelligence test is of arbitrary length and difficulty. Scores are ‘meaningful’ only when a large number of scores from a population are collected and a single score given a number representing its place in the distribution. A behavioral analysis cannot make much use of those quantities. Instead, it would have to look at the speed with which changes in behavior take place, the subtleties of the control exerted by complex stimuli, the size of repertoire that can be acquired and maintained without confusion, and so on. These are the kinds of facts which are within the range of the science of which radical behaviorism is the philosophy” (Skinner, 1984f, p. 722).

Uma definição mais precisa do escopo do Comportamentalismo Radical, ou seja, das questões de interesse dessa filosofia da ciência do comportamento, é oferecida por Skinner (1974):

Algumas das questões que ele [Comportamentalismo Radical] faz são estas: Tal ciência [do comportamento humano] é realmente possível? Pode ela dar conta de todos aspectos do comportamento humano? Que métodos pode usar? Suas leis são tão válidas quanto aquelas da física e biologia? Produzirá uma tecnologia e, em caso positivo, qual papel terá nos assuntos humanos? Particularmente relevante são suas considerações sobre tratamentos anteriores do mesmo objeto. O comportamento humano é o aspecto mais familiar do mundo em que as pessoas vivem, e deve ter sido dito mais sobre ele do que sobre qualquer outra coisa; quanto do que já foi dito [sobre o comportamento humano] vale a pena ser salvo? (p. 3)⁸⁹

O Comportamentalismo Radical está interessado, de acordo com essas questões apresentadas por Skinner (1974), com a possibilidade, abrangência, métodos, validade e impactos de uma ciência do comportamento. São questões epistemológicas sobre a ciência do comportamento, o que reitera a definição de Comportamentalismo Radical como filosofia da ciência do comportamento. São questões epistemológicas, pois estão relacionadas às questões do conhecimento, sua validade e fundamentos. Além disso, o Comportamentalismo Radical também está interessado em outras abordagens do comportamento humano. O papel do Comportamentalismo Radical seria o de avaliar criticamente a contribuição dessas outras abordagens para a compreensão do comportamento dos indivíduos.

⁸⁹ Tradução do original: “Some of the questions it asks are these: Is such a science really possible? Can it account for every aspect of human behavior? What methods can it use? Are its laws as valid as those of physics and biology? Will it lead to a technology, and if so, what role will it play in human affairs? Particularly important is its bearing on earlier treatments of the same subject. Human behavior is the most familiar feature of the world in which people live, and more must have been said about it than about any other thing; how much of what has been said is worth saving?” (Skinner, 1974, p. 3).

Apesar disso, o Comportamentalismo Radical não se restringe às questões epistemológicas referentes ao conhecimento. Skinner (1974), ao estabelecer as questões de interesse do Comportamentalismo Radical, descreve que uma questão de interesse é “[A ciência do comportamento humano] produzirá uma tecnologia e, em caso positivo, qual papel terá nos assuntos humanos?” (p. 3). Essa não é uma questão epistemológica, pois não está interessada na validade e fundamentos da ciência do comportamento humano. É uma questão sobre as consequências da ciência do comportamento humano, envolvendo assuntos éticos. Como filosofia da ciência do comportamento, portanto, o Comportamentalismo Radical também é um discurso sobre questões éticas envolvidas na Análise do Comportamento.

Ademais, na medida em que propõe uma concepção própria de comportamento que torna possível uma ciência do comportamento (Skinner, 1967/1982a), abarca também questões de natureza ontológica. Skinner (1989b) faz afirmações sobre a natureza do comportamento quando define Comportamentalismo Radical como “a filosofia da ciência do comportamento tratado como objeto de estudo por si só, à parte de explicações internas, mentais ou *fisiológicas*” (p. 117)⁹⁰. É possível interpretar tal afirmação como um juízo epistemológico sobre as explicações aceitáveis em uma ciência do comportamento. Todavia, também parece legítimo uma interpretação da declaração em termos ontológicos como defesa da irreducibilidade dos eventos comportamentais a eventos mentais ou fisiológicos. De modo semelhante, Skinner (1967/1982a) define comportamentalismo como

um caso especial de filosofia da ciência que primeiro tomou forma nos escritos de Ernst Mach, Henri Poincaré, e Percy Bridgman. . . . Comportamentalismo é uma formulação que torna possível uma abordagem experimental efetiva do

⁹⁰ Tradução do original: “the philosophy of a science of behavior treated as a subject matter in its own right apart from internal explanations, mental *or physiological*” (Skinner, 1989b, p. 117).

comportamento humano. É uma hipótese de trabalho sobre a natureza de um objeto de estudo. (p. 32)⁹¹

Ao afirmar que o comportamentalismo é uma “hipótese de trabalho”, Skinner (1967/1982a) parece tentar se eximir de um pronunciamento ontológico. Apesar disso, o comportamentalismo se mantém como uma formulação sobre a natureza do comportamento, mesmo que uma formulação que vise tornar possível uma abordagem experimental efetiva do comportamento humano e não uma tentativa de descrever a “realidade em si” do comportamento. Desse modo, é possível defender que Skinner (1967/1982a) está fazendo um pronunciamento ontológico sobre o comportamento: a natureza do comportamento humano que torna possível uma abordagem científica dele.

Essa ampliação do escopo do comportamentalismo, para além das questões estritamente epistemológicas implicadas em uma ciência do comportamento humano, também se faz presente quando Skinner (1974) afirma que “Como a filosofia de uma ciência do comportamento, comportamentalismo clama provavelmente pela mudança mais drástica já proposta no nosso modo de pensar sobre o homem. É quase uma questão de literalmente virar a explicação do comportamento ao avesso” (p. 249)⁹². Mesmo como uma filosofia da ciência do comportamento, o comportamentalismo, parece sugerir Skinner (1974), implica em uma mudança na compreensão do ser humano e do comportamento. Não se reduz a uma preocupação com a ciência do comportamento, mas também inclui um interesse na formulação do próprio comportamento – mesmo que esse interesse se dê na medida em que torna possível uma abordagem experimental efetiva do comportamento humano (Skinner, 1967/1982a).

⁹¹ Tradução do original: “a special case of philosophy of science which first took shape in the writings of Ernst Mach, Henri Poincare, and Percy Bridgman. . . . Behaviorism is a formulation which makes possible an effective experimental approach to human behavior. It is a working hypothesis about the nature of a subject matter” (Skinner, 1967/1982a, p. 32).

⁹² Tradução do original: “As the philosophy of a science of behavior, behaviorism calls for probably the most drastic change ever proposed in our way of thinking about man. It is almost literally a matter of turning the explanation of behavior inside out” (Skinner, 1974, p. 249).

Ao analisar o manifesto comportamentalista de Watson, Skinner (1989b) afirma que “Psicologia é um ramo da ciência. Comportamentalismo é a filosofia dessa ciência, a forma que os comportamentalistas a veem” (p. 117)⁹³. Se a psicologia é a ciência do comportamento, então comportamentalismo é a filosofia da ciência do comportamento. Compreender o comportamentalismo é compreender a forma que os comportamentalistas veem a ciência do comportamento. Para compreender a forma com que os comportamentalistas veem a ciência do comportamento é necessário compreender tanto a visão dos comportamentalistas sobre a ciência quanto a visão dos comportamentalistas sobre o comportamento, uma investigação tanto epistemológica quanto ontológica da ciência do comportamento.

No campo da metafilosofia prescritiva, Skinner promoveu o Comportamentalismo Radical como uma filosofia original. Como filosofia da ciência do comportamento, o comportamentalismo está interessado em questões epistemológicas como definição do objeto de estudo e métodos apropriados para essa ciência, além de questões sobre a possibilidade e validade dessa ciência. Ainda está interessada nas consequências éticas envolvidas na ciência do comportamento humano e sua aplicação nos problemas sociais. Ademais, também formula uma concepção própria de comportamento, do objeto da ciência proposta. É, portanto, também um discurso ontológico sobre o comportamento. Dessa maneira, o Comportamentalismo Radical vai além de uma filosofia da ciência do comportamento, tornando-se uma filosofia do comportamento em sentido amplo.

Comportamentalismo Radical: como se deve fazer filosofia?

A questão “*Como se faz filosofia?*” é, como descrito por Overgaard et al. (2013), uma questão sobre o método da filosofia. Tomada prescritivamente, uma resposta a essa questão envolve a definição dos métodos adequados para a filosofia. A partir da análise da obra

⁹³ Tradução do original: “Psychology is a branch of science. Behaviorism is the philosophy of that science, the way behaviorists view it” (Skinner, 1989b, p. 117).

skinneriana, é possível desenvolver uma resposta que busque elucidar a forma com que Skinner defendeu que o Comportamentalismo Radical deve atuar na sua relação com as questões da ciência do comportamento humano e com os problemas filosóficos tradicionais.

A crítica à imprecisão da linguagem mentalista foi, de acordo com Skinner (1985/1987b), a primeira contribuição do comportamentalismo: “O comportamentalismo começou pedindo por definições para filósofos e psicólogos. O que são sensações? O que é consciência? Quais são as dimensões de uma ideia?” (pp. 110-111)⁹⁴. O comportamentalismo atua na sua relação com outras filosofias e psicologias questionando seus termos e conceitos, e buscando definições. Essa preocupação com definições claras para conceitos empregados no estudo do comportamento humano manteve-se na psicologia experimental na busca de manter o rigor científico do campo (Skinner, 1983). Mas essa preocupação com o rigor dos termos, na análise de Skinner (1983, 1983/1987a, 1984f, 1985/1987b, 1989e), não se manteve nos demais campos que discutem o comportamento humano e se enfraqueceu também na psicologia.

Assim como no caso da concepção de ser humano autônomo (Skinner, 1971), os diferentes campos interessados no comportamento humano, entre eles a filosofia, resistem à crítica comportamentalista. Questões sobre a definição de termos garantiram um maior rigor científico dos campos em questão, mas, de acordo com o autor (Skinner, 1985/1987b), também inibiram muitos sujeitos que estavam interessados no comportamento humano, mas que não buscavam se adequar às exigências de rigor e cientificidade postas pelo comportamentalismo. A Revolução Cognitiva seria, na avaliação de Skinner (1983/1987a, 1984d, 1985/1987b, 1989e), uma rejeição dessas questões comportamentalistas, liberando o uso de termos sem uma definição rigorosa e marcando um retorno do mentalismo:

⁹⁴ Tradução do original: “Behaviorism began by asking philosophers and psychologists for definitions. What were sensations? What was consciousness? What were the dimensions of an idea?” (Skinner, 1985/1987b, pp. 110-111).

A ascensão da psicologia cognitiva não foi de forma alguma um fenômeno local. Por séculos, o mentalismo permeou as linguagens cotidianas do mundo e as linguagens técnicas da filosofia, teologia, literatura, história e mais recentemente muitas das ciências sociais. Por muito tempo, a “psicologia experimental” resistiu por uma preocupação com alguma forma de rigor científico, mas quando o computador emergiu como um possível modelo do comportamento humano, a restrição foi quebrada e o mentalismo retornou de forma torrencial. (Skinner, 1983, p. 194)⁹⁵

Eu não irei adentrar nas minhas próprias razões para a popularidade da psicologia cognitiva. Não tem nada a ver com os avanços científicos, mas sim com a liberação das comportas dos termos mentalistas alimentados pelos tributários da filosofia, teologia, história, letras, mídia, e, o pior de todos, a língua inglesa. (Skinner, 1984d, p. 703)⁹⁶

Se a Revolução Cognitiva é, na análise de Skinner (1983/1987a, 1984d, 1985/1987b, 1989e), um retorno do mentalismo e o abandono do rigor na definição dos termos usados no estudo do comportamento humano, as declarações da morte do comportamentalismo são comemorações da retirada das restrições e exigências postas pelas questões comportamentalistas em termos de definições de conceitos. Como descreve Skinner (1985/1987b), “Cientistas cognitivos estão aproveitando uma liberdade intoxicante, mas nós

⁹⁵ Tradução do original: “The rise of cognitive psychology was by no means a local phenomenon. For centuries mentalism had permeated the everyday languages of the world and the technical languages of philosophy, theology, literature, history, and more recently many of the social sciences. For a long time ‘experimental psychology’ had resisted out of a concern for some kind of scientific rigor, but when the computer emerged as a possible model of human behavior, the restraint was broken and mentalism returned in a flood” (Skinner, 1983, p. 194).

⁹⁶ Tradução do original: “I shall not go into my own reasons for the popularity of cognitive psychology. It has nothing to do with scientific advances but rather with the release of the floodgates of mentalistic terms fed by the tributaries of philosophy, theology, history, letters, media, and worst of all, the English language” (Skinner, 1984d, p. 703).

devemos nos questionar se é uma liberdade produtiva” (p. 111)⁹⁷. A situação parece ser a mesma para a filosofia, pois Skinner (1984f) afirma que:

Ao abandonar a posição do comportamentalismo (pedindo que o comportamentalismo seja legalmente declarado morto), a psicologia e muito da filosofia escaparam da pressão de um pensamento rigoroso, mas sofreram um sério retrocesso no seu progresso em direção a uma compreensão efetiva do comportamento humano. (p. 723)⁹⁸

Tanto a psicologia quanto a filosofia parecem evitar os questionamentos feitos pelos comportamentalistas, o que, na análise de Skinner (1983/1987a, 1984f, 1985/1987b), parece sugerir a escolha pela liberdade em detrimento do rigor ao tratar o comportamento humano. O abandono do rigor, da preocupação destacada pelos questionamentos comportamentalistas sobre os conceitos usados no estudo do comportamento humano, gera um atraso no desenvolvimento dessa compreensão do comportamento. O que Skinner (1984f) considera um retrocesso severo no estudo do comportamento humano, os cognitivistas comemoram como um retorno às legítimas preocupações dos filósofos e psicólogos que foram abandonadas pelos comportamentalistas:

O grito de guerra da revolução cognitiva é “A mente retornou!” Uma “nova grande ciência da mente” nasceu. O comportamentalismo quase destruiu nossas preocupações com ela, mas o comportamentalismo foi derrubado, e nós podemos retomar onde os filósofos e primeiros psicólogos pararam. (Skinner, 1989e, p. 29)⁹⁹

⁹⁷ Tradução do original: “Cognitive scientists are enjoying an intoxicating freedom, but we must ask whether it is a productive one” (Skinner, 1985/1987b, p. 111)

⁹⁸ Tradução do original: “In abandoning the position of behaviorism (in asking that behaviorism be declared legally dead), psychology and much of philosophy have escaped from the strain of rigorous thinking but have suffered a serious reversal in their progress toward an effective understanding of human behavior” (Skinner, 1984f, p. 723).

⁹⁹ Tradução do original: “The battle cry of the cognitive revolution is ‘Mind is back!’ A ‘great new science of mind’ is born. Behaviorism nearly destroyed our concern for it, but behaviorism has been overthrown, and we can take up again where the **philosophers** and early psychologists left off” (Skinner, 1989e, p. 29).

Aqueles que tão triunfantemente anunciam a morte do comportamentalismo estão anunciando sua própria escapada dos cânones do método científico. A psicologia aparentemente está abandonando todos os esforços de se manter no sistema dimensional da ciência natural. Ela não pode mais definir seus termos apontando para referentes, muito menos referentes mensuráveis em centímetros, gramas e segundos. Ela retornou a um mundo interno hipotético. Bruner vangloria-se de ter se juntado novamente aos filósofos no estudo da mente, linguagem, valores e percepção. (Skinner, 1983/1987a, p. 160)¹⁰⁰

A psicologia e a filosofia resistem às questões comportamentalistas e a crítica ao uso de termos mentalistas no estudo do comportamento humano sem definições rigorosas. A filosofia serve como um ponto de retorno para essa psicologia que busca compreender o ser humano pelo estudo da mente, um mundo interno hipotético que explicaria o comportamento (Skinner, 1983/1987a, 1989e). Ao insistir que o comportamentalismo questione os termos usados no estudo do comportamento humano, estaria insistindo que a psicologia se mantenha uma ciência natural rigorosa, trabalhando com conceitos bem definidos. O Comportamentalismo Radical atua, assim, por meio da “pressão” para que os termos usados no estudo do comportamento humano sejam bem definidos e promovendo a cientificidade no estudo do comportamento humano.

É nesse sentido que Skinner (1969d) avalia a possibilidade de uma futura morte do comportamentalismo, distinta da morte defendida por cognitivistas:

Comportamentalismo, como nós o conhecemos, por fim morrerá – não por sua falha, mas por seu sucesso. Como uma filosofia da ciência crítica, ela necessariamente

¹⁰⁰ Tradução do original: “Those who so triumphantly announce the death of behaviorism are announcing their own escape from the canons of scientific method. Psychology is apparently abandoning all efforts to stay within the dimensional system of natural science. It can no longer define its terms by pointing to referents, much less referents measurable in centimeters, grams, and seconds. It has returned to a hypothetical inner world. Bruner boasts of having rejoined the **philosophers** in the study of mind, language, values, and perception” (Skinner, 1983/1987a, p. 160).

mudará com as mudanças da ciência do comportamento, e os problemas atuais que definem o comportamentalismo podem ser totalmente resolvidos. A questão básica é a utilidade dos conceitos mentalistas. (p. 267)¹⁰¹

A morte do comportamentalismo que Skinner (1969d) considera não é a mesma comemorada pela psicologia cognitiva (Skinner, 1983/1987a, 1984d, 1985/1987b, 1989e). A morte do comportamentalismo não seria resultado de sua falha em compreender o comportamento humano, por ignorar os assuntos realmente relevantes no estudo do ser humano como a mente ou os sentimentos. A morte do comportamentalismo seria consequência de seu sucesso na promoção de uma ciência bem-sucedida do comportamento, da superação dos problemas que impedem o progresso dessa ciência na cultura. O principal problema a ser enfrentando pelo comportamentalismo seria, à época de Skinner (1969d), o uso de conceitos mentalistas. Como consequência, Skinner (1963/1982b) afirma que:

A importância do comportamentalismo como uma filosofia da ciência naturalmente diminui na medida em que uma análise científica se torna mais poderosa, pois há, então, menor necessidade de usar dados na forma de autodescrição. O mentalismo que sobrevive nos campos da sensação e percepção irá desaparecer na medida em que técnicas alternativas se provam valorosas na análise do controle de estímulo e mudanças semelhantes podem ser antecipadas em outras áreas. (p. 130)¹⁰²

A morte do comportamentalismo, a redução de sua importância, segue o desenvolvimento da ciência do comportamento, na medida em que essa ciência se desenvolve e demonstra ser bem-sucedida. A importância do comportamentalismo reduz na medida em

¹⁰¹ Tradução do original: “Behaviorism, as we know it, will eventually die—not because it is a failure but because it is a success. As a critical philosophy of science, it will necessarily change as a science of behavior changes, and the current issues which define behaviorism may be wholly resolved. The basic question is the usefulness of mentalistic concepts” (Skinner, 1969d, p. 267).

¹⁰² Tradução do original: “The importance of behaviorism as a philosophy of science naturally declines as a scientific analysis becomes more powerful, because there is then less need to use data in the form of self-description. The mentalism that survives in the fields of sensation and perception will disappear as alternative techniques are proved valuable in analyzing stimulus control, and similar changes may be anticipated elsewhere” (Skinner, 1963/1982b, p. 130).

que, pelo desenvolvimento da própria ciência, as barreiras ao desenvolvimento da ciência colocadas pela cultura são superadas. A morte do comportamentalismo não é um abandono dos compromissos assumidos por essa filosofia da ciência, mas a adoção desses mesmos compromissos e desenvolvimento da ciência que Skinner (1967/1982a, 1974, 1984f) defende se seguir a essa adoção.

Parece ser por meio da proposição de questões que o comportamentalismo atua na discussão da ciência do comportamento de que é a filosofia. São as questões sobre a ciência do comportamento descritas anteriormente como objeto do comportamentalismo como filosofia da ciência do comportamento (Skinner, 1974). A proposição de questões descreve em parte o modo como se faz filosofia, como procede o comportamentalismo. Resta saber como o comportamentalismo propõe que se respondam essas questões; não as respostas propostas a essas questões, mas o modo que se deve proceder para encontrar as respostas a tais questões.

Apesar de propor as questões feitas pelo comportamentalismo, Skinner (1974) não desenvolve uma forma precisa para responde-las. Sobre as respostas para essas questões, afirma: “Algumas dessas questões serão, ao fim, respondidas pelo sucesso ou fracasso dos empreendimentos científicos e tecnológicos, mas problemas atuais são levantados e respostas provisórias são necessárias agora” (Skinner, 1974, p. 3)¹⁰³. Responder às questões feitas pelo comportamentalismo sobre a possibilidade de uma ciência do comportamento humano depende do próprio desenvolvimento dessa ciência e de uma consideração prática de seu sucesso ou fracasso. Essa avaliação só pode, no entanto, ser feita após o desenvolvimento da ciência a qual o comportamentalismo questiona. Apesar disso, as respostas às questões não podem ser postergadas, avalia Skinner (1974). São necessárias respostas, mesmo que provisórias. Mas como chegar a essas respostas?

¹⁰³ Tradução do original: “Some of these questions will eventually be answered by the success or failure of scientific and technological enterprises, but current issues are raised, and provisional answers are needed now” (Skinner, 1974, p. 3).

É possível buscar uma resposta ao considerar a noção de que o comportamentalismo não é apenas uma filosofia da ciência em termos epistemológicos, mas uma concepção de comportamento que torna possível uma ciência do comportamento humano bem-sucedida (Skinner, 1967/1982a). As respostas a essas questões devem ser buscadas na concepção que melhor serve de subsídio para uma ciência do comportamento bem-sucedida. As exigências feitas pelo comportamentalismo por mudanças drásticas nas formas de se pensar o ser humano (Skinner, 1974) são as exigências de uma concepção de comportamento que torna tal ciência possível.

Se o comportamentalismo deve exigir mudanças na concepção de comportamento que tornam uma ciência do comportamento possível, as próprias exigências mudam de acordo com os impedimentos sobre essa ciência impostos pela concepção dominante de comportamento em um determinado momento histórico. A questão de destaque do comportamentalismo torna-se: “quanto do que já foi dito [sobre o comportamento humano] vale a pena ser salvo?” (Skinner, 1974, p. 3). O comportamentalismo deve considerar as concepções de comportamento disponíveis na cultura, avaliando a viabilidade delas para uma ciência do comportamento. Nesse sentido, seus problemas são determinados pelas dificuldades que essas concepções impõem ao desenvolvimento de uma ciência do comportamento. É assim que Skinner (1969d) afirma que “A questão básica [do comportamentalismo] é a utilidade dos conceitos mentalistas” (p. 267)¹⁰⁴, pois é o uso de conceitos mentalistas ao se falar de comportamento humano que a cultura impõe como uma barreira ao desenvolvimento bem-sucedido de uma ciência autônoma do comportamento.

Resta ainda saber como o Comportamentalismo Radical deve proceder na resposta aos problemas filosóficos tradicionais. Nessa direção, as discussões de Skinner sobre a própria filosofia como um fenômeno comportamental podem ser ilustrativas. Em uma perspectiva

¹⁰⁴ Tradução do original: “The basic question is the usefulness of mentalistic concepts” (Skinner, 1969d, p. 267).

comportamentalista radical, “conhecimento é ação, ou ao menos regras para ação” (Skinner, 1974, p. 139)¹⁰⁵. Dessa maneira, o conhecimento passa a ser objeto possível de uma ciência do comportamento, pode ser investigado no âmbito de uma abordagem analítico-comportamental¹⁰⁶. Essa inclusão do conhecimento no escopo de uma ciência do comportamento vale tanto para a ciência quanto para a filosofia. E vale também para o comportamento científico e filosófico de Skinner e demais analistas do comportamento e comportamentalistas radicais. A consideração do próprio comportamento científico e filosófico seria um requisito para a coerência da posição comportamentalista radical:

Seria absurdo para o comportamentalista afirmar que ele está de alguma forma isento de sua análise. Ele não pode sair do fluxo causal e observar o comportamento de algum ponto de vantagem especial, “empoleirado no epiciclo de Mercúrio”. No próprio ato de analisar o comportamento humano, ele está se comportando – como, no próprio ato de analisar o pensamento, o filósofo está pensando. (Skinner, 1974, p. 234)¹⁰⁷

Considerando a possibilidade da insatisfação de filósofos com a circularidade de sua proposta, Skinner (1945/1984j) afirma que “falar sobre falar não é mais circular que pensar sobre pensar ou conhecer sobre conhecer” (p. 551)¹⁰⁸. Apesar dessa reconhecida circularidade em seu projeto filosófico-científico – que, o autor argumenta, também está presente em outras

¹⁰⁵ Tradução do original: “knowledge is action, or at least rules for action” (Skinner, 1974, p. 139).

¹⁰⁶ Um outro problema filosófico tradicional que, de acordo com Skinner (1945/1984j, 1963/1982b, 1974), poderia ser investigado pela ciência é a questão do conhecimento. Nessa direção, Skinner (1945/1984j, 1963/1982b, 1974) defendeu a possibilidade de uma epistemologia empírica que buscasse investigar o comportamento de “conhecer”. A favor desse projeto, Skinner (1963/1982b) argumentou que “Em primeiro lugar, uma análise científica do comportamento produziu uma espécie de epistemologia empírica. O objeto de estudo de uma ciência do comportamento inclui o comportamento de cientistas e outros conhecedores. As técnicas disponíveis para tal ciência dão a uma teoria empírica do conhecimento certas vantagens em relação a teorias derivadas da filosofia e da lógica” (pp. 120-121). Uma avaliação mais detalhada do projeto de uma “epistemologia empírica” em Skinner está para além do escopo deste trabalho.

¹⁰⁷ Tradução do original: “It would be absurd for the behaviorist to contend that he is in any way exempt from his analysis. He cannot step out of the causal stream and observe behavior from some special point of vantage, “perched on the epicycle of Mercury.” In the very act of analyzing human behavior he is behaving—as, in the very act of analyzing thinking, the philosopher is thinking” (Skinner, 1974, p. 234).

¹⁰⁸ Tradução do original: “talking about talking is no more circular than thinking about thinking or knowing about knowing” (Skinner, 1945/1984j, p. 551).

propostas de “conhecer o conhecer” – Skinner (1945/1984j) defende que é possível avançar em uma análise científica do comportamento verbal de modo que “Por fim, nós seremos capazes de incluir, e talvez entender, nosso próprio comportamento verbal como cientistas” (p. 551)¹⁰⁹.

Ao defender a possibilidade de uma abordagem analítico-comportamental do conhecimento em geral, e da ciência e filosofia em específico, Skinner (1974) não deixa de reconhecer as dificuldades relacionadas a essa empreitada:

O comportamento do lógico, matemático e cientistas é a parte mais difícil do campo do conhecimento humano e possivelmente o fenômeno mais sutil e complexo já submetido a uma análise lógico-matemática ou científica, mas porque ainda não foi bem analisada, nós não devemos concluir que é um campo diferente, a ser abordado apenas com um tipo diferente de análise. (p. 235)¹¹⁰

Nessa direção, Skinner interpretou a adoção de determinadas posições filosóficas como produto de contingências ontogenéticas e culturais (e.g. Skinner, 1953, p. 356, p. 376; 1969h, p. 32; 1980, p. 158). A supressão do comportamento de autopreservação em filosofias pacifistas que pode ter sua origem traçada a formas extremas de controle religioso e de censura ao comportamento arrogante e reforço do comportamento humilde e modesto (Skinner, 1953, p. 356) e o apoio a filosofias de amor fraternal que pode se originar como produto de uma história de punições ao comportamento agressivo durante a infância (Skinner, 1953, p. 376) são exemplos de interpretações realizadas por Skinner ao nível ontogenético.

Interpretações semelhantes são realizadas ao nível cultural, como dos inícios da filosofia da anarquia no contato dos europeus com os povos dos Mares do Sul e suas histórias

¹⁰⁹ Tradução do original: “Eventually we shall be able to include, and perhaps to understand, our own verbal behavior as scientists” (Skinner, 1945/1984j, p. 551).

¹¹⁰ Tradução do original: “The behavior of logician, mathematician, and scientist is the most difficult part of the field of human behavior and possibly the most subtle and complex phenomenon ever submitted to a logical mathematical, or scientific analysis, but because it has not yet been well analyzed, we should not conclude that it is a different kind of field, to be approached only with a different kind of analysis” (Skinner, 1974, p. 235).

de “uma boa vida que florescia sem os benefícios da civilização aos moldes europeus” e em que “Homens eram pacíficos e felizes apesar de completamente ignorantes da moral ocidental e com pouco ou nenhum governo visível” (Skinner, 1969h, p. 32)¹¹¹. Buscou também uma possível origem de filosofias da “aceitação da vida”, que recomenda submissão a condições aversivas e possivelmente danosas ao indivíduo, nos ganhos que o grupo ético pode ter ao organizar contingências que favoreçam o comportamento que gere danos ao próprio indivíduo: “O grupo ético organiza contingências desse tipo se ele ganha quando um indivíduo inflige dano a ele próprio” (Skinner, 1969b, p. 215)¹¹².

Em uma nota analisando a doutrina do fatalismo, Skinner (1980) sublinha a importância da distinção entre doutrina filosófica e as contingências que a geraram na explicação do comportamento:

“A doutrina do fatalismo [embalou] seus adeptos em uma apatia em que eles não conseguem aproveitar-se de oportunidades existentes, e falham em criar novas oportunidades” – H. J. Muller, “The Meaning of Freedom”, *Bulletin of Atomic Scientists*, XVI, no. 8, 1960.

Mas certamente a *doutrina* não teve esse efeito. Algumas pessoas podem não agir – para ganhar a vida, digamos – e podem não criar nada explorando ou inventando. Eles podem aderir à doutrina, que eles provavelmente não originaram, de que nada é de qualquer uso, mas eles não deixam de agir porque subscrevem a ela. A doutrina é meramente a descrição das contingências: “O comportamento tem poucas, se alguma, consequências reforçadoras”.

Isso faz diferença. Para mudar as pessoas que adotam uma filosofia fatalista, nós não devemos tentar mudar as crenças sobre as consequências das ações, nós devemos

¹¹¹ Tradução do original: “a good life which flourished without benefit of civilization on the European pattern” e “Men were peaceful and happy although completely ignorant of western morals and with little or no visible government” (Skinner, 1969h, p. 32).

¹¹² Tradução do original: “The ethical group arranges contingencies on this pattern if it gains when an individual inflicts damage on himself” (Skinner, 1969b, p. 215).

mudar as consequências. Nós devemos organizar contingências de reforçamento que geram comportamento produtivo e criativo. As pessoas não irão, então, descrever as contingências dizendo que nada é de qualquer uso; elas não irão “aderir à doutrina do fatalismo”. (p. 158)¹¹³

Nesse trecho, Skinner (1980) critica o uso de filosofias na explicação do comportamento, o uso da filosofia *como* causa interna do comportamento¹¹⁴. De acordo com Skinner (1971), “Filosofias também são ditas como coisas possuídas. Diz-se que um homem fala ou age de determinadas maneiras porque ele tem uma filosofia particular – como idealismo, materialismo dialético ou calvinismo” (p. 193)¹¹⁵. A crítica skinneriana ao uso da filosofia como causa interna orienta-se ao seu caráter inferencial: a filosofia de uma pessoa só pode ser inferida a partir do que ela diz ou faz, do seu comportamento verbal ou não, e, dessa forma, não pode ser usada de modo satisfatório na explicação do comportamento¹¹⁶. A adoção de uma doutrina filosófica não explica o comportamento, deve ser explicada pelas contingências que explicam o comportamento de que ela se infere (Skinner, 1971, 1974).

¹¹³ Tradução do original: “‘The doctrine of fatalism [has lulled] its adherents into an apathy in which they fail to avail themselves of existing opportunities, and fail to create new ones.’ – H.J. Muller, ‘The Meaning of Freedom,’ *Bulletin of Atomic Scientists*, XVI, no. 8, 1960.

But surely the *doctrine* has not had this effect. Some people may not act—to earn a living, say—and may not create anything by exploring or inventing. They may subscribe to a doctrine, which they have probably not originated, to the effect that nothing is of any use, but they do not fail to act because they subscribe to it. The doctrine is merely a description of the contingencies: ‘Behavior has few, if any, reinforcing consequences.’ This makes a difference. To change people who hold to a fatalistic philosophy, we should not try to change beliefs about the consequences of actions, we should change the consequences. We should arrange contingencies of reinforcement which generate productive and creative behavior. The people will then not describe the contingencies by saying that nothing is of any use; they will not ‘subscribe to the doctrine of fatalism’” (Skinner, 1980, p. 158).

¹¹⁴ Nesse trecho, Skinner (1980) critica o uso da filosofia *como* causa interna. Essa crítica é distinta do uso de causas internas *na* filosofia para explicar o comportamento, algo apontado anteriormente.

¹¹⁵ Tradução do original: “Philosophies are also spoken of as things possessed. A man is said to speak or act in certain ways because he has a particular philosophy – such as idealism, dialectical materialism, or Calvinism” (Skinner, 1971, p. 193).

¹¹⁶ Esse caráter inferencial do uso de filosofia como causa interna na explicação do comportamento pode ajudar a compreender o uso preferencial que Skinner (1971) faz do termo “literatura da liberdade” em detrimento de “filosofia da liberdade” em *Beyond Freedom and Dignity*: “A literatura da liberdade, por outro lado, tem um status objetivo simples. Ela consiste de livros, panfletos, manifestos, discursos e outros produtos verbais, planejados para induzir as pessoas a agirem para se libertarem de várias formas de controle intencional” (p. 35).

Os nomes de doutrinas filosóficas podem servir para classificar “o comportamento que tem consequências identificáveis sob dadas circunstâncias”¹¹⁷ (Skinner, 1974, p. 146) e sumarizar “o efeito de condições ambientais que seriam difíceis de serem traçadas atualmente”¹¹⁸ (Skinner, 1971, p. 193). Skinner (1971, 1974, 1980) apenas critica a transformação dessas doutrinas filosóficas em causa do comportamento. Essa transformação levaria a uma negligência para com as condições ambientais que, apesar de difíceis de serem especificadas, de fato explicariam o comportamento que o nome de determinada doutrina filosófica busca classificar. Aplicando essa compreensão à história da filosofia e das ideias, Skinner (1974) argumenta que

Conflitos, tais como aquele entre empirismo e racionalismo, são conflitos entre contingências, e se a história das ideias parece mostrar o desenvolvimento do pensamento humano, não é porque, por exemplo, o romantismo leva ao classicismo e vice-versa, mas porque as práticas características de um ismo por fim produzem condições sob as quais um padrão diferente de comportamento é gerado e mantido por um tempo. . . . Quanto mais não saberíamos se as contingências predominantes tivessem sido descritas em vez dos sentimentos e ismos gerados por elas! (pp. 146-147)¹¹⁹

A dimensão cultural do pensamento filosófico é assim destacada. O conflito entre escolas de pensamento filosófico são conflitos entre contingências e a transformação da predominância de determinadas doutrinas filosóficas em dado momento da história é efeito da transformação das contingências predominantes naquele dado momento. Transformação essa

¹¹⁷ Tradução do original: “behavior having identifiable consequences under given circumstances” (Skinner, 1974, p. 146).

¹¹⁸ Tradução do original: “the effect of environmental conditions which it would now be hard to trace” (Skinner, 1971, p. 193).

¹¹⁹ Tradução do original: “Conflicts, such as that between empiricism and rationalism, are conflicts between contingencies, and if the history of ideas seems to show the *development* of human thought, it is not because, for example, romanticism leads to classicism and vice versa, but because the practices characteristic of one ism eventually produce conditions under which a different pattern of behavior is generated and for a time maintained. . . . How much more we should know if the prevailing contingencies had been described rather than the feelings and isms generated by them!” (Skinner, 1974, pp. 146-147).

que é, por vezes, produto das próprias práticas características de uma doutrina filosófica anterior (Skinner, 1974). Além disso, Skinner (1974), ao responder um apontamento de Bertrand Russell sobre a ciência do comportamento, reafirma o caráter cultural do comportamento filosófico do filósofo, bem como do comportamento científico do cientista:

[Russell] estava certo em insistir que todos nós somos vinculados à cultura [*culture-bound*] e abordamos o estudo do comportamento com preconceitos. (O mesmo ocorre, é claro, com filósofos. A descrição de Russell de como as pessoas pensam é muito britânica, muito russelliana. Os pensamentos de Mao Tsé-Tung sobre a mesma questão são muito chineses. Como poderia ser de outra forma?). (p. 18)¹²⁰

Em outros momentos, Skinner (1957) analisa alguns processos comportamentais, com destaque ao comportamento verbal, envolvidos no discurso filosófico. Discutindo o papel de estimulação suplementar no comportamento verbal, Skinner (1957) descreve alguns operantes verbais que constituiriam parte significativa do discurso filosófico e científico:

Frequentemente, o falante “faz o ouvinte dizer algo que normalmente não diria”. Tanto o falante quanto o ouvinte estão sob controle de essencialmente as mesmas variáveis (eles estão, por assim dizer, em posse dos mesmos fatos) e nada novo é “comunicado”, mas o falante gera comportamento no ouvinte para “tornar algo claro para ele”, ou para “fazê-lo ver um ponto” ou “ajudá-lo entender” um estado das coisas. Em vez de reportar ao ouvinte algo que apenas ele vê, ele faz o ouvinte “ver algo da sua forma”. Ele “diz algo para” o ouvinte. O processo é normalmente exemplificado pelo discurso científico ou filosófico relativamente intelectual, e é, portanto, talvez ainda mais

¹²⁰ Tradução do original: “he was right in insisting that we are all culture-bound and that we approach the study of behavior with preconceptions. (And so, of course, do philosophers. Russell’s account of how people think is very British, very Russellian. Mao Tse-tung’s thoughts on the same subject are very Chinese. How could it be otherwise?)” (Skinner, 1974, p. 18).

surpreendente que ele possa ser reduzido a suplementações ecóicas, textuais ou intraverbais. (pp. 268-269)¹²¹

Skinner (1957) realiza um movimento semelhante de interpretação de processos presentes no discurso filosófico em termos analítico-comportamentais ao discutir o significado de *entendimento* [*understanding*]:

Em sentido trivial, “entender” é “ser *capaz* de dizer a mesma coisa”. É esse o sentido em que nós dizemos se podemos ou não ouvir em uma chamada telefônica barulhenta. Cientistas que estudam condições de comunicação vocal normalmente aceitam uma reafirmação precisa como evidência de que uma resposta vocal foi entendida. Isso é possivelmente algo mais que uma resposta ecóica pura tanto como imitação auditiva ou como reprodução de sons de fala convencionais. O ouvinte provavelmente diz *eu entendo* apenas quando ele pode emitir comportamento correspondente àquele que ocorreria na linguagem em resposta à estimulação não-verbal ou intraverbal.

Os melhores exemplos disso estão no campo do discurso científico e filosófico. (pp. 277-278)¹²²

Esses trechos sugerem que o comportamento filosófico é, ao menos em grande parte, comportamento verbal do filósofo e pode ser analisado de acordo. Uma das consequências dessa compreensão é a de que, como sugerido pela análise de Skinner (1980) da doutrina do fatalismo, filosofias podem ser entendidas como descrições de contingências. Dessa forma, a

¹²¹ Tradução do original: “Frequently the speaker ‘makes the listener say something he would not otherwise say.’ Both speaker and listener are under the control of essentially the same variables (they are, so to speak, in possession of the same facts) and nothing new is ‘communicated,’ but the speaker generates behavior in the listener to ‘make something clear to him,’ or ‘get him to see a point,’ or ‘help him understand’ a state of affairs. Instead of reporting to the listener something which he alone sees, he gets the listener to ‘see something his way.’ He ‘says something for’ the listener. The process is often exemplified by relatively intellectual scientific or philosophical discourse, and it is therefore perhaps all the more surprising that it may be reduced to echoic, textual, or intraverbal supplementation” (Skinner, 1957, pp. 268-269).

¹²² Tradução do original: “In a trivial sense ‘to understand’ is ‘to be *able* to say the same thing.’ This is the sense in which we say that we can or cannot hear over a noisy telephone. Scientists who study conditions of vocal communication usually accept an accurate restatement as evidence that a vocal response has been understood. This is possibly something more than a purely echoic response either as auditory mimicry or as a reproduction of conventional speech sounds. The listener probably says *I understand* only when he can emit corresponding behavior such as might occur in the language in response to nonverbal or intraverbal stimuli. The best examples of this are in the field of scientific and philosophic discourse” (Skinner, 1957, pp. 277-278).

filosofia do fatalismo é “meramente a descrição de contingências: ‘comportamento tem poucas, se alguma, consequência reforçadora’”¹²³ (p. 158). Como efeito dessa compreensão, Skinner (1974) reconhece a impossibilidade da filosofia em lidar com toda complexidade e especificidade dos eventos individuais – uma impossibilidade que a filosofia compartilha com a ciência, mas que não retira o valor desses conhecimentos.

Há mais em um pôr do sol, uma tempestade no mar, uma lâmina de grama ou uma música do que é sonhado em filosofias ou considerado na ciência. Exposição a uma contingência de reforçamento única gera um tipo especial de conhecer e os sentimentos ou estados mentais introspectivamente observados associados com ela diferem amplamente daqueles produzidos quando uma pessoa segue uma regra ou obedece a uma lei. O especialista pode se aproximar de um evento único, mas ele nunca poderá abranger ele por completo. (Skinner, 1974, p. 242)¹²⁴

Skinner (1941/1999b) realiza análise semelhante sobre a filosofia da composição de poetas. De acordo com Skinner (1941/1999b), “Nós não podemos confiar no próprio poeta no que diz respeito a suas próprias práticas” (p. 401)¹²⁵, pois ele pode não estar consciente sobre seu próprio comportamento e sua concepção de suas práticas são provavelmente imprecisas. Dessa forma, Skinner (1941/1999b) afirma que, mesmo com uma declaração da filosofia de composição do poeta ou uma apresentação autobiográfica de seu comportamento como poeta, ainda não é possível obter uma descrição precisa da estrutura de seus poemas.

Outra dimensão dessas tentativas de Skinner de interpretar a filosofia foi a de interpretar termos tradicionalmente filosóficos a partir de termos analítico-comportamentais.

¹²³ Tradução do original: “merely a description of the contingencies: ‘Behavior has few, if any, reinforcing consequences’” (Skinner, 1980, p. 158).

¹²⁴ Tradução do original: “There is more in a sunset, a storm at sea, a blade of grass, or a piece of music than is dreamt of in philosophies or accounted for in science. Exposure to a unique contingency of reinforcement generates a special kind of knowing, and the feelings or introspectively observed states of mind associated with it differ widely from those produced when a person follows a rule or obeys a law. The specialist may come close to the unique event, but he never encompasses all of it” (Skinner, 1974, p. 242).

¹²⁵ Tradução do original: “We cannot trust the poet himself regarding his practices” (Skinner, 1941/1999b, p. 401).

Em uma nota escrita em fevereiro de 1970, Skinner (1983) indicou seus planos de analisar o conceito de intenção usado por filósofos, bem como o de regras usado por linguistas. Além disso, posteriormente, Skinner (1983) afirma que iniciou a escrita, em conjunto com Père Julià, de uma análise comportamentalista de conceitos como intenção, crença, conhecimento, causas e razões, pensamento e algumas características do método científico.

Uma demonstração dessas empreitadas de Skinner na interpretação de conceitos filosóficos está em uma nota intitulada *Philosophy* (1980):

“Verificação” é muito próximo a “conhecimento” e “verdade” (*veritas*) para ter qualquer lugar em uma análise do comportamento verbal. Confirmação, no sentido de “tornar firme ao prover outros estímulos para uma resposta verbal” tem um lugar, tanto para fatos quanto intraverbais.

Prover definições (“tudo que filósofos podem fazer”, diz Ayer) é estabelecer estímulos controladores, verbais e não verbais, que levam alguém a dizer ou não dizer uma dada palavra. (p. 339)¹²⁶

A defesa de Skinner (1974, 1983) de que seria possível investigar cientificamente o comportamento filosófico e as tentativas de desenvolver esse projeto sugerem como, para Skinner, a filosofia é um fenômeno comportamental e cultural. De especial interesse é a dimensão verbal do comportamento do filósofo. Um tema tradicional de interesse da filosofia – a própria filosofia – tem suas discussões instruídas pela ciência do comportamento humano no contexto do Comportamentalismo Radical. É possível defender, dessa forma, que o Comportamentalismo Radical busca responder às questões filosóficas tradicionais usando do conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano. O discurso filosófico deve

¹²⁶ Tradução do original: “‘Verification’ is too close to ‘knowledge’ and ‘truth’ (*Veritas*) to have any place in an analysis of verbal behavior. Confirmation, in the sense of ‘making firm by providing other stimuli for a verbal response,’ has a place, for both facts and intraverbals. Providing definitions (‘all the philosopher can do,’ says Ayer) is setting up controlling stimuli, verbal and nonverbal, which lead one to say **philosopher** or not to say a given word” (Skinner, 1980, p. 339).

ser, nessa direção, instruído pela ciência do comportamento humano para oferecer soluções originais aos problemas filosóficos tradicionais.

É possível defender que o Comportamentalismo Radical faz, portanto, interpretações dos problemas filosóficos tradicionais. Skinner (1984a) definiu interpretação como “o uso de termos e princípios científicos ao falar sobre fatos sobre os quais se sabe muito pouco para tornar a predição e o controle possível” (p. 578)¹²⁷. De acordo com Skinner (1984b), “Filósofos usam suas próprias experiências da mesma forma, bem como psicólogos como James e Freud fizeram uso de acidentes felizes em suas experiências pessoais” (p. 609)¹²⁸. A prática de usar da interpretação já seria característica de filósofos. A especificidade da interpretação comportamentalista radical estaria no uso do conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano para instruir essas interpretações. Desse modo, há uma relação próxima entre ciência e filosofia na solução dos problemas filosóficos tradicionais.

Comportamentalismo Radical: Para que fazer filosofia?

Como descrito anteriormente, a terceira questão metafilosófica proposta por Overgaard et al. (2013) é “*Para que fazer filosofia?*”. A questão orienta a reflexão filosófica para a investigação do valor da filosofia, e é o questionamento preocupado em responder “se há alguma boa razão para fazer filosofia, se há razão para pensar que a filosofia tem algum valor real” (Overgaard et al., 13). Como já indicado, no contexto da reflexão skinneriana sobre os valores, há uma aproximação entre valores e consequências. Dessa forma, uma resposta prescritiva a partir de Skinner para a questão posta é também uma resposta sobre quais consequências a filosofia comportamentalista radical deve almejar.

¹²⁷ Tradução do original: “the use of scientific terms and principles in talking about facts about which too little is known to make prediction and control possible” (Skinner, 1984a, p. 578).

¹²⁸ Tradução do original: “**Philosophers** use their own experiences in the same way, as psychologists like James and Freud used happy accidents in their personal experiences” (Skinner, 1984b, p. 609).

Argumentou-se anteriormente que o Comportamentalismo Radical é mais amplo do que uma filosofia da ciência do comportamento. Na medida em que articula uma concepção particular de comportamento humano (e.g., Skinner, 1967/1982a), o Comportamentalismo Radical pode ser compreendido como uma filosofia do comportamento em sentido amplo. O seu objetivo ao formular tal concepção é tornar possível uma ciência autônoma do comportamento na medida em que, na definição de Skinner (1989b), o Comportamentalismo Radical é “a filosofia da ciência do comportamento tratado como um objeto de estudo por si só, à parte de explicações internas, mentais ou *fisiológicas*” (p. 117)¹²⁹.

De acordo com Skinner (1967/1982a), a vantagem de formular a ciência do comportamento nesses termos é de que ela torna possível uma abordagem experimental efetiva do comportamento humano. Nessa direção, o autor afirma que

[O Comportamentalismo Radical] pode precisar ser esclarecido, mas não precisa ser argumentado. Eu não tenho dúvidas do triunfo final da posição – não que ela irá, por fim, ser provada correta, mas que proverá a rota mais direta para uma ciência bem-sucedida do Homem [sic]. (p. 32)¹³⁰

O valor da formulação do comportamento humano comportamentalista radical não está em estar correta, mas em prover “a rota mais direta para uma ciência bem-sucedida do Homem [sic]” (Skinner, 1967/1982a, p. 32). O objetivo do Comportamentalismo Radical ao formular essa concepção de comportamento humano é promover o desenvolvimento da ciência do comportamento humano. Por um lado, então, essa formulação torna possível conceber uma ciência autônoma do comportamento humano e, por outro, promove o seu desenvolvimento célere (Skinner, 1967/1982a, 1987/1989L, 1989b).

¹²⁹ Tradução do original: “the philosophy of a science of behavior treated as a subject matter in its own right apart from internal explanations, mental *or physiological*” (Skinner, 1989b, p. 117).

¹³⁰ Tradução do original: “It may need to be clarified, but it does not need to be argued. I have no doubt of the eventual triumph of the position—not that it will eventually be proved right, but that it will provide the most direct route to a successful science of Man” (Skinner, 1967/1982a, p. 32).

Skinner (1987/1989g) reconheceu que determinados avanços na filosofia da ciência, entre outros fatores, foram responsáveis por tornar possível a concepção do comportamento como um objeto de estudo por si só. O autor descreve alguns desses avanços:

Igualmente importante foram os novos desenvolvimentos na filosofia da ciência. Conceitos começaram a ser mais cuidadosamente definidos em termos de operações das quais eles eram inferidos. Ernst Mach, especialmente com seu *Ciência da Mecânica* (1915), foi uma figura importante. Posteriormente, P. W. Bridgman trabalhou na mesma direção em seu *Lógica da Física Moderna* (1928). Em *Filosofia* (1927), um livro que se diz ser escrito como uma “qualquer coisa” comercial, Bertrand Russell antecipou os positivistas lógicos em muitos anos e “considerou comportamentalisticamente” uma quantidade de termos psicológicos. Minha tese, “O conceito de reflexo na descrição do comportamento” (1931), estava naquela tradição. Um reflexo, eu argumentei, não era algo que acontecia dentro do organismo; era uma lei do comportamento. Tudo que nós de fato observamos era que uma resposta era função de um estímulo. Ela também podia ser uma função de variáveis no campo do condicionamento, motivação e emoção, mas elas também estavam fora do organismo. Eu as chamei de “terceiras variáveis”, mas Tolman posteriormente colocou-as novamente para dentro e as chamou de “intervenientes”. (p. 61)¹³¹

Esses avanços na filosofia da ciência permitiram a concepção de uma ciência autônoma do comportamento humano, que tomava o próprio comportamento como seu objeto

¹³¹ Tradução do original: “Equally important were new developments in the philosophy of science. Concepts began to be more carefully defined in terms of the operations from which they were inferred. Ernst Mach, especially with his *Science of Mechanics* (1915), was an important figure. Later P. W. Bridgman took a similar line in his *Logic of Modern Physics* (1928). In *Philosophy* (1927), a book said to have been written as a potboiler, Bertrand Russell anticipated the logical positivists by several years and ‘behavioristically considered’ a number of psychological terms. My thesis, ‘The concept of the reflex in the description of behavior’ (1931), was in that tradition. A reflex, I argued, was not something that happened inside the organism; it was a law of behavior. All we actually observed was that a response was a function of a stimulus. It could also be a function of variables in the fields of conditioning, motivation, and emotion, but they too were outside the organism. I called them ‘third variables,’ but Tolman later put them back inside and called them ‘intervening’” (Skinner, 1987/1989g, p. 61).

de estudo. Uma investigação voltada para o próprio comportamento, por sua vez, promoveria o avanço mais rápido de uma ciência do comportamento humano. Skinner defende que o desvio de atenção que filosofias tradicionais promovem para o que se passa “dentro do organismo” é um dos fatores responsáveis pelo atraso no desenvolvimento de uma ciência do comportamento (Skinner, 1959/1999h, 1975/1978h, 1988/1989d, 1989e). Na medida em que formulam teorias sobre o que se passa dentro do organismo (Skinner, 1975/1978h) e atribuem prioridade aos eventos internos, mentais ou fisiológicos, em relação ao comportamento (Skinner, 1959/1999h, 1984c), essa filosofia tradicional foi responsável pelo atraso no desenvolvimento de uma compreensão científica do comportamento. Opondo-se a essas fontes de atraso, o Comportamentalismo Radical promoveria o avanço da ciência do comportamento.

Mas a crítica de Skinner aos efeitos da filosofia tradicional não se restringem ao seu impacto na compreensão do comportamento humano. Como descrito anteriormente, Skinner (1955/1982c) reconhece na filosofia tradicional, em especial no que denomina por “‘filosofia democrática’ do comportamento humano” (p. 136)¹³², uma importante fonte de resistência à aplicação do conhecimento produzido por uma ciência do comportamento humano na solução dos problemas sociais. Em especial, Skinner (1955/1982c) defende que essa filosofia, que pode ser encontrada em uma “literatura da democracia” correspondente, é responsável pela oposição a toda forma de controle e não apenas a “formas de controle questionáveis” (p. 142)¹³³, como a ameaça do uso da força. Skinner (1955/1982c) afirma, então, que “Talvez a parte mais crucial de nossa filosofia democrática a ser reconsiderada é nossa atitude em relação à liberdade – ou sua recíproca, o controle do comportamento humano” (p. 141)¹³⁴.

¹³² Tradução do original: “‘democratic philosophy’ of human behavior” (Skinner, 1955/1982c, p. 136).

¹³³ Tradução do original: “objectionable forms of control” (Skinner, 1955/1982c, p. 142).

¹³⁴ Tradução do original: “Perhaps the most crucial part of our democratic philosophy to be reconsidered is our attitude toward freedom—or its reciprocal, the control of human behavior” (Skinner, 1955/1982c, p. 141).

O Comportamentalismo Radical promove essa reconsideração da atitude democrática em relação à liberdade. A reconsideração, destacou Skinner (1955/1982c), não é dos fins da filosofia democrática, mas de seus meios: a defesa da liberdade como rejeição do controle do comportamento humano. A filosofia democrática, em sua defesa da liberdade, está em conflito com a aplicação dos métodos da ciência aos assuntos humanos. Impede, dessa forma, a realização dos próprios objetivos da democracia: “A menos que esse conflito seja de alguma forma resolvido, o objetivo último da democracia pode ser muito adiado” (Skinner, 1955/1982c, p. 136)¹³⁵. O Comportamentalismo Radical, contra a filosofia democrática, defende o uso do controle do comportamento humano e o planejamento cultural deliberado visando a sobrevivência das culturas e a melhoria das condições de vida humana.

Uma das consequências dessa mudança em relação à liberdade, resultante de uma mudança na própria concepção de comportamento, é “a mudança de uma filosofia que enfatiza o indivíduo para uma que enfatiza a cultura ou o grupo” (Skinner, 1953, p. 448)¹³⁶. A preocupação com a sobrevivência das culturas surge, então, como uma importante consequência da reformulação do comportamento humano promovida pelo Comportamentalismo Radical. Defendendo o uso do conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano na solução dos problemas sociais, Skinner (1955/1982c) defendeu que o Comportamentalismo Radical atua, dessa forma, a favor da sobrevivência das culturas.

Defendendo que o Comportamentalismo Radical pode contribuir com a solução dos problemas sociais ao enfatizar a importância do ambiente na explicação do comportamento, Skinner (1955/1982c) aproxima sua proposta com as filosofias perfeccionistas e a “doutrina da perfectibilidade humana” do humanismo do século XVIII e XIX. De acordo com o autor, compartilham do mesmo otimismo em relação à possibilidade de melhoria nas condições de

¹³⁵ Tradução do original: “Unless this conflict is somehow resolved, the ultimate goals of democracy may be long deferred” (Skinner, 1955/1982c, p. 136).

¹³⁶ Tradução do original: “change from a philosophy which emphasizes the individual to one which emphasizes the culture or the group” (Skinner, 1953, p. 448).

vida humana. Além disso, também compartilham de uma hipótese comum: “que um ambiente físico ou cultural diferente irá criar uma pessoa diferente e melhor” (Skinner, 1955/1982c, p. 137)¹³⁷. A prioridade atribuída ao ambiente pelo Comportamentalismo Radical permite que novas contingências sejam planejadas e, dessa forma, novas práticas surjam.

Respondendo à terceira questão metafilosófica postulada por Overgaard et al. (2013), o *para que* da filosofia, é possível defender que o valor atribuído por Skinner ao Comportamentalismo Radical está em sua contribuição para o desenvolvimento da ciência do comportamento humano e para a solução dos problemas sociais. Em relação a sua contribuição à ciência, Skinner (1967/1982a, 1989b) defendeu que a concepção de comportamento proposta pelo Comportamentalismo Radical torna possível uma ciência autônoma do comportamento humano e promove o seu avanço célere. Em relação a sua contribuição à cultura, o Comportamentalismo Radical, ao enfatizar o papel do ambiente na explicação do comportamento, destaca a necessidade do planejamento de melhores ambientes para, dessa forma, produzir comportamentos que promovam a sobrevivência das culturas e o bem-estar humano (Skinner, 1955/1982c).

¹³⁷ Tradução do original: “that different physical or cultural environment will make a different and better person” (Skinner, 1955/1982c, p. 137).

Discussão

Skinner não dedicou uma obra para discussão sistemática da filosofia como um todo, a despeito de ter produzido textos eminentemente filosóficos como *Behaviorism at fifty* (Skinner, 1963/1982b) e *About behaviorism* (Skinner, 1974). Apesar disso, a filosofia é um tema recorrente das discussões promovidas por Skinner ao longo de sua obra. Uma primeira contribuição deste trabalho foi, assim, a de identificar e organizar essas discussões de modo sistemático. Foram identificadas 504 menções diferentes à filosofia nas obras analisadas, com a seleção de 346 trechos para análise, categorização e interpretação.

A literatura metafilosófica e algumas de suas categorias foram utilizadas para a interpretação e organização dos resultados de forma sistemática. Em especial, foram utilizadas a divisão temática da metafilosofia proposta por Overgaard et al. (2013) em termos das três questões metafilosóficas centrais – *o que é filosofia, como se faz filosofia e para que fazer filosofia* – e a divisão da metafilosofia entre uma dimensão descritiva e uma dimensão prescritiva, tal como proposto por Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014). A partir dessas categorias, buscou-se transformar as discussões não-sistemáticas de Skinner sobre a filosofia, dispersas em sua obra, em um discurso metafilosófico sistemático.

Organizando as declarações de Skinner sobre a filosofia em sua dimensão descritiva e prescritiva, bem como de acordo com as questões metafilosóficas centrais, é possível defender que Skinner desenvolveu uma perspectiva metafilosófica original. Apesar do caráter não-sistemático de suas discussões sobre a filosofia, que constituem trechos esparsamente distribuídos ao longo de sua obra, e de não fazer uso do conceito de “metafilosofia”, Skinner repetidamente discutiu a filosofia de modo coerente com uma perspectiva metafilosófica. Dessa forma, foi possível articular respostas às questões metafilosóficas propostas por Overgaard et al. (2013) a partir das declarações de Skinner sobre a filosofia. Em sua produção intelectual, Skinner discutiu a natureza da filosofia (*o que*), seu método (*como*) e seus

objetivos e consequências (*para que*). Ademais, suas discussões tomaram tanto a forma de uma reflexão crítica sobre a prática filosófica tradicional (dimensão descritiva) quanto a proposição de uma filosofia original, o Comportamentalismo Radical (dimensão prescritiva).

Em sua dimensão descritiva, a metafilosofia skinneriana reconhece a filosofia como um dos campos de conhecimento interessados no comportamento humano (*o que*). A concepção de comportamento dessa filosofia tradicional, no entanto, é baseada na concepção de ser humano autônomo e em explicações internalistas do comportamento, usando de eventos internos na explicação do comportamento como substitutos atuais de uma história de seleção por consequências. O método privilegiado por essa filosofia, baseado nessa concepção de comportamento humano, é a introspecção (*como*). Apesar disso, os limites em termos de precisão impostos pela privacidade na formulação de uma “linguagem dos sentimentos” tornam a introspecção um método de limitado valor na compreensão do comportamento humano na avaliação de Skinner. Como resultado dessa concepção de comportamento e do método adotado, Skinner demonstrou-se cético sobre a capacidade da filosofia tradicional em produzir conhecimento adequado sobre o ser humano e de gerar práticas culturais que favoreçam a sobrevivência das culturas (*para que*). Apesar de reconhecer eventuais contribuições dessa filosofia tradicional no reconhecimento de processos comportamentais e no enfrentamento de práticas despóticas e tirânicas de controle, Skinner destacou os limites das filosofias tradicionais do ser humano na produção desses objetivos.

Algumas questões sobre essa caracterização da filosofia podem ser levantadas. A primeira questão a ser destacada está relacionada à uniformidade da caracterização da filosofia por Skinner. Ao discutir a filosofia, a caracterização de Skinner dessa disciplina mantém-se relativamente constante: a concepção tradicional de comportamento humano, o uso da introspecção, a rejeição da ciência do comportamento humano e os impactos na cultura. Mesmo que use diferentes termos para nomear essa filosofia (e.g. filosofia tradicional

do comportamento humano, filosofia da natureza humana, filosofia da liberdade, filosofia democrática), as características discutidas por Skinner são comuns a essas diferentes filosofias.

A uniformidade que pode ser encontrada na caracterização de Skinner, no entanto, contrasta com representações da filosofia correntes na literatura metafilosófica. Discussões metafilosóficas destacam com frequência, contrariamente à caracterização homogênea de Skinner, o caráter diverso da prática filosófica. Plant (2017), nessa direção, defendeu que “a história da filosofia é uma história de discordâncias sobre questões filosóficas específicas e sobre a natureza da própria filosofia” (p. 6). Caracterização semelhante da diversidade característica da filosofia também é encontrada em Marcondes e Franco (2011), Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014). É possível defender que, em alguma medida, a uniformidade da descrição de Skinner da filosofia desconsidera essa diversidade que filósofos interessados na investigação da filosofia destacam como central para caracterizar seu campo de estudo. Se Skinner parece sugerir um elevado grau de concordância entre filósofos sobre a natureza da filosofia e sobre seu objeto de estudo, Rescher (2014) destaca a natureza “inerentemente controversa e discordante” da filosofia e, como resultado, da própria metafilosofia (p. xi).

Por outro lado, em um dos trechos analisados, Skinner (1971) parece reconhecer a diversidade na filosofia. Discutindo as consequências da introspecção e da linguagem introspectiva no estudo do ser humano, Skinner (1971) afirmou que “Vocabulários introspectivos são imprecisos por natureza, e essa é uma das razões pela qual eles variaram tão amplamente entre escolas de filosofia e psicologia” (p. 188). Skinner (1971) reconheceu a discordância entre escolas de filosofia, destacando a diversidade nos vocabulários adotados por elas. Apesar disso, a diversidade reconhecida por Skinner (1971) se deu apenas ao nível do vocabulário usado por essas diferentes escolas de filosofia. Nesse trecho, contudo, há ainda um compromisso metafilosófico que seria comum a essas diferentes escolas de filosofia: um

compromisso metodológico com a introspecção. Como descrito por Overgaard et al. (2013), Rescher (2014) e Plant (2017), há também diversidade e discordância ao nível metafilosófico, na própria concepção de filosofia e seu método.

É possível, portanto, levantar dúvidas sobre a precisão da descrição de Skinner sobre a filosofia. Essas dúvidas não se dão apenas na medida em que Skinner parece minimizar as diferenças características da filosofia como um campo de conhecimento. A própria introspecção, destacada repetidamente por Skinner (e.g. Skinner, 1963/1982b, 1971, 1974, 1975/1978h, 1987/1989f, 1990/1999d) como prática característica de filósofos no estudo do ser humano, não é necessariamente reconhecida por filósofos como tendo um papel tão central na prática filosófica. Nessa direção, Overgaard et al. (2013) defenderam que a “introspecção desempenha um papel bastante modesto no trabalho de filósofos” (p. 74).

Mesmo a delimitação do comportamento como objeto da filosofia por Skinner (1947/1999e, 1963/1982b, 1969a, 1971, 1984d) – a definição tópica articulada neste trabalho como resposta à questão “*o que é filosofia?*” – parece passível de crítica similar. Se, como descreveu Skinner (1947/1999e, 1963/1982b, 1969a, 1971, 1984d), filósofos estiveram interessados no comportamento humano ao longo da história, não parece adequado restringir o interesse de filósofos ao comportamento. Se é relativamente nítido que campos da filosofia como a ética e a política estão interessados no comportamento humano, esse não parece ser o caso de todos os campos da filosofia. O interesse no comportamento humano, no entanto, não parece adequado para campos da filosofia como a metafísica ou a filosofia da natureza. É possível defender, dessa forma, que Skinner realizou recortes na filosofia com que estava dialogando: filosofias interessadas na compreensão do comportamento humano.

Apesar de eventuais limitações na descrição de Skinner sobre a filosofia, as discussões promovidas pelo autor não precisam ser desconsideradas em sua totalidade. Mesmo que, como defendem Overgaard et al. (2013), a introspecção ocupe lugar de pouca relevância na

prática filosófica, as discussões de Skinner sobre a introspecção, seus limites e suas consequências no estudo do comportamento humano continuam relevantes. Se essas críticas são de aplicação limitada à filosofia, elas ainda são válidas no que diz respeito ao uso da introspecção no geral: a reduzida precisão da linguagem introspectiva como consequência da falta de acesso da comunidade verbal resultante da privacidade, o incentivo ao uso de eventos privados como causas internas do comportamento, etc.

Um fator a ser considerado na descrição de Skinner diz respeito à relação antitética que o autor estabeleceu com essa filosofia tradicional. Como descrito ao longo deste trabalho, para além da descrição da filosofia tradicional, Skinner engajou-se na crítica dessa filosofia. Parte da parcialidade da representação de Skinner pode ser traçada a essa oposição: a filosofia que Skinner descreveu é a mesma filosofia que o autor buscou criticar, contrapondo essa filosofia tradicional e seu Comportamentalismo Radical. Dessa forma, a maior parte das discussões de Skinner estão relacionadas aos compromissos metafilosóficos de uma filosofia particular que o autor rejeitava. Apesar de reconhecer eventuais aproximações entre sua posição e filosofias anteriores – como as filosofias de Ernst Mach, Henry Poincaré e Percy Bridgman (Skinner, 1967/1982a, 1987/1989g) ou as filosofias de comportamento humano de Wittgenstein, Ryle e Austin (Skinner, 1984a) –, a maior parte das interlocuções com a filosofia travadas por Skinner foram críticas a uma concepção antagônica à sua.

Essa concentração nas filosofias com que antagonizava pode, no entanto, ter resultado na desconsideração de outras interfaces que poderiam ser estabelecidas com diferentes filosofias. Mesmo que, como descreveu Skinner (1983/1987a), filósofos tenham rejeitado as contribuições do comportamentalismo por muito tempo e as críticas de alguns filósofos possam ser destacadas como “exemplos de extraordinária violência” (Skinner, 1983, p. 338), não significa que comportamentalistas radicais devam adotar postura semelhante. Essa postura, com a recusa do reconhecimento de possíveis diálogos com a filosofia, pode

dificultar a superação do isolamento histórico que a Análise do Comportamento sofre (Azoubel, 2017; Strapasson et al., 2017).

Ademais, uma tentativa de investigação de possíveis diálogos entre Comportamentalismo Radical e outras filosofias vai na direção das responsabilidades que Skinner (1974) atribuiu ao Comportamentalismo Radical. Em especial, considera a responsabilidade de responder à questão posta pelo autor: “quanto do que foi dito [sobre o comportamento humano] vale a pena ser salvo?” (p. 3). Como uma das áreas do conhecimento historicamente interessadas no comportamento humano, a filosofia é um dos alvos prioritários dessa consideração. E é uma consideração que deve ser feita reconhecendo eventuais afastamentos e a possibilidade de uma severa crítica comportamentalista radical, mas sem desconsiderar possíveis aproximações e uma abertura para o diálogo.

De modo complementar a esse diálogo com a filosofia travado por Skinner, sistematizado aqui como uma metafilosofia descritiva skinneriana, o autor também propôs uma filosofia original, o Comportamentalismo Radical. Essa proposição foi sistematizada neste trabalho como uma metafilosofia prescritiva skinneriana. Organizada de acordo com a divisão temática proposta por Overgaard et al. (2013), essa metafilosofia prescritiva pode ser sistematizada da seguinte forma: Comportamentalismo Radical é filosofia da ciência do comportamento humano e, na medida em que propõe uma concepção original de comportamento, é também uma filosofia do comportamento (*o que*). Essa filosofia formula uma concepção original de comportamento que torna possível uma ciência autônoma do comportamento humano e que, instruída pelo conhecimento produzido por essa ciência, busca dar soluções originais aos problemas filosóficos tradicionais – questões como introspecção, conhecimento e a própria filosofia (*como*). Por fim, essa filosofia objetiva promover o desenvolvimento célere de uma ciência do comportamento humano. Defende que essa ciência se desenvolve de modo mais rápido caso estude o comportamento humano como objeto de

estudo em si, sem fazer referência a eventos mentais ou fisiológicos. Essa ciência, por sua vez, busca oferecer soluções aos problemas sociais relevantes, promovendo a sobrevivência da cultura como valor central. Em última análise, portanto, o Comportamentalismo Radical tem por objetivo promover a sobrevivência da cultura (*para que*).

A organização das declarações de Skinner sobre o Comportamentalismo Radical de acordo com as categorias formuladas por Overgaard et al. (2013) sugere a interrelação entre as respostas às três questões metafilosóficas. Overgaard et al. (2013) reconhecem a interrelação entre as questões metafilosóficas ao afirmar que, apesar da divisão ser útil para organizar tematicamente as discussões metafilosóficas, não se deve “negar o fato óbvio de que as três questões são intimamente relacionadas de muitas formas” (p. 11). Ademais, na medida em que as três questões são usadas para caracterizar uma posição metafilosófica, as três questões são relevantes na definição de uma concepção particular de filosofia. Desse modo, definir a concepção de Comportamentalismo Radical para Skinner inclui definir *o que* é Comportamentalismo Radical, *como* o Comportamentalismo Radical responde suas questões e *para que* serve o Comportamentalismo Radical. Caracterizar o Comportamentalismo Radical de acordo com as categorias metafilosóficas envolve responder a essas três questões, pois as três questões fazem parte da concepção de Comportamentalismo Radical.

No que diz respeito à primeira questão, é possível defender que a definição de Comportamentalismo Radical como “filosofia da ciência do comportamento humano” (Skinner, 1974, p. 3) ou como “filosofia da ciência preocupada com o objeto e métodos da psicologia” (Skinner, 1963/1982b, p. 116) é excessivamente restritiva. Como defendido, o Comportamentalismo Radical propõe uma concepção original de comportamento que torna a ciência do comportamento humano possível (Skinner, 1967/1982a). Dessa forma, o Comportamentalismo Radical pode ser melhor compreendido, como defende Abib (2001),

como uma filosofia do comportamento em sentido amplo. Apesar da importância que a ciência do comportamento tem para o Comportamentalismo Radical, seu escopo é mais amplo na medida em que envolve a própria concepção de comportamento.

Há uma relação próxima entre filosofia e ciência na obra skinneriana. Por um lado, Skinner (1967/1982a, 1989b) defendeu que o Comportamentalismo Radical como uma filosofia articula uma concepção de comportamento que torna possível e promove o desenvolvimento célere da ciência do comportamento humano. Por outro lado, o conhecimento produzido pela ciência do comportamento instrui o Comportamentalismo Radical na solução de problemas filosóficos tradicionais. Na proposta skinneriana, portanto, não parece haver uma separação radical entre ciência e filosofia, mas uma continuidade.

O uso do conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano na solução dos problemas filosóficos tradicionais sugere a interpretação como modo de proceder do Comportamentalismo Radical. Em uma perspectiva comportamentalista radical, a interpretação é tanto um método quanto um objetivo da Análise do Comportamento, consistindo no “uso de conceitos e princípios estabelecidos em situações mais simples para explicar fenômenos mais complexos” (Malavazzi & Micheletto, 2021, p. 6). Apesar de possíveis limitações da interpretação, resultantes de sua natureza apenas plausível e inferencial, essa abordagem apresenta vantagens em relação às explicações tradicionais, pois “não constitui especulação irrestrita, uma vez que se baseia nas leis, conceitos e princípios derivados da análise experimental” (p. 9). O conhecimento produzido pela ciência do comportamento instrui as respostas comportamentalistas radicais aos problemas filosóficos tradicionais, destacando novamente uma relação próxima entre ciência e filosofia.

Entre os problemas filosóficos que podem ser abordados dessa forma está a própria compreensão da filosofia. Em especial, como argumentado anteriormente, Skinner (1974, 1983) defendeu que a Análise do Comportamento é capaz de estudar o comportamento de

filósofos. Ao destacar a dimensão comportamental da filosofia, Skinner sugeriu a possibilidade de uma compreensão científica do comportamento filosófico. O comportamento filosófico, apesar de sua complexidade, poderia ser abordado a partir dos métodos de uma ciência do comportamento humano. É essa complexidade do comportamento científico e filosófico, impossível – ao menos temporariamente – de ser abordado por meio do método experimental, que incentiva a adoção da interpretação: fenômenos comportamentais complexos, mas que o conhecimento dos conceitos e princípios comportamentais básicos permite compreender (Malavazzi & Micheletto, 2021). É esse contato com o conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano que diferencia a interpretação usada por outros filósofos e o Comportamentalismo Radical defendido por Skinner (1984b).

Ao abordar a filosofia como um fenômeno comportamental e cultural, passível de ser investigada com métodos próprios à Análise do Comportamento e usando de seus princípios e conceitos, suas investigações podem ser situadas no contexto de uma metafilosofia naturalizada¹³⁸ (Morrow & Sula, 2011; Plant, 2017). A metafilosofia naturalizada diferencia-se de programas tradicionais em metafilosofia na medida em que propõe um estudo empírico da filosofia, destacando o papel de fatores psicológicos e sociológicos nos juízos filosóficos. Esses fatores poderiam ser analisados com métodos e técnicas advindos de diferentes ciências, afastando a metafilosofia naturalizada da metafilosofia tradicional, que prioriza métodos de investigação distintos das práticas científicas (Morrow & Sula, 2011; Plant, 2017).

Ao destacar o papel dos fatores psicológicos e sociológicos no desenvolvimento da filosofia, a metafilosofia naturalizada afasta-se também das representações tradicionais da filosofia. Essas representações tradicionais adotam o que Morrow e Sula (2011) denominam por “mito do racionalismo puro”: “o mito que argumentos, e nada mais, orientam o curso da

¹³⁸ Uma metafilosofia naturalizada é distinta de uma metafilosofia naturalista. A metafilosofia naturalizada, como propõe Morrow e Sula (2011), é um projeto de investigação empírica da filosofia, adotando métodos de diferentes ciências no estudo da filosofia como um fenômeno social. Uma metafilosofia naturalista, por outro lado, é uma posição metafilosófica particular que defende uma continuidade entre filosofia e as ciências naturais (Overgaard et al., 2013).

filosofia, de acordo com seus méritos lógicos e objetivos” (p. 312). Essa concepção de filosofia reflete, de acordo com Plant (2017), uma tendência entre filósofos em buscar uma distinção profunda entre o que é interno e o que é externo à filosofia, de modo a não contaminar o que é propriamente filosófico com questões extra-filosóficas.

Se representações tradicionais da filosofia fazem parte de “uma tendência mais geral de filósofos de esquecer que eles são seres humanos situados, e portanto herdeiros de (entre outras coisas) um contexto histórico, econômico e cultural específico” (Plant, 2017, p. 9), uma metafilosofia baseia-se no reconhecimento de que a “filosofia é uma atividade realizada por seres humanos – criaturas sociais que, apesar de serem capazes de realizar cadeias de raciocínio complexas, são profundamente influenciadas por seus contextos sociais” (Morrow & Sula, 2011, p. 312). É o mesmo destaque que as interpretações realizadas por Skinner dão às contingências ontogenéticas e culturais específicas que levam os sujeitos à adoção de posições filosóficas particulares.

Apesar dessas diferenças, a metafilosofia naturalizada, com seu destaque ao uso de métodos empíricos para o estudo das influências dos fatores psicológicos e sociológicos no desenvolvimento da filosofia, não invalida necessariamente o uso de métodos tradicionais da filosofia para a compreensão da própria filosofia, típico de metafilosofias tradicionais. Um paralelo com a discussão que Abib (1993b) realiza no contexto da filosofia da ciência parece apropriado: se é verdade que a legitimidade dos discursos da psicologia e da história da ciência sobre a ciência não invalida o discurso filosófico sobre a ciência, parece legítimo defender que o mesmo se aplica aos discursos sobre a filosofia. Ou seja, a legitimidade do discurso da metafilosofia naturalizada, que agrupa discursos psicológicos, históricos e sociológicos sobre a filosofia, não implica na desconsideração do discurso filosófico sobre a filosofia, como presente nas metafilosofias tradicionais. Desse modo, pode-se chegar a uma conclusão semelhante àquela de Abib (1993b) de que há de se fomentar um esforço real de

conversação entre diferentes disciplinas que podem contribuir para a compreensão da filosofia.

A importância da contribuição de filósofos para a metafilosofia naturalizada não é desconsiderada pelos seus defensores (Morrow & Sula, 2011; Plant, 2017). Morrow e Sula (2011) consideram a importância que o domínio da história da filosofia tem para a compreensão das relações e diálogos entre autores. Além disso, Plant (2017) defende que é parte da responsabilidade do filósofo o trabalho reflexivo sobre sua atividade, tanto de sua natureza quanto de seu valor. Questões metafilosóficas, nesse sentido, pertencem à filosofia, de modo semelhante ao argumentado por Overgaard et al. (2013). No entanto, esse trabalho reflexivo, defende Plant (2017), não pode ser realizado desconsiderando as contribuições de outros discursos sobre a filosofia, sem considerar seriamente aspectos sociológicos, biográficos, psicológicos e históricos que atuam como determinantes da prática filosófica.

Uma particularidade das interpretações que Skinner realiza da filosofia, em comparação com o projeto proposto por Morrow e Sula (2011) de uma metafilosofia naturalizada, é o fato de suas interpretações serem orientadas por uma compreensão comportamentalista radical do comportamento humano e se pautarem nos conceitos e princípios originados dos estudos analítico-comportamentais. Ao proporem mecanismos que podem auxiliar na compreensão dos efeitos de fatores sociais no juízo de filósofos, Morrow e Sula (2011) elencam mecanismos psicológicos como “pressão de uniformidade” e “vieses de confirmação”. Uma interpretação pautada no Comportamentalismo Radical e conceitos e princípios analítico-comportamentais poderia oferecer uma perspectiva diferente desses fenômenos, como sugerem as interpretações de Skinner (1953, p. 356, p. 376, 1960/1980, p. 158, 1969h, p. 32) da adoção de posturas filosóficas como produto de contingências ontogenéticas e culturais.

A proposta de uma filosofia comportamentalista de Skinner parece articular questões de natureza epistemológica e de natureza ontológica. Como filosofia da ciência, o comportamentalismo se interessa em questões epistemológicas na medida em que essas questões se referem “aos pressupostos ou aos fundamentos dos métodos utilizados para produzir evidências que apoiam o conhecimento de eventos ou objetos” (Abib, 1993a, p. 457). São questões como as propostas por Skinner (1974) no início do livro *About behaviorism*. Apesar de ressaltar as questões epistemológicas, uma filosofia da ciência não se reduz, de acordo com Abib (1993a), a uma investigação epistemológica sobre a ciência, mas envolve também uma investigação dos compromissos ontológicos da ciência. Abib (1993a) define ontologia como “juízos e decisões acerca de quais são os eventos e objetos que existem realmente; trata-se de juízos e decisões sobre a realidade, que são baseados na irredutibilidade e, conseqüentemente, na especificidade dessa mesma realidade” (p. 457). Skinner (1967/1982a, 1989b) destacou essa dimensão do comportamentalismo ao descrevê-lo como uma concepção de comportamento que torna uma ciência do comportamento efetiva possível, sem referências a estados mentais e fisiológicos na explicação do comportamento.

Uma filosofia comportamentalista radical ainda estaria interessada, como uma filosofia da ciência do comportamento humano, nas conseqüências da ciência para a cultura. Na introdução de *About behaviorism*, Skinner (1974) estabelece como uma das questões de interesse do Comportamentalismo Radical a pergunta “[A ciência do comportamento humano] produzirá uma tecnologia e, em caso positivo, qual papel terá nos assuntos humanos?” (p. 3). O Comportamentalismo Radical também desenvolve, assim, um discurso ético e político ligado aos efeitos da ciência do comportamento humano nos assuntos humanos. Skinner (1986/1987c) afirmou que um grupo de filósofos e críticos literários tiveram papel semelhante na sua reflexão sobre os efeitos da ciência do comportamento humano nos assuntos humanos e na cultura: “Com um grupo de filósofos e críticos literários,

eu discuti muitas das implicações de uma análise científica do comportamento humano. Muito de *Walden Two* é um pouco mais do que um rearranjo dessas discussões” (p. 194).

Alguns apontamentos também podem ser realizados em relação à resposta proposta à última questão metafilosófica proposta por Oveergard et al. (2013), “*Para que fazer filosofia?*”. É uma questão que diz respeito, de acordo com Overgaard et al. (2013), ao valor da filosofia. No contexto do sistema ético skinneriano e das discussões sobre valores no Comportamentalismo Radical, valores são aproximados das consequências do comportamento (e.g. Dittrich, 2010; Dittrich & Abib, 2004; Skinner, 1971; Zilio & Carrara, 2009). Especificamente, Dittrich (2010) afirma que, para o Comportamentalismo Radical, “Nossos valores são, tão-somente, as consequências que reforçam nosso comportamento” (p. 52). De acordo com essa aproximação entre valores e consequências, as discussões de Skinner sobre o valor da filosofia são discussões sobre as suas consequências.

Nas discussões de Skinner sobre as consequências da filosofia, o autor destaca que filosofias são repletas de consequências. Skinner destaca as consequências da filosofia em dois âmbitos: as consequências para a compreensão do comportamento humano e as consequências para a cultura. Apesar de reconhecer eventuais contribuições positivas nesses dois âmbitos, a discussão de Skinner sobre as consequências da filosofia concentra-se nos efeitos danosos da filosofia tradicional: o atraso na compreensão do papel do ambiente na explicação do comportamento e os prejuízos na solução dos problemas sociais.

No contexto das discussões de Skinner sobre os impactos da filosofia tradicional na cultura, Skinner (1955/1982c, 1956/1999g, 1969h) destacou que, apesar de contribuições passadas na melhoria das práticas culturais – em especial na oposição ao controle opressivo de agências de controle –, a filosofia tradicional tornou-se uma relevante fonte de resistência a aplicação da ciência do comportamento nos problemas sociais. A positiva resistência ao controle opressivo, avalia Skinner (1955/1982c, 1956/1999g, 1971), ampliou-se para uma

danosa resistência a toda forma de controle. A filosofia tradicional tornou-se, dessa forma, um impeditivo para o aproveitamento completo das contribuições de uma ciência do comportamento para a cultura. Como consequência, na análise de Skinner, a filosofia passou a atuar contra a sobrevivência das culturas.

O Comportamentalismo Radical, na argumentação de Skinner (1953, 1955/1982c, 1956/1999g, 1971), aparece como uma alternativa a essa filosofia tradicional. Se a filosofia tradicional rejeita completamente o controle do comportamento humano, defendendo uma suposta “liberdade” para além de qualquer controle, o Comportamentalismo Radical reconhece controles mais sutis que estariam em ação nesses casos (Skinner, 1955/1982c). Defendendo que não é possível um comportamento que não é controlado por variáveis ambientais, o Comportamentalismo Radical defende que a ciência pode ajudar na solução dos problemas sociais ao reorganizar as contingências que controlam o comportamento humano. Dessa forma, Skinner (1953) está defendendo a necessidade de uma mudança de uma filosofia que enfatiza o indivíduo para uma filosofia que enfatiza a cultura ou o grupo.

Ao considerar que uma concepção de filosofia articula as três questões metafisológicas propostas por Overgaard et al. (2013), parece possível defender que na medida em que responde a terceira questão – a saber, “*Para que fazer filosofia?*” –, a preocupação com a sobrevivência das culturas caracteriza o próprio Comportamentalismo Radical. Em alguma medida, parece possível defender a posição de Michael (1977) de que a sobrevivência das culturas é um dos princípios que compõe o Comportamentalismo Radical: “O terceiro princípio geral [que compõe o Comportamentalismo Radical] é a identificação da sobrevivência cultural como o valor primário e o rebaixamento de outros valores para uma posição secundária” (p. 295).

Reconhecer que a caracterização do Comportamentalismo Radical por Skinner inclui a preocupação central com a sobrevivência das culturas não implica que essa preocupação deve

necessariamente ser compartilhada por outros comportamentalistas radicais¹³⁹. Como argumentou Zilio (2019), uma investigação teórica na obra de Skinner não implica na reafirmação acrítica das teses defendidas pelo autor: “fazer análise teórica do comportamento não equivale meramente a reproduzir as ideias, teses ou valores que naquele momento constituem o comportamentalismo radical às audiências interessadas” (p. 242). A preocupação com a sobrevivência das culturas marca a concepção de Comportamentalismo Radical de Skinner, é o seu *para que*. Esse compromisso não necessariamente precisa ser compartilhado por outros comportamentalistas radicais, mas esse descompromisso marca um afastamento da concepção de Comportamentalismo Radical desses autores e a concepção de Skinner.

A articulação das discussões metafilosóficas skinnerianas – em especial o seu *para que* – com o sistema ético skinneriano sugere ainda mais uma característica da filosofia destacada por Skinner: a filosofia como uma prática cultural. Se diferentes filosofias apresentam consequências diferentes para a cultura, se algumas filosofias favorecem a sobrevivência da cultura e outras atuam contra a sua sobrevivência, é resultado da relação de filosofias com as práticas culturais de determinada cultura. Filosofias não estão para além da cultura, mas são parte dela e devem ser avaliadas de acordo. Essa caracterização de filosofia como um fenômeno cultural mais uma vez aproxima a concepção de filosofia desenvolvida por Skinner ao longo da sua obra e a concepção promovida por defensores da metafilosofia naturalizada (e.g., Morrow & Sula, 2011; Plant, 2017).

¹³⁹ Há exemplos na literatura comportamentalista radical nessa direção, com investigações teóricas destacando possíveis problemas relacionados à aceitação da sobrevivência das culturas como valor primário. Zilio e Carrara (2009) argumentam pela separação completa da teoria moral e científica de Skinner, pois a dependência da primeira em relação à última tornaria a proposta skinneriana suscetível à falácia naturalista. Os autores defendem que é possível “acatar a teoria científica de Skinner como alternativa viável na explicação das causas do comportamento sem ter que acatar necessariamente sua teoria moral” (p. 8). Discutem ainda que “talvez possa até mesmo ser impróprio classificar a teoria moral de Skinner como ‘behaviorista radical’” (p. 8), demarcando uma separação radical entre o Comportamentalismo Radical como filosofia da ciência e a teoria moral skinneriana. Essa separação, no entanto, vai contra a caracterização oferecida pela literatura metafilosófica, em que os valores que orientam a prática filosófica – o *para que* da filosofia – também contribuem na definição de uma posição metafilosófica.

Por fim, é possível defender que ao incluir a avaliação do “quanto do que foi dito [sobre o comportamento humano] vale a pena ser salvo?” (Skinner, 1974, p. 3) no escopo de responsabilidades do Comportamentalismo Radical como filosofia da ciência do comportamento, Skinner (1974) viabilizou a compreensão do Comportamentalismo Radical também como uma filosofia da filosofia. Em outras palavras, ao defender que o Comportamentalismo Radical deve fazer uma avaliação da contribuição de outros discursos para a compreensão do comportamento humano, o autor abriu espaço para a compreensão do Comportamentalismo Radical como uma metafilosofia. Isso é consequência do reconhecimento de Skinner (1947/1999e, 1963/1982b, 1969a, 1971, 1984d) da filosofia como um dos campos que historicamente esteve interessado no estudo do comportamento humano. Dessa forma, a filosofia é um dos discursos sobre o comportamento humano que o Comportamentalismo Radical deve avaliar a pertinência. Em outras palavras, o Comportamentalismo Radical deve desenvolver um discurso sobre a filosofia, uma metafilosofia.

Sendo o Comportamentalismo Radical a filosofia da ciência do comportamento humano e sendo a investigação da filosofia parte do seu escopo, é possível defender que uma metafilosofia comportamentalista radical tem uma natureza filosófica. Sua natureza filosófica é consequência de ser parte do Comportamentalismo Radical, uma filosofia. Aproxima-se, portanto, da caracterização tradicional de metafilosofia como filosofia da filosofia ou como investigação filosófica da filosofia, sua natureza, método e valor (Overgaard et al., 2013; Rescher, 2014). Se a defesa da possibilidade de uma investigação científica da filosofia por Skinner apresenta semelhanças com a noção de uma metafilosofia naturalizada, como proposta por Morrow e Sula (2011), esse projeto ocupa espaço limitado nas discussões metafilosóficas promovidas por Skinner.

É possível reconhecer, dessa forma, que a metafilosofia skinneriana engloba, seguindo a classificação de Overgaard et al. (2013) e Rescher (2014), tanto uma metafilosofia descritiva (em seu diálogo com a filosofia tradicional) quanto uma metafilosofia prescritiva (na promoção do Comportamentalismo Radical). Em ambos os casos, é um discurso filosófico sobre a filosofia que Skinner desenvolveu: uma metafilosofia comportamentalista radical.

Defender que a proposição de uma investigação científica da filosofia, que aproxima a proposta skinneriana ao projeto de uma metafilosofia naturalizada (Morrow & Sula, 2011), ocupa um espaço limitado no projeto metafilosófico skinneriano não implica na sua desconsideração. Como defendido por Skinner (1974, 1983), na medida em que destaca a dimensão comportamental da filosofia, a compreensão do comportamento de filósofos passa a ser uma das responsabilidades da Análise do Comportamento: “Seria absurdo para o comportamentalista afirmar que ele está de alguma forma isento de sua análise” (Skinner, 1974, p. 234). Skinner (1974) defendeu que a compreensão científica do comportamento filosófico e científico, incluindo o comportamento de analistas do comportamento, é necessária para a coerência de seu projeto filosófico-científico.

Apesar da relevância defendida pelo autor dessa investigação científica da filosofia para a coerência de seu projeto, a metafilosofia skinneriana não pode ser reduzida a ela. As discussões de Skinner sobre a filosofia vão além de uma tentativa de compreender o comportamento filosófico em termos da ciência do comportamento humano. Ou seja, a metafilosofia skinneriana não é apenas uma interpretação do comportamento filosófico. A metafilosofia skinneriana não é, portanto, apenas uma metafilosofia naturalizada – embora uma metafilosofia naturalizada seja parte da metafilosofia skinneriana.

Como argumentado neste trabalho, a avaliação das práticas filosóficas tradicionais e a proposição de uma filosofia comportamentalista radical na obra skinneriana vão além de uma interpretação da filosofia. Se a compreensão da filosofia via interpretação faz parte do projeto

metafilosófico skinneriano, aproximando-o de uma metafilosofia naturalizada, essa interpretação da filosofia a partir do conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano não é a totalidade do projeto metafilosófico skinneriano.

Por outro lado, a importância da ciência do comportamento humano para o discurso metafilosófico skinneriano não pode ser ignorada. O conhecimento científico sobre o comportamento humano instrui parte das discussões de Skinner sobre a filosofia. Nesse sentido, a discussão promovida por Skinner sobre o uso da introspecção pela filosofia é ilustrativa (e.g. Skinner, 1945/1984j, 1963/1982b, 1971, 1974, 1975/1978h, 1987/1989f, 1990/1999d). Ao longo das suas discussões sobre o uso da introspecção no estudo do comportamento humano, Skinner usou do conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano para demonstrar as limitações do conhecimento produzido por meio da introspecção. Dessa forma, Skinner (1945/1984j, 1971, 1974, 1987/1989f) reconheceu a privacidade como um dos impeditivos para a organização de contingências precisas pela comunidade verbal. Essa impossibilidade de organizar contingências verbais precisas, por sua vez, acarretaria, de acordo com o autor, na imprecisão inerente à linguagem introspectiva. A introspecção, método privilegiado por filósofos de acordo com Skinner (1963/1982b, 1971, 1974, 1975/1978h, 1987/1989f, 1990/1999d), seria, portanto, um método pouco adequado para o estudo do comportamento humano.

O exemplo acima exemplifica como o conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano orientou algumas das discussões promovidas por Skinner sobre a filosofia. Em especial, demonstra como o conhecimento científico do comportamento humano favoreceu o reconhecimento dos limites dos métodos usados por filósofos na produção de conhecimento sobre o ser humano. Dessa forma, apesar de caracterizar um discurso filosófico sobre a filosofia, a metafilosofia comportamentalista radical não é alheia à ciência do comportamento humano. O conhecimento científico sobre o comportamento humano instruiu

o discurso metafilosófico skinneriano, marcando uma relação intrincada entre filosofia e ciência na obra de Skinner. Essa relação estreita entre filosofia e ciência parece estar de acordo com as representações da Análise do Comportamento propostas por Tourinho (1999, 2003), Carvalho Neto (2002) e Dittrich (2011).

Ainda de acordo com essas representações, é possível defender que mesmo quando a ciência do comportamento humano se encarrega de produzir um discurso sobre a filosofia – aproximando o discurso skinneriano e a metafilosofia naturalizada como proposta por Morrow e Sula (2011) –, o Comportamentalismo Radical ainda instrui a investigação científica do comportamento filosófico. Como defendido ao longo do trabalho, Skinner (1963/1982b, 1987/1989g, 1989b) defendeu que o Comportamentalismo Radical formula uma concepção de comportamento que torna possível uma ciência autônoma do comportamento humano. A possibilidade dessa ciência depende dessa concepção própria de comportamento, originada nessa filosofia do comportamento e viabilizada por desenvolvimentos na filosofia da ciência. O papel da filosofia aproxima-se ao proposto por Zilio (2019), em que a filosofia articula os pressupostos teóricos da ciência do comportamento humano.

Desse modo, filosofia e ciência encontram-se articuladas no discurso skinneriano sobre a filosofia. Ao longo de sua obra, Skinner (1974, 1983) defendeu que a ciência pode oferecer uma interpretação original da filosofia, destacando sua dimensão comportamental. Contemporaneamente, essa defesa é compatível com a afirmação de Marr (2019) de que a Análise do Comportamento propõe que “*todo* comportamento humano é objeto de seu interesse – incluindo a própria filosofia, compromissos metafísicos e tudo, como ‘comportamento verbal’. . . . Portanto, a filosofia, em princípio, está tão sujeita ao tratamento científico quanto a fotossíntese” (p. 86). No entanto, como exemplificado pelas próprias discussões de Skinner, esse projeto ocupa apenas parte do discurso skinneriano sobre a filosofia. A maior parte das discussões de Skinner sobre a filosofia possui uma natureza

distinta, envolvendo a avaliação das práticas filosóficas tradicionais e suas consequências, bem como a promoção do Comportamentalismo Radical como uma filosofia original. São, portanto, discussões filosóficas sobre a natureza da filosofia. E, como defendido anteriormente, mesmo a investigação científica da filosofia não está isenta da filosofia. Por outro lado, o conhecimento científico sobre o comportamento humano pode instruir discussões sobre a filosofia. Na obra skinneriana, há uma relação intrincada entre filosofia e ciência na discussão da própria filosofia, um tema recorrente em sua obra.

Considerações finais

A investigação da concepção de filosofia desenvolvida por Skinner ao longo de sua obra pode ser compreendida tanto no contexto da reflexão metafilosófica (Overgaard et al., 2013; Rescher, 2014) quanto nas relações entre Análise do Comportamento e filosofia (Carvalho Neto, 2002; Dittrich, 2011; Tourinho, 1999, 2003; Zilio, 2019). A pesquisa de natureza teórico-conceitual desenvolvida visou, portanto, apresentar uma posição metafilosófica compatível com as afirmações de Skinner sobre a filosofia. Tomando por base as declarações de Skinner sobre a filosofia, a pesquisa buscou oferecer uma interpretação dos compromissos metafilosóficos assumidos por Skinner. Dessa forma, houve uma sistematização das menções de Skinner à filosofia, organizando-as de acordo com categorias desenvolvidas no contexto da literatura metafilosófica.

Orientada por essas categorias metafilosóficas, foi possível reconhecer duas dimensões das discussões de Skinner sobre a filosofia: uma dimensão descritiva e uma dimensão prescritiva. Por um lado, em sua dimensão descritiva, Skinner destacou a filosofia como uma das áreas do conhecimento tradicionais que estão interessadas na compreensão do comportamento humano. Esse esforço de descrever a filosofia se deu na forma de uma avaliação crítica de sua concepção de comportamento humano (ser humano autônomo e uso de substitutos atuais na explicação do comportamento), de suas bases metodológicas (uso da introspecção e da linguagem introspectiva) e de suas contribuições para a compreensão do comportamento humano e para a sobrevivência das culturas (contribuições e atrasos na compreensão do comportamento humano, bem como na solução dos problemas que as culturas enfrentam). Apesar de reconhecer eventuais contribuições da filosofia, Skinner destacou as limitações do conhecimento sobre o comportamento humano produzido pela filosofia decorrentes de sua concepção de comportamento e do uso da introspecção como método.

Em sua dimensão prescritiva, por outro lado, Skinner propôs uma filosofia original: o Comportamentalismo Radical. Apesar de ser por vezes definido de modo restrito pelo autor como filosofia da ciência do comportamento, o Comportamentalismo Radical é melhor compreendido como uma filosofia do comportamento geral na medida em que apresenta uma concepção original de comportamento humano. Essa filosofia, por um lado, articula uma concepção de comportamento que torna uma ciência autônoma do comportamento possível e, por outro, é instruída pelo conhecimento produzido por essa ciência do comportamento para oferecer soluções originais aos problemas filosóficos tradicionais – o conhecimento, a privacidade, a própria filosofia. O objetivo do Comportamentalismo Radical seria, por fim, a promoção do desenvolvimento de uma ciência autônoma do comportamento humano. Por sua vez, essa ciência atuaria na promoção da sobrevivência das culturas ao contribuir com a solução dos problemas humanos candentes como poluição, superpopulação e devastação do meio ambiente (Skinner, 1971).

Na medida em que, a partir das declarações de Skinner sobre a filosofia, foi possível formular respostas às questões metafilosóficas tal como formuladas por Overgaard et al. (2013) – a saber: *O que é filosofia? Como se faz filosofia? Para que fazer filosofia?* –, parece legítimo afirmar que Skinner desenvolveu uma concepção metafilosófica própria. Este trabalho buscou contribuir com as discussões na literatura comportamentalista radical sobre a filosofia por meio da sistematização das afirmações de Skinner sobre a filosofia, articulando uma interpretação dos compromissos metafilosóficos de Skinner instruída pela literatura metafilosófica.

As discussões de Skinner sobre a filosofia, apresentadas neste trabalho, sugerem a defesa de uma relação próxima entre ciência e filosofia. Essa proximidade parece comprometer o pensamento skinneriano com uma forma de naturalismo filosófico. Como indicado, mesmo nas discussões metafilosóficas, Skinner articulou ciência e filosofia: a

filosofia como um tema de reflexão ao Comportamentalismo Radical e a filosofia como um objeto de investigação da Análise do Comportamento. Além disso, a reflexão comportamentalista é instruída pelo conhecimento produzido pela ciência do comportamento humano. Por outro lado, a investigação científica da filosofia é orientada pela concepção comportamentalista de comportamento humano. Desse modo, ciência e filosofia são integradas no pensamento skinneriano.

Apesar dessas possíveis contribuições, é possível indicar algumas limitações desta pesquisa. Em especial, parece possível levantar dúvidas sobre a adequação da descrição que Skinner realiza sobre a filosofia tradicional. Como afirmado anteriormente, Skinner nunca escreveu um texto dedicado à discussão da filosofia e sua posição sobre a filosofia só pode ser articulada a partir de comentários não-sistemáticos encontrados ao longo de sua obra. Sua descrição da filosofia, no entanto, apresenta significativa regularidade. Essa regularidade na descrição da filosofia vai na contramão da descrição de Overgaard et al. (2013), Rescher (2014) e Plant (2017), que destacam a diversidade de práticas que caracterizam a filosofia. É possível questionar se Skinner não estava subestimando a diversidade característica da filosofia e desconsiderando possíveis aproximações com diferentes tradições filosóficas – algumas das quais o autor eventualmente reconheceu (e.g., Skinner, 1967/1982a, 1984a, 1987/1989g).

O reconhecimento de eventuais limitações na precisão da descrição de Skinner da filosofia não implica que suas considerações não sejam pertinentes. Apesar de ser possível afirmar que sua crítica à concepção tradicional de comportamento não é aplicável à filosofia como um todo, é possível defender que ela é relevante para parte da filosofia – e, como apresentado, para alguns outros campos do conhecimento interessado no comportamento humano. Consideração semelhante pode ser aplicada à discussão que Skinner realiza sobre o papel da introspecção na produção de conhecimento sobre o ser humano: apesar do seu uso na

filosofia ser, como defendem Overgaard et al. (2013), mais limitado do que parece sugerir Skinner, sua discussão sobre as limitações da introspecção e da imprecisão inerente à linguagem dos sentimentos mantém sua relevância.

Uma última contribuição deste trabalho é a de, seguindo as declarações de Skinner sobre a filosofia, compreender a filosofia no âmbito da cultura. A filosofia não se encontra para além da cultura ou do comportamento; pelo contrário, a filosofia deve ser compreendida a partir do comportamento e das práticas culturais. A adoção de determinadas filosofias não está, portanto, isenta do controle de variáveis ambientais atuais e passadas. Além disso, filosofias apresentam relevantes consequências para os indivíduos e para as culturas. Nas discussões de Skinner, os impactos das diferentes filosofias na cultura, em especial na sobrevivência das culturas, são destacados. A avaliação de uma filosofia depende, nessa perspectiva, de uma avaliação de suas consequências. Este trabalho buscou contribuir com o esclarecimento da avaliação que Skinner realizou da filosofia e das consequências que buscou produzir com sua produção intelectual.

Referências

- Abib, J. A. D. (1993a). “A psicologia é ciência?” O que é ciência? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 451-464.
- Abib, J. A. D. (1993b). “A psicologia é ciência?” Ciência é articulação de discursos da filosofia, da história da ciência e da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 465-486.
- Abib, J. A. D. (1998). Virada social na historiografia da psicologia e independência institucional da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(1), 77-84.
<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17311>
- Abib, J. A. D. (2001). Arqueologia do behaviorismo radical e o conceito de mente. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (1a ed, Vol. 7, pp. 20-35). ESETec Editores Associados.
- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. (2004). Publicações de B. F. Skinner: De 1930 a 2004. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 93-134.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-55452004000100010
- Azoubel, M. S. (2017). Considerações sobre dogmatismo teórico no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 13(2), 19-27.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v13i2.5902>
- Burgos, J. E. (2020). A Goldilocks approach to the philosophy-science relation. *Behavior and Philosophy*, 48(1), 47-68. <https://behavior.org/wp-content/uploads/2021/05/BP-V48-7-BURGOS-revised.pdf>
- Carrara, K. (1994). Implicações dos conceitos de teoria e pesquisa na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(1), 41-47.

- Carrara, K., & Strapasson, B. A. (2014). Em que sentido(s) é radical o Behaviorismo Radical? *Acta Comportamentalia*, 22(1), 101-115.
<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/48854>
- Carvalho Neto, M. B. de. (2002). Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13–18. <https://doi.org/10.5380/psi.v6i1.3188>
- Day, W. (1983). On the difference between radical and methodological behaviorism. *Behaviorism*, 11(1), 89–102. <https://www.jstor.org/stable/27759016>
- Dittrich, A. (2010). Ética e comportamento. Em E. Z. Tourinho, & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do Comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 37-59). Roca.
- Dittrich, A. (2011). Possibilidades da investigação conceitual/filosófica na análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 15(n. especial), 27–33.
<https://doi.org/10.5380/psi.v15i0.25369>
- Dittrich, A., & Abib, J. A. D. (2004). O sistema ético skinneriano e consequências para a prática dos analistas do comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 427-433. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300014>
- Fester, C. B., & Skinner, B. F. (1957). *Schedules of reinforcement*. Appleton-Century-Crofts.
- Guerin, B. (2020). From “what is philosophy” to “the behavior of philosophers”. *Behavior and Philosophy*, 48(1), 69–81. <https://behavior.org/wp-content/uploads/2021/05/BP-V48-8-Guerin.pdf>
- Holland, J. G., & Skinner, B. F. (1961). *The analysis of behavior: A program for self-instruction*. McGraw Hill.

- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. Em C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. de F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41–69). Hogrefe CETEPP.
- Laurenti, C., Lopes, C. E., & Abib, J. A. D. (2020). On usefulness of the useless: Philosophy as the consciousness of scientific knowledge. *Behavior and Philosophy*, 48(1), 91–108. <https://behavior.org/wp-content/uploads/2021/05/BP-V48-10-Laurenti-Lopes-Abib-RP.pdf>
- Lazerowitz, M. (1970). A note on metaphilosophy. *Metaphilosophy*, 1(1), 91. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9973.1970.tb00792.x>
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2023). Sobre a tradução brasileira de Science and Human Behavior. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 48-57. <https://doi.org/10.18761/shb047023>
- Malavazzi, D. M., & Micheletto, N. (2021). Interpretação: um objetivo e um método da ciência de B. F. Skinner. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, 1-11. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37217>
- Marcondes, D., & Franco, I. (2011). *A filosofia: O que é? Para que serve?* Zahar.
- Marr, M. J. (2020). The shadow of metaphysics. *Behavior and Philosophy*, 48(1), 82–90. <https://behavior.org/wp-content/uploads/2021/05/BP-V48-9-Marr.pdf>
- Michael, J. (1977). Radical behaviorism as a way of life. Em J. E. Krapfl, & E. Vargas (Eds.), *Behaviorism and ethics* (pp. 293-303). Behaviordelia.
- Morrow, D. R., & Sula, C. A. (2011). Naturalized metaphilosophy. *Synthese*, 182, 297-313. <https://doi.org/10.1007/s11229-009-9662-1>
- Overgaard, S., Gilbert, P., & Burwood, S. (2013). *An introduction to metaphilosophy*. Cambridge University Press.

- Plant, B. (2017). On the domain of metaphilosophy. *Metaphilosophy*, 48(1-2), 3-24.
<https://doi.org/10.1111/meta.12228>
- Rescher, N. (2014). *Metaphilosophy: Philosophy in philosophical perspective*. Lexington Books.
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms: An experimental analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1948). *Walden Two*. Macmillan.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. Macmillan.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1968a). The science of learning and the art of teaching. Em B. F. Skinner, *The technology of teaching* (pp. 30-45). Appleton-Century-Crofts. (Obra original publicada em 1954)
- Skinner, B. F. (1968b). The technology of teaching. Em B. F. Skinner, *The technology of teaching* (pp. 74-104). Appleton-Century-Crofts. (Obra original publicada em 1965)
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969a). Note 4.5: A technology of behavior. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 95-98). Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969b). Note 7.4: Agression. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 208-216). Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969c). Note 8.1: Private stimuli. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 242-243). Appleton-Century-Crofts.

- Skinner, B. F. (1969d). Note 8.11: The death of behaviorism. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 267-268). Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969e). The experimental analysis of behavior. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 75-86). Appleton-Century-Crofts. (Obra original publicada em 1966)
- Skinner, B. F. (1969f). The inside story. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 269-297). Appleton-Century-Crofts. (Obra original publicada em 1968)
- Skinner, B. F. (1969g). The role of the environment. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 3-22). Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969h). Utopia as an experimental culture. Em B. F. Skinner, *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 29-49). Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1976). *Particular of my life*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1978a). Are we free to have a future? Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 16-32). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1973)
- Skinner, B. F. (1978b). Can we profit from our discovery of behavioral science? Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 83-96). Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1978c). Designing higher education. Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 149-159). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1974)

- Skinner, B. F. (1978d). Freedom and dignity revisited. Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 195-198). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1972)
- Skinner, B. F. (1978e). Human behavior and democracy. Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 3-15). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1977)
- Skinner, B. F. (1978f). Reflections on meaning and structure. Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 176-187). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1973)
- Skinner, B. F. (1978g). The free and happy student. Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 140-148). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1973)
- Skinner, B. F. (1978h). The steep and thorny way to a science of behavior. Em B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 68-82). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1975)
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). *Notebooks*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1982). *Skinner for the classroom: Selected papers*. Research Press.
- Skinner, B. F. (1982a). B. F. Skinner An autobiography. Em B. F. Skinner, *Skinner for the classroom: Selected papers* (pp. 9-38). Research Press. (Obra original publicada em 1967)
- Skinner, B. F. (1982b). Behaviorism at fifty. Em B. F. Skinner, *Skinner for the classroom: Selected papers* (pp. 115-134). Research Press. (Obra original publicada em 1963)

- Skinner, B. F. (1982c). Freedom and the control of man. Em B. F. Skinner, *Skinner for the classroom: Selected papers* (pp. 135-152). Research Press. (Obra original publicada em 1955)
- Skinner, B. F. (1982d). What is psychotic behavior? Em B. F. Skinner, *Skinner for the classroom: Selected papers* (pp. 223-242). Research Press. (Obra original publicada em 1956)
- Skinner, B. F. (1983). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1984). Canonical papers of B. F. Skinner. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 473–724.
- Skinner, B. F. (1984a). Coming to terms with private events. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 572–579.
- Skinner, B. F. (1984b). Contingencies and rules. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 607–612.
- Skinner, B. F. (1984c). Methods and theories in the experimental analysis of behavior. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 511–523.
- Skinner, B. F. (1984d). Phylogenic and ontogenic environments. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 701–707.
- Skinner, B. F. (1984e). Reply to Catania. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 718–719.
- Skinner, B. F. (1984f). Reply to Harnad. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 721–723.
- Skinner, B. F. (1984g). Representations and misrepresentations. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 655–665.
- Skinner, B. F. (1984h). Selection by consequences. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 477–481. (Obra original publicada em 1981)

- Skinner, B. F. (1984i). Some consequences of selection. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 502–509.
- Skinner, B. F. (1984j). The operational analysis of psychological terms. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 547–553. (Obra original publicada em 1945)
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1987a). Can the experimental analysis of behavior rescue psychology? Em B. F. Skinner, *Upon further reflection* (pp. 159-172). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1983)
- Skinner, B. F. (1987b). Cognitive science and behaviorism. Em B. F. Skinner, *Upon further reflection* (pp. 93-111). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1985)
- Skinner, B. F. (1987c). Some thoughts about the future. Em B. F. Skinner, *Upon further reflection* (pp. 193-206). Prentice-Hall. (Obra original publicada em 1986)
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Merrill.
- Skinner, B. F. (1989a). New preface to *Beyond freedom and dignity*. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 113-120). Merill.
- Skinner, B. F. (1989b). The behavior of organisms at 50. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 121-135). Merill.
- Skinner, B. F. (1989c). The listener. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 35-48). Merill.
- Skinner, B. F. (1989d). The operant side of behavior therapy. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 73-84). Merill. (Obra original publicada em 1988)
- Skinner, B. F. (1989e). The origins of cognitive thought. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 13-26). Merill.

- Skinner, B. F. (1989f). The place of feeling in the analysis of behavior. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 3-12). Merrill. (Obra original publicada em 1987)
- Skinner, B. F. (1989g). Whatever happened to psychology as the science of behavior. Em B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 59-72). Merrill.
- Skinner, B. F. (1999). *Cumulative record* (Definitive edition). Copley Publishing Group.
- Skinner, B. F. (1999a). A case history in scientific method. Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 115-141). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1956)
- Skinner, B. F. (1999b). A quantitative estimate of certain types of sound-patterning in poetry. Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 388-402). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1941)
- Skinner, B. F. (1999c). Are theories of learning necessary? Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 78-108). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1950)
- Skinner, B. F. (1999d). Can psychology be a science of mind? Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 576-584). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1990)
- Skinner, B. F. (1999e). Current trends in experimental psychology. Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 316-329). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1947)
- Skinner, B. F. (1999f). "Man". Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 64-69). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1964)

- Skinner, B. F. (1999g). Some issues concerning the control of human behavior. Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 43-54). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1956)
- Skinner, B. F. (1999h). The flight from the laboratory. Em B. F. Skinner, *Cumulative record* (Definitive edition, pp. 330-342). Copley Publishing Group. (Obra original publicada em 1959)
- Skinner, B. F., & Vaughan, M. E. (1983). *Enjoy old age: A program of self-management*. W. Norton.
- Strapasson, B. A., Magalhães, F. G., & Custódio, J. K. (2013). Comunicação entre a pesquisa básica, aplicada e teórica na análise do comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Interação em Psicologia*, 17(1), 117–128.
<https://doi.org/10.5380/psi.v17i1.26496>
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213–222.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000300003
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: A análise do comportamento. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(2), 30–41.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000200006&script=sci_arttext
- Zilio, D. (2019). O que nos torna analistas do comportamento? A teoria como elemento integrador. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 233–249.
<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69862>
- Zilio, D. (2020). The function of philosophy to behavior analysis [Editorial]. *Behavior and Philosophy*, 48, i-iv. <https://www.jstor.org/stable/27134631>

Zilio, D., & Carrara, K. (2009). B. F. Skinner: teórico da ciência e teórico da moral? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *61*(2), 1-11.

Zurriff, G. E. (2002). Philosophy of behaviorism. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *77*, 367-371. <https://doi.org/10.1901/jeab.2002.77-367>

Apêndices

Apêndice A

Número de ocorrências do radical “philosoph” por capítulo de livro

Tabela 4

Número total de ocorrências do radical “philosoph” por artigo ou capítulo de livro publicado por Skinner, divididos por década de publicação e quantidade total de ocorrência por década

Décadas de Publicação	Publicações	Ocorrências de <i>philosoph</i> por publicação	Ocorrências de <i>philosoph</i> por década
1930	<i>The concept of reflex in the description of behavior</i> (1931/1999)	3	12
	<i>Has Gertrude Stein a secret?</i> (1934/1999)	1	
	<i>Temporal discrimination of the stimulus</i> (1938)	1	
	<i>Conclusion</i> (1938)	5	
	<i>The behavior of the organisms</i> (1938)	1	
	<i>The alliteration in Shakespeare’s sonnets: a study in literary behavior</i> (1939/1999)	1	
1940	<i>A quantitative estimate of certain types sound-patterning in poetry</i> (1941/1999)	1	7
	<i>The operational analysis of psychological terms</i> (1945/1984)	6	
	<i>Current trends in experimental psychology</i> (1947/1999)	1	
1950	<i>Can science help?</i> (1953)	3	
	<i>A science of behavior</i> (1953)	4	
	<i>Why organisms behave</i> (1953)	1	
	<i>The controlling environment</i> (1953)	1	
	<i>Private events in a natural science</i> (1953)	1	
	<i>Government and law</i> (1953)	1	
	<i>Religion</i> (1953)	2	
	<i>Psychotherapy</i> (1953)	1	

	<i>The problem of control</i> (1953)	10	
	<i>The science of learning and the art of teaching</i> (1954/1968)	2	
	<i>Freedom and the control of man</i> (1955/1982)	11	
	<i>Freedom and the control of man (Abstract)</i> (1955/1999)	1	
	<i>Some issues concerning the control of human behavior</i> (1956/1999)	4	
	<i>A case history in scientific method</i> (1956/1999)	2	
	<i>A critique of psychoanalytic concepts and theories</i> (1956/1999)	2	
	<i>Psychology in the understanding of mental disease</i> (1956/1999)	1	
	<i>What is psychotic behavior?</i> (1956/1982)	2	
	<i>A functional analysis of verbal behavior</i> (1957)	2	
	<i>The tact</i> (1957)	2	
	<i>Multiple causation</i> (1957)	1	
	<i>Supplementary stimulation</i> (1957)	2	
	<i>New combinations of fragmentary responses</i> (1957)	2	
	<i>The autoclitic</i> (1957)	1	
	<i>Composition and its effects</i> (1957)	4	
	<i>Thinking</i> (1957)	1	
	<i>John Broadus Watson, Behaviorist</i> (1959/1999)	3	
	<i>The flight from the laboratory</i> (1959/1999)	7	74
1960	<i>Philosophies as descriptions of contingencies</i> (1960/1980)	2	
	<i>The design of cultures</i> (1961/1999)	4	
	<i>Why we need teaching machines</i> (1961/1999)	1	
	<i>Behaviorism at fifty</i> (1963/1982)	11	

<i>Reflections on a decade of teaching machines</i> (1963/1999)	1
“Man” (1964/1999)	2
<i>Spengler</i> (1964/1980)	3
<i>The technology of teaching</i> (1965/1968)	2
<i>Why teachers fail</i> (1965/1968)	3
<i>A behavioral history</i> (1966/1980)	1
<i>The experimental analysis of behavior</i> (1966/1969)	1
<i>B. F. Skinner... An autobiography</i> (1967/1982)	12
<i>A review of teaching</i> (1968)	1
<i>Epistemology</i> (1968/1980)	1
<i>Phony philosophe</i> (1968/1980)	3
<i>Teaching science in high school—what is wrong?</i> (1968/1999)	1
<i>Teaching thinking</i> (1968)	1
<i>The behavior of the establishment</i> (1968)	1
<i>The design of experimental communities</i> (1968/1999)	1
<i>The inside history</i> (1968/1969)	1
<i>The technology of teaching</i> (1968)	2
<i>Contingencies of reinforcement</i> (1969)	6
<i>Contingency management in the classroom</i> (1969/1999)	2
<i>Note 4.5: A technology of behavior</i> (1969)	4
<i>Note 6.4: Differences between rule-governed and contingency-shaped behavior</i> (1969)	1
<i>Note 7.4: Aggression</i> (1969)	1
<i>Note 8.1: Private stimuli</i> (1969)	1

	<i>Note 8.11: The death of behaviorism (1969)</i>	1	
	<i>The role of environment (1969)</i>	1	
	<i>Utopia as an experimental culture (1969)</i>	7	79
1970	<i>Creating the creative artist (1970/1999)</i>	1	
	<i>A technology of behavior (1971)</i>	3	
	<i>Freedom (1971)</i>	5	
	<i>The design of culture (1971)</i>	1	
	<i>What is man? (1971)</i>	4	
	<i>A lecture on "having" a poem (1972/1982)</i>	2	
	<i>Freedom and dignity revisited (1972/1978)</i>	1	
	<i>Some implications of making education more efficient (1972/1978)</i>	1	
	<i>Some relations between behavior modification and basic research (1972/1999)</i>	3	
	<i>Are we free to have a future? (1973/1978)</i>	3	
	<i>Reflections on meaning and structure (1973/1978)</i>	1	
	<i>The free and happy student (1973/1978)</i>	2	
	<i>About behaviorism (1974)</i>	3	
	<i>Introduction (1974)</i>	4	
	<i>The causes of behavior (1974)</i>	5	
	<i>Operant behavior (1974)</i>	1	
	<i>Perceiving (1974)</i>	1	
	<i>Knowing (1974)</i>	1	
	<i>The inner world of motivation and emotion (1974)</i>	1	
	<i>The question of control (1974)</i>	1	
	<i>Summing up (1974)</i>	12	

	<i>Designing higher education</i> (1974/1978)	4	
	<i>Philosophy</i> (1975/1980)	3	
	<i>The steep and thorny way to a science of behavior</i> (1975/1978)	4	
	<i>Particulars of my life</i> (1976)	14	
	<i>Healing a feeling?</i> (1976/1980)	1	
	<i>Russell on storage</i> (1976/1980)	1	
	<i>Walden Two revisited</i> (1976/1978)	1	
	<i>Human behavior and democracy</i> (1977/1978)	3	
	<i>Knowledge by acquaintance and knowledge by description</i> (1977/1980)	2	
	<i>Protest</i> (1977/1980)	1	
	<i>The experimental analysis of behavior (a history)</i> (1977/1978)	5	
	<i>Can we profit from our discovery of behavioral science?</i> (1978)	2	
	<i>Reflections on behaviorism and society</i> (1978)	2	
	<i>The shaping of a behaviorist</i> (1979)	42	141
1980	<i>Notebooks</i> (1980)	5	
	<i>How to discover what you have to say: a talk to students</i> (1981/1987)	2	
	<i>Selection by consequences</i> (1981/1984)	1	
	<i>Postscript: A case history in scientific method</i> (1982)	1	
	<i>Postscript: Behaviorism at fifty</i> (1982)	3	
	<i>Postscript: B. F. Skinner... An autobiography</i> (1982)	2	
	<i>Postscript: Symbolic communication between two pigeons</i> (1982)	1	
	<i>Skinner for the classroom</i> (1982)	5	

<i>Can the experimental analysis of behavior rescue psychology?</i> (1983/1987)	3
<i>A matter of consequences</i> (1983)	78
<i>Preface</i> (1983)	1
<i>Thinking clearly</i> (1983)	2
<i>"A necessary end"</i> (1983)	1
<i>Coming to terms with private events</i> (1984)	15
<i>Contingencies and rules</i> (1984)	3
<i>Methods and theories in the experimental analysis of behavior</i> (1984)	5
<i>Phylogenic and ontogenic environments</i> (1984)	2
<i>Reply to Catania</i> (1984)	1
<i>Reply to Harnad</i> (1984)	4
<i>Representations and misrepresentations</i> (1984)	6
<i>Some consequences of selection</i> (1984)	2
<i>Theoretical contingencies</i> (1984)	1
<i>Cognitive science and behaviorism</i> (1985/1987)	5
<i>News from nowhere, 1984</i> (1985/1987)	1
<i>Some thoughts about the future</i> (1986/1987)	1
<i>Laurence Smith's Behaviorism and logical positivism</i> (1987/1989)	4
<i>The place of feeling in the analysis of behavior</i> (1987/1989)	4
<i>Whatever happened to psychology as the science of behavior</i> (1987/1989)	4
<i>The operant side of behavior therapy</i> (1988/1989)	4
<i>A new preface to Beyond freedom and dignity</i> (1989)	1
<i>Recent issues in the analysis of behavior</i> (1989)	4

	<i>The behavior of the organisms at 50</i> (1989)	3	
	<i>The listener</i> (1989)	2	
	<i>The origins of cognitive thought</i> (1989)	5	181
1990	<i>Can psychology be a science of mind?</i> (1990/1999)	4	
	<i>Cumulative record</i> (1999)	4	8
TOTAL			504

Apêndice B

Número de ocorrências do radical “philosoph” selecionadas para análise por capítulo de livro

Tabela 5

Número de ocorrências selecionadas para análise do radical “philosoph” por artigo ou capítulo de livro publicado por Skinner, divididos por década de publicação e quantidade total de ocorrência por década

Décadas de Publicação	Publicações	Ocorrências de <i>philosoph</i> por publicação	Ocorrências de <i>philosoph</i> por década
1930	<i>The concept of reflex in the description of behavior</i> (1931/1999)	3	
	<i>Temporal discrimination of the stimulus</i> (1938)	1	
	<i>Conclusion</i> (1938)	4	
	<i>The alliteration in Shakespeare’s sonnets: a study in literary behavior</i> (1939/1999)	1	9
1940	<i>A quantitative estimate of certain types sound-patterning in poetry</i> (1941/1999)	1	
	<i>The operational analysis of psychological terms</i> (1945/1984)	5	
	<i>Current trends in experimental psychology</i> (1947/1999)	1	7
1950	<i>Can science help?</i> (1953)	3	
	<i>A science of behavior</i> (1953)	4	
	<i>Why organisms behave</i> (1953)	1	
	<i>The controlling environment</i> (1953)	1	
	<i>Private events in a natural science</i> (1953)	1	
	<i>Government and law</i> (1953)	1	
	<i>Religion</i> (1953)	2	
	<i>Psychotherapy</i> (1953)	1	
	<i>The problem of control</i> (1953)	10	
<i>The science of learning and the art of teaching</i>	2		

	(1954/1968)	
	<i>Freedom and the control of man</i> (1955/1982)	10
	<i>Freedom and the control of man (Abstract)</i> (1955/1999)	1
	<i>Some issues concerning the control of human behavior</i> (1956/1999)	3
	<i>A case history in scientific method</i> (1956/1999)	2
	<i>A critique of psychoanalytic concepts and theories</i> (1956/1999)	1
	<i>Psychology in the understanding of mental disease</i> (1956/1999)	1
	<i>What is psychotic behavior?</i> (1956/1982)	2
	<i>A functional analysis of verbal behavior</i> (1957)	2
	<i>The tact</i> (1957)	2
	<i>Multiple causation</i> (1957)	1
	<i>Supplementary stimulation</i> (1957)	2
	<i>New combinations of fragmentary responses</i> (1957)	1
	<i>Composition and its effects</i> (1957)	1
	<i>Thinking</i> (1957)	1
	<i>John Broadus Watson, Behaviorist</i> (1959/1999)	3
	<i>The flight from the laboratory</i> (1959/1999)	6
		65
1960	<i>Philosophies as descriptions of contingencies</i> (1960/1980)	1
	<i>The design of cultures</i> (1961/1999)	4
	<i>Why we need teaching machines</i> (1961/1999)	1
	<i>Behaviorism at fifty</i> (1963/1982)	9
	<i>Reflections on a decade of teaching machines</i> (1963/1999)	1
	<i>“Man”</i> (1964/1999)	1

	<i>The technology of teaching</i> (1965/1968)	2	
	<i>Why teachers fail</i> (1965/1968)	3	
	<i>A behavioral history</i> (1966/1980)	1	
	<i>The experimental analysis of behavior</i> (1966/1969)	1	
	<i>B. F. Skinner... An autobiography</i> (1967/1982)	5	
	<i>A review of teaching</i> (1968)	1	
	<i>Teaching science in high school—what is wrong?</i> (1968/1999)	1	
	<i>Teaching thinking</i> (1968)	1	
	<i>The behavior of the establishment</i> (1968)	1	
	<i>The design of experimental communities</i> (1968/1999)	1	
	<i>The inside history</i> (1968/1969)	1	
	<i>Contingency management in the classroom</i> (1969/1999)	2	
	<i>Note 4.5: A technology of behavior</i> (1969)	4	
	<i>Note 7.4: Aggression</i> (1969)	1	
	<i>Note 8.1: Private stimuli</i> (1969)	1	
	<i>Note 8.11: The death of behaviorism</i> (1969)	1	
	<i>The role of environment</i> (1969)	1	
	<i>Utopia as an experimental culture</i> (1969)	6	51
<hr/>			
1970	<i>Creating the creative artist</i> (1970/1999)	1	
	<i>A technology of behavior</i> (1971)	3	
	<i>Freedom</i> (1971)	5	
	<i>What is man?</i> (1971)	4	
	<i>A lecture on “having” a poem</i> (1972/1982)	1	
	<i>Freedom and dignity revisited</i> (1972/1978)	1	

<i>Some implications of making education more efficient (1972/1978)</i>	1
<i>Some relations between behavior modification and basic research (1972/1999)</i>	3
<i>Are we free to have a future? (1973/1978)</i>	3
<i>Reflections on meaning and structure (1973/1978)</i>	1
<i>The free and happy student (1973/1978)</i>	2
<i>Introduction (1974)</i>	4
<i>The causes of behavior (1974)</i>	5
<i>Operant behavior (1974)</i>	1
<i>Perceiving (1974)</i>	1
<i>Knowing (1974)</i>	1
<i>The inner world of motivation and emotion (1974)</i>	1
<i>The question of control (1974)</i>	1
<i>Summing up (1974)</i>	12
<i>Designing higher education (1974/1978)</i>	4
<i>Philosophy (1975/1980)</i>	2
<i>The steep and thorny way to a science of behavior (1975/1978)</i>	4
<i>Particulars of my life (1976)</i>	8
<i>Healing a feeling? (1976/1980)</i>	1
<i>Walden Two revisited (1976/1978)</i>	1
<i>Human behavior and democracy (1977/1978)</i>	3
<i>Knowledge by acquaintance and knowledge by description (1977/1980)</i>	2
<i>Protest (1977/1980)</i>	1
<i>Can we profit from our discovery of behavioral science? (1978)</i>	2

	<i>The shaping of a behaviorist</i> (1979)	12	91
1980	<i>Selection by consequences</i> (1981/1984)	1	
	<i>Postscript: A case history in scientific method</i> (1982)	1	
	<i>Postscript: Behaviorism at fifty</i> (1982)	3	
	<i>Postscript: B. F. Skinner... An autobiography</i> (1982)	2	
	<i>Postscript: Symbolic communication between two pigeons</i> (1982)	1	
	<i>Can the experimental analysis of behavior rescue psychology?</i> (1983/1987)	2	
	<i>A matter of consequences</i> (1983)	40	
	<i>Preface</i> (1983)	1	
	<i>Thinking clearly</i> (1983)	2	
	<i>"A necessary end"</i> (1983)	1	
	<i>Coming to terms with private events</i> (1984)	14	
	<i>Contingencies and rules</i> (1984)	3	
	<i>Methods and theories in the experimental analysis of behavior</i> (1984)	4	
	<i>Phylogenic and ontogenic environments</i> (1984)	2	
	<i>Reply to Catania</i> (1984)	1	
	<i>Reply to Harnad</i> (1984)	4	
	<i>Representations and misrepresentations</i> (1984)	6	
	<i>Some consequences of selection</i> (1984)	2	
	<i>Theoretical contingencies</i> (1984)	1	
	<i>Cognitive science and behaviorism</i> (1985/1987)	4	
	<i>News from nowhere, 1984</i> (1985/1987)	1	
	<i>Some thoughts about the future</i> (1986/1987)	1	
	<i>Laurence Smith's Behaviorism and logical</i>	2	

	<i>positivism (1987/1989)</i>		
	<i>The place of feeling in the analysis of behavior (1987/1989)</i>	3	
	<i>Whatever happened to psychology as the science of behavior (1987/1989)</i>	3	
	<i>The operant side of behavior therapy (1988/1989)</i>	4	
	<i>A new preface to Beyond freedom and dignity (1989)</i>	1	
	<i>The behavior of the organisms at 50 (1989)</i>	2	
	<i>The listener (1989)</i>	2	
	<i>The origins of cognitive thought (1989)</i>	5	119
1990	<i>Can psychology be a science of mind? (1990/1999)</i>	4	
			4
TOTAL			346